



Adérito Filipe Lapo Esteves

**Os critérios económicos como factores predominantes
na construção das manchetes da imprensa diária
desportiva**

- Análise das primeiras páginas de *A Bola*, *O Jogo* e *Record* durante
2010.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2011

Adérito Filipe Lapo Esteves

**Os critérios económicos como factores predominantes
na construção das manchetes da imprensa diária
desportiva**

- Análise das primeiras páginas de *A Bola*, *O Jogo* e *Record* durante
2010.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2011

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,
sob orientação do Professor João Figueira.

Índice

Introdução	5
Metodologia.....	10
Os jornais desportivos actualmente	14
<i>A Bola, Record e O Jogo</i> – os três resistentes	15
<i>A Bola</i>	15
<i>Record</i>	17
<i>O Jogo</i>	19
A “problemática” dos títulos em jornalismo:.....	22
Manchetes do jornal <i>A Bola</i> :.....	25
Tipologia dos títulos utilizados nas manchetes d’ <i>A Bola</i> :.....	38
Os Exclusivos nas manchetes do jornal <i>A Bola</i> :	40
<i>A Bola</i> no mundo (do Haiti a casa “de Saviola”):	41
Interrogações nas manchetes do jornal <i>A Bola</i> :.....	42
Manchetes do jornal <i>Record</i> :.....	44
Tipologia dos títulos utilizados nas manchetes do <i>Record</i> :.....	55
Os exclusivos nas manchetes do jornal <i>Record</i> :	56
Manchetes do jornal <i>O Jogo</i> :.....	58
Tipologia dos títulos utilizados nas manchetes d’ <i>O Jogo</i> :.....	68
Os exclusivos nas manchetes do jornal <i>O Jogo</i> :	69
As entrevistas nas manchetes do jornal <i>O Jogo</i> :	70
A selecção nacional nos jornais desportivos:	72
A selecção nacional no jornal <i>A Bola</i> :	72
A selecção nacional no jornal <i>Record</i> :	74
A selecção nacional no jornal <i>O Jogo</i> :	75
O mercado de transferências nos jornais desportivos:.....	77
O mercado de transferências nas manchetes do jornal <i>A Bola</i> :	78
O mercado de transferências nas manchetes do jornal <i>Record</i> :	80
O mercado de transferências nas manchetes do jornal <i>O Jogo</i> :	82
Chamadas de capa nos jornais desportivos.....	85

Chamadas de capa no jornal <i>A Bola</i>	85
Géneros jornalísticos nas chamadas de capa do jornal <i>A Bola</i>	87
Chamadas de capa no jornal <i>Record</i>	88
Géneros jornalísticos nas chamadas de capa do jornal <i>Record</i>	90
Chamadas de capa no jornal <i>O Jogo</i>	91
Géneros jornalísticos nas chamadas de capa do jornal <i>O Jogo</i>	94
Títulos falsos, ou divorciados?	95
Títulos falsos no jornal <i>Record</i>	96
Títulos falsos no jornal <i>A Bola</i>	97
Títulos falsos no jornal <i>O Jogo</i>	99
Critérios na selecção da informação das capas dos jornais:.....	101
Conclusão	104
Os jornais desportivos portugueses “vestem a camisola”?	107
Bibliografia.....	110
Anexos	
Entrevista com Vítor Serpa	
Entrevista com José Manuel Ribeiro	

Introdução

O jornalismo desportivo enfrenta e protagoniza, desde sempre, um conflito consigo próprio: luta contra os preconceitos dos que nos órgãos generalistas consideram o Desporto uma secção ou editoria menos nobre; e tem de se haver com os públicos que olham para o jornalista desportivo como alguém menos honesto, sempre que escreve algo que desagrada ou toca nas sempre sensíveis paixões clubistas (Coelho, 2003).

Como podemos perceber pela obra “História da Imprensa Desportiva em Portugal”, da autoria de Francisco Pinheiro, os jornais desportivos em Portugal são uma realidade que conta já com mais de um século de publicações. Neste meu estudo, a análise irá centrar-se na imprensa diária desportiva. Assim, diz-nos a história que “o primeiro periódico a surgir com um título genérico (sem conotações com uma modalidade) e conteúdos desportivos diversificados foi *O Sport*, publicado em Lisboa, em 22 de Janeiro de 1894” (Pinheiro, 2006: 34).

Aí começava a história de um tipo muito específico de jornalismo, que desbravaria os seus trilhos, para alcançar o seu lugar no panorama da imprensa portuguesa. As lutas que o jornalismo desportivo teve ao longo deste período de mais de um século, foram muitas e difíceis. Mas o que é certo é que actualmente ninguém tem dúvidas de que as provações que passaram, ao longo de tanto tempo, inúmeros jornalistas, para que o jornalismo desportivo fosse uma realidade, e reconhecido como uma vertente do jornalismo, valeram a pena. E este tipo de imprensa viveu a primeira década do século XXI com a certeza confirmada de que conquistou o seu espaço, e os seus leitores, no seio da sociedade portuguesa.

Actualmente, os objectivos da imprensa desportiva em Portugal andam bem distantes daqueles que motivavam os primeiros periódicos desportivos que surgiram: “a implantação de *O Sport*¹ a um preço «diminuto» daria um forte contributo para que «a leitura de jornais de sport se entranhe em Portugal». Assim, os textos publicados em *O Sport* tinham um cariz mais doutrinário que noticioso, tentando, acima de tudo, criar uma cultura desportiva entre o público leitor, mais até do que informá-lo sobre a ainda pouca prática desportiva do País” (*Ibidem*: 35). Este “espírito de missão pela causa desportiva” (*Ibidem*: 337) ainda se manteve na base editorial de muitos dos jornais desportivos que foram surgindo, durante cerca de sete décadas, e que “só viria a ser abandonado na segunda metade da década de 1970, quando as sociedades comerciais (vocacionadas para um princípio de lucro) começaram a dominar a propriedade dessas publicações” (*Ibidem*: 438).

Para ser mais fácil de perceber a importância dos objectivos preconizados nos primórdios da imprensa desportiva em Portugal, basta atentar no que escreveu Raul de Oliveira², no último número do jornal de que

¹ Apesar do título, não se trata do mesmo jornal da referência anterior, mas antes de um semanário que surgiria depois do encerramento do anterior título, em 12 de Fevereiro de 1897.

² Director do jornal *Os Sports* (1919-1945).

era director, no dia em que encerrou 26 anos de “serviço” ao jornalismo desportivo, a 4 de Abril de 1945: «Quando um dia mais tarde se fizer com a necessária calma a história do desporto em Portugal, ter-se-á de prestar justiça ao contributo da imprensa no desenvolvimento e expansão dos exercícios físicos. Neste sector, talvez mais do que em qualquer outro da vida nacional, os jornais aparecem intimamente ligados a tudo o que se fez para chegarmos às realidades de hoje.» (Cit. In Pinheiro, 2011:269).

O que é certo, é que o objectivo idealizado no editorial do semanário *O Sport*, em 1897 foi conseguido, e, hoje, a leitura de jornais desportivos está, efectivamente, “entranhada” nos hábitos dos portugueses.

“Entranhou-se” de tal forma que, em termos de tiragem, dois dos jornais que lideram o mercado geral da imprensa são os diários desportivos *A Bola* e *Record*. Apesar desta preponderância no jornalismo português já se verificar há algum tempo, a verdade é que os estudos sobre imprensa desportiva, e a sua importância no panorama nacional, ainda escasseiam. Neste meu trabalho, o que me proponho fazer, é dar um pequeno contributo, para que se possa perceber melhor o que são os jornais desportivos, em Portugal.

Como faz notar Francisco Pinheiro, “ a presença de três diários desportivos num mercado como o português (...) despertou, inicialmente muitas dúvidas, não tanto ligadas à existência de leitores e apoios publicitários, mas sim à existência diária de notícias de interesse que alimentassem não só estes jornais, como também as secções desportivas dos periódicos de informação geral, as emissoras de rádio e os canais de televisão” (Pinheiro, 2011: 419). Mas o problema estende-se também a outra realidade. Como explica Nelson Traquina, “a criação de espaços regulares, como suplementos e rubricas/secções, tem consequências directas sobre o produto jornalístico de uma empresa, porque a existência de espaços específicos sobre certos assuntos ou temas estimula mais notícias sobre esses assuntos ou temas, dada a necessidade do seu preenchimento” (Traquina, 2002: 201).

Esta realidade é particularmente sentida na imprensa desportiva, isto é, a necessidade de, diariamente, preencher quatro a cinco páginas de notícias sobre o futebol de cada um dos chamados “três grandes” (Benfica, Sporting e Futebol Clube do Porto) tem levado os jornalistas a optar por “tácticas” de carácter duvidoso, no que diz respeito à lealdade para com os seus leitores.

Posto isto, o objectivo com que parto para este desafio é compreender melhor algumas das opções dos jornais, no que respeita às suas escolhas para as capas dos mesmos. Pretendo perceber se os critérios de selecção das notícias que figuram na capa são predominantemente económicos, ou se tentam destacar o mérito desportivo. Tal como, dar uma ideia mais clara da objectividade das decisões tomadas pelas direcções dos jornais, verificando se essas decisões são sempre seguidas, ou se, por outro lado são mais subjectivas. Importa saber se há, realmente, critérios nessas escolhas, e que critérios são esses.

Como explica Nelson Traquina, “À pergunta «o que é notícia?» podemos responder que a resposta dos membros da comunidade jornalística não é científica, aparece como instintiva, e permanece quase como tendo uma lógica não explicitada. E, ao contrário de um jogo de cartas como o bridge, não há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre outros; mas os critérios de noticiabilidade existem, duradouros, ao longo dos séculos” (*Ibidem*: 204). Já, segundo David Altheide a resposta à pergunta que coloca Nelson Traquina, é que «a notícia é o produto de um processo organizado que implica uma *perspectiva prática* dos acontecimentos, perspectiva essa que tem por objectivo reuni-los, fornecer avaliações, simples e directas, acerca das suas relações, e fazê-lo de modo a entreter os espectadores» (Altheide, 1976, 112, cit. in Wolf, 2009: 191) [itálico original].

Para melhor ser compreendida a dificuldade em definir os critérios de noticiabilidade, Nelson Traquina recorre a uma explicação dada por Gaye Tuchman, que defende que os jornalistas fazem parecer que “a perspicácia noticiosa é o conhecimento sagrado, a capacidade secreta do jornalista que o diferencia das outras pessoas” (Tuchman, 1972/1993: 85, cit. in Wolf, 2009: 172), ou seja, explica o autor português, “os jornalistas invocam a posse de uma capacidade que, segundo Tuchman, mal conseguem definir, em parte devido à forma como a cultura profissional privilegia um saber instintivo e não reflexivo” (Traquina, 2002: 172).

Para tornar mais fácil a percepção desta realidade, recorro à definição dada por Nelson Traquina: “critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são susceptíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável” (*Ibidem*: 173). “Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (Wolf, 2009: 190).

O surgimento de inúmeros estudos relativos a esta questão justifica-se porque “os jornalistas têm uma grande dificuldade em explicar quais são os seus critérios de noticiabilidade, para além de respostas vagas do tipo «o que é importante» e/ou «o que interessa ao público»”(Traquina, 2002: 172). Tuchman explica que «o objectivo declarado de qualquer órgão de informação é fornecer relatos dos acontecimentos significativos e interessantes. Apesar de ser, evidentemente, um propósito claro, este objectivo é como muitos outros fenómenos aparentemente simples, inextricavelmente complexo. O mundo da vida quotidiana – a fonte das notícias – é constituído por uma superabundância de acontecimentos [...]. São esses acontecimentos que o órgão de informação deve seleccionar. A selecção implica, pelo menos, o reconhecimento de que um acontecimento é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas cuja forma e cujo tipo se subtraem ao registo» (Tuchman, 1977: 45, cit. in Wolf, 2009: 188).

Para avaliar a noticiabilidade de uma notícia, vários estudos sugerem a existência de valores-notícia, sendo que diferentes autores defendem diferentes valores, ainda que haja entre eles sempre pontos comuns. Sobre esta matéria, Nelson Traquina afirmou que “embora os valores-notícia façam parte da cultura jornalística e sejam partilhados por todos os membros desta comunidade interpretativa, a política editorial da empresa jornalística pode influenciar directamente o processo de selecção dos acontecimentos por diversas formas” (Traquina, 2002: 201). Por seu turno, Peter Golding e Philip Elliott defendem que “os valores/notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído” (Golding – Elliott, 1979: 114, cit. in Wolf, 2009: 196).

No que diz respeito aos valores-notícia, importa destacar o papel de Mauro Wolf, que afirmou que estes “estão presentes em todo o processo de produção jornalística, ou seja, no processo de selecção dos acontecimentos e no processo de elaboração da notícia” (Traquina, 2002: 186), distinguindo o que são valores-notícia de selecção, e valores-notícia de construção.

“Para Wolf, os valores-notícia de selecção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na selecção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia, e esquecer outro acontecimento. Os valores-notícia estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação directa do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário nessa construção” (*Ibidem*: 86).

Na imprensa diária desportiva portuguesa, um leitor minimamente atento pode dizer que o futebol é, sem dúvida, o mais importante critério de noticiabilidade, e que uma notícia que diga respeito a esse desporto, muito mais facilmente será destacada num dos jornais. Depois há ainda a questão dos chamados “três grandes”, e da sua, facilmente constatável predominância nas capas dos jornais desportivos nacionais.

Uma das críticas que muitas vezes vemos apontadas aos três diários desportivos do nosso mercado, e que são tão populares entre a imprensa, é a velha história que todos nós já ouvimos dizer por aí, e que afirma peremptoriamente, que “*A Bola* é um jornal do Benfica, *O Jogo* é do FC Porto, e o *Record* é do Sporting”. O meu trabalho não pretende provar ou desmentir tais epítetos, mas penso que no final do mesmo, estarei em posição de formar uma opinião, sobre o porquê de se ouvir tantas vezes esta crítica ao jornalismo praticado por estes três periódicos. Haverá, efectivamente, uma clara tendência dos jornais para defender, ou pelo menos, dar preferência a um clube em

particular, ou essa ideia está completamente errada? Será que tal tendência, a existir, confirma o pensamento de Mar de Fontcuberta, segundo a qual o meios especializam os respectivos conteúdos e, acima de tudo, não podem desprezar os factos e opiniões caros aos seus públicos-alvo porque o seu objectivo enquanto empresa é conseguir ganhar dinheiro e influência? (Fontcuberta, 1999). Esta é uma questão para a qual este trabalho poderá ajudar a dar uma resposta, ainda que sempre limitada, uma vez que a minha análise será relativa, apenas, a um ano.

Metodologia

Neste trabalho a minha análise centrar-se-á nas capas dos diários desportivos portugueses – *A Bola*, *Record* e *O Jogo* –, durante o ano de 2010, num total de 363 edições, dos dois primeiros, e 364³, do terceiro. Sendo que, tendo em conta que todos eles têm mais do que uma edição, eu limitar-me-ei a analisar aquela que tem maior preponderância/tiragem, a nível nacional. A saber: as edições sul d’ *A Bola* e *Record*, e a edição Norte, no caso d’ *O Jogo*⁴. A escolha da imprensa desportiva como tema para análise explica-se pela reduzida investigação que existe nesta área específica, ainda para mais, tendo em conta a importância que a mesma assume no panorama da imprensa diária em Portugal.

Definido o *corpus* do estudo que me proponho a realizar, importa agora fornecer dados mais específicos da análise, propriamente dita. Os três diários irão ser alvo da mesma análise, que passo, em seguida, a resumir:

- **Manchete**: sobre esta incidirá a maior atenção. Isto é, primeiro importa saber qual o tema que é chamado para a manchete, em cada edição do jornal: um ou vários clubes, a Selecção Nacional de futebol, uma outra modalidade, ou outro assunto; depois, o estudo debruçar-se-á sobre o tom da manchete, isto é, se o tom dado à notícia principal é positivo, negativo, ou se não se enquadra, claramente, numa destas definições, no que defini como sendo neutra⁵. De notar, ainda, que as notícias que dizem respeito ao chamado “mercado de transferências” aparecerão numa outra classificação, sendo ela, precisamente a de mercado.

No que respeita à manchete, terei ainda em atenção se esta se refere a um clube, directamente, ou se, pelo contrário, recorre a um valor notícia definido, pela equipa de investigação canadiana, constituída por Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan, como “personalização”. Ou seja, “os acontecimentos são retratados em termos de personalidades-chave envolvidas naquilo que transpirou” (Traquina, 2002: 183), o que equivale a dizer, que as notícias relativas a um clube, ou até mesmo à selecção nacional, “são personificadas pelos agentes significativos envolvidos” (*Ibidem*: 183), fazendo dessa personalidade a “cara” para determinado assunto.

Depois, num âmbito mais próximo da análise do discurso, tentarei identificar o tipo de manchete, (referencial, ambígua, uma citação directa, uma

³ Os diários desportivos *A Bola* e *Record* não são editados, nos dias 1 de Janeiro e 25 de Dezembro, enquanto o jornal *O Jogo* apenas não sai do primeiro dia do ano.

⁴ Segundo os dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT) em 2010 o jornal *Record* teve uma tiragem média, por edição, de 113 036, enquanto o jornal *O Jogo* se ficou pelos 46 658, sendo que 50,69% das suas vendas, se registam no distrito do Porto. O jornal *A Bola* não está inscrito na APCT, e não divulga as tiragens.

⁵ As capas que classifico como neutras são aquelas em que não é possível dizer de forma clara se é positiva, ou negativa. Foram classificadas como neutras, por exemplo, as manchetes que são feitas recorrendo a uma citação de um treinador, numa conferência de imprensa de antevisão de um jogo.

entrevista, entre outros), e também o tipo de título utilizado, atentando se a norma é surgirem na manchete títulos mais informativos; se a aposta é sobretudo em títulos mais expressivos, que se podem tornar mais apelativos para o leitor; ou ainda, se é recorrente surgirem títulos declarativos, baseados numa citação atribuída a uma determinada entidade. Por fim, no que diz respeito à manchete, procurarei ainda, realçar quais os recursos estilísticos, que mais vezes são utilizados, quando a opção passa por escolher títulos mais expressivos.

Esta análise mais aprofundada da manchete permitirá obter uma informação muito variada, e que será útil para chegar a algumas conclusões que considero, poderem vir a ser interessantes. Desde logo, deixará claro qual a predominância de um, ou vários clube(s), relativamente aos outros, bem como se o tom que, por norma, acompanha as notícias relativas a esse(s) clube(s) deixa perceber uma preferência de tratamento, por parte do jornal.

Depois permitirá descodificar alguns tipos de vícios de linguagem que os jornalistas desportivos podem ter, e que se tornam mais visíveis, quando chamados para a manchete do jornal. Isto para além de permitir perceber quais os valores-notícia de selecção utilizados preferencialmente, por cada jornal, “na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia, e esquecer outro acontecimento” (Traquina, 2002: 186).

Por outro lado, a inclusão da classificação de mercado, permitirá deslindar a política de cada periódico relativamente à “chuva de jogadores”⁶, que costuma acontecer, principalmente, nos períodos em que é possível aos clubes de futebol contratar jogadores. Ou seja, permitirá ficar com uma mais clara noção das opções editoriais, relativamente a notícias que são publicadas nos jornais desportivos sobre possíveis entradas ou saídas de jogadores, que depois acabam por não se confirmar, sem que haja da parte dos jornais em questão qualquer esclarecimento sobre o fundamento dessas informações.

- **Chamadas de capa**⁷: sobre estas, pretendo fazer um levantamento, mais numérico do que qualitativo, daquilo que cada diário traz à capa, para tentar perceber quais serão os critérios de cada jornal para as escolhas que faz. Neste caso terei em atenção todos os temas aos quais é dado destaque, diariamente, sem atentar no tipo de chamada de capa que é dado⁸, com o intuito, mais uma vez, de perceber se há predominância de algum tipo de assunto, relativamente a outros.

⁶ Esta expressão é retirada do artigo de opinião de Vítor Serpa, director do jornal A Bola, com o título «Chovem jogadores», publicado no jornal, no dia 4 de Junho de 2011.

⁷ Na minha análise conta como chamada de capa, cada assunto que seja colocado na primeira página. Se a acompanhar uma manchete vem uma chamada para uma declaração de um treinador, outra para uma declaração de um jogador, e uma outra ainda, sobre, por exemplo, a lesão de um jogador, serão contadas três chamadas de capa.

⁸ Neste campo da minha análise, uma chamada de capa com fotografia valerá tanto, como uma outra, que apenas traga um título. Da mesma forma, uma chamada de capa que ocupe um espaço maior, contará tanto, como uma outra de tamanho reduzido.

Com este levantamento pretendo perceber quais os temas, leia-se, clubes, modalidades, entre outros, que reúnem a preferência das direcções dos jornais, para surgir na primeira página, e se há um padrão que seja seguido, relativamente às chamadas de capa. Pretendo, igualmente, perceber se os três diários têm, por norma, a prática de dar destaque a diferentes géneros jornalísticos⁹, o que ajudará a perceber melhor o tipo de informação a que os jornais preferem dar realce, tal como se privilegiam uma maior diversidade do tipo de informação.

Nesta análise, importa referir que, contrariamente ao que acontece na análise à manchete, quando, numa chamada de capa seja feito um destaque pessoal, a chamada ao clube, ou à modalidade desportiva a que diz respeito¹⁰, não utilizando, neste campo, o valor-notícia da “personalização”. Não quero com isto dizer que não darei atenção aos destaques individuais que se fazem nas capas dos jornais. A notabilidade individual está frequentemente presente nos jornais, e ao ignorar esse facto estaria a falsear a minha análise. Ou seja, no caso de atletas a quem seja dado destaque por se inserir num determinado clube/modalidade, e não pelo seu mérito em algum aspecto, não individualizarei a chamada. Já quando a chamada for relativa a uma personalidade a actuar no estrangeiro, em que, claramente o destaque seja dado por envolver a notoriedade dessa personalidade, ser-lhe-á atribuída a chamada¹¹.

Notoriedade é um dos valores-notícia identificados por Nelson Traquina, que faz notar que “a celebridade, ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia” (Traquina, 2002: 188). Muitas vezes irá aparecer, associado a este valor notícia, um outro, que é a proximidade. Isto é, torna-se habitual encontrar nos jornais notícias relativas a portugueses a actuar no estrangeiro, porque os portugueses, por uma questão de proximidade, tem interesse em saber dos “seus”.

Sob o pano de fundo desta análise terei sempre a base teórica que sustentará o meu trabalho. Assim, serão muito frequentes as referências a obras que assentam nas teorias da comunicação, sobretudo no que diz respeito a Critérios de noticiabilidade – das quais destaco o livro “Jornalismo”, de Nelson Traquina, e “Teorias da Comunicação” de Mauro Wolf.

⁹ Neste campo entrarão entrevistas, reportagens, colunas de opinião, entre outros géneros, que surjam em chamadas de capa.

¹⁰ A opção tomada para a manchete prende-se com a observação que pretendo fazer sobre as personalidades que mais vezes são utilizadas para dar destaque a um clube/entidade em particular. No caso das chamadas de capa, não me interessa tanto perceber essa realidade, mas antes, o plano geral de cada clube/entidade, ou modalidade.

¹¹ Um exemplo elucidativo: no caso de numa capa do jornal Record haver uma chamada de capa que consiste numa declaração do jogador Hulk, essa chamada será atribuída ao clube que o atleta representa (FC Porto); por outro lado, a uma declaração feita por José Mourinho, sobre um jogo do campeonato espanhol, que envolva o clube que representa (Real Madrid) será atribuída a chamada a José Mourinho.

Importantes também para servir de base a este estudo, serão obras em que a imprensa desportiva portuguesa esteja sob análise. Apesar da escassez deste tipo de estudo, no mercado português, há duas obras nas quais me apoiarei para dar uma perspectiva mais histórica ao meu trabalho. Desde logo, assumirá um papel muito importante o livro “História da Imprensa Desportiva em Portugal”, de Francisco Pinheiro, que consiste num valioso estudo sobre todos os jornais desportivos que existiram em Portugal. Aí encontra-se uma importante base sobre a evolução do jornalismo desportivo no país, tal como, mais pormenores sobre o surgimento dos três títulos que chegaram até aos dias de hoje.

Num âmbito mais específico, o artigo “Vestir a camisola – jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol”, publicada na revista Media e Jornalismo – Media e Desporto, pelo autor João Nuno Coelho, servir-me-á de base no capítulo que dedicarei ao tratamento dado pela imprensa desportiva à Selecção nacional de futebol.

Para sustentar os números que vou fornecer ao longo do trabalho, apresentarei gráficos, quando entender que torna mais clara a compreensão das conclusões que pretendo transmitir.

No fim do trabalho espero poder apresentar entrevistas com os directores dos três diários, em que os confrontarei com os dados por mim obtidos, para tentar compreender as motivações que estão na base das opções tomadas por cada jornal, bem como, recolher as suas opiniões sobre o actual estado da imprensa desportiva em Portugal.

Esta ideia vem no seguimento de outros trabalhos académicos já realizados, centrados no conteúdo da imprensa e que depois realizou entrevistas com os directores dos jornais visados na análise. Exemplo disso é o estudo de João Figueira: “Os jornais como actores políticos – O Diário de Notícias, Expresso e Jornal Novo no Verão Quente de 1975”.

Os jornais desportivos actualmente

Hoje em dia, pode dizer-se que os jornais desportivos, em Portugal, vivem do futebol, e para o futebol. Um ponto comum que se encontra facilmente nos três periódicos é a sua clara aposta no chamado “desporto-rei”, como tema principal da actualidade desportiva. Assim, facilmente se verifica que em todos eles, o futebol ocupa bem mais de cinquenta por cento das páginas. E a organização de cada um não foge muito ao que se segue: à cabeça aparecem, por norma, os chamados três grandes – SL Benfica, Sporting CP e FC Porto – sempre com cerca de quatro a cinco páginas para cada um. Depois, uma visita pelos outros clubes, com maior, ou menor profundidade, dependendo do clube, e/ou da situação “actual” (se o próximo jogo for contra uma das três equipas anteriormente referidas, terá um maior acompanhamento nessa semana). Em seguida pode surgir uma secção do futebol internacional – sempre com maior destaque para os campeonatos onde estão figuras proeminentes do futebol nacional –, ou uma passagem pelas divisões secundárias, variando a ordem destes dois temas. E por fim, nas últimas páginas, e sem organização aparentemente decidida, surgem as outras modalidades, algumas curiosidades, notícias sobre o que de mais importante se passa, para além do desporto, no país e no mundo, colunas de opinião, etc.

Como já referi, é fácil perceber a importância do futebol no contexto da imprensa diária desportiva. Mas terá essa proeminência, relativamente aos outros desportos, existido sempre nos jornais desportivos? Não, e sim. Pode parecer confuso, mas a verdade é que a resposta pode ser essa.

- Não, porque os primeiros jornais desportivos não davam muita atenção ao futebol, que era um desporto que tinha surgido há muito pouco tempo no país, logo, ainda em desenvolvimento, como podemos perceber num artigo sobre futebol publicado no semanário *O Sport*, a 12 de Fevereiro de 1897, em que o seu redactor-principal, “Artur dos Santos lamentava: «O português ainda não está afeiçoado ao *sport*, considerando-o como inútil» ” (Pinheiro, 2011: 35). Contudo, o futebol “ganha o estatuto de tema dominador a partir de meados da década de 1910, com o jornalismo desportivo a ser nitidamente marcado pela abertura e o encerramento da época futebolística, temática avassaladora nos discursos sociais e familiares, graças à popularização dos principais clubes (SL Benfica e Sporting CP, em Lisboa, e FC Porto, no Porto), e ao papel unificador da Selecção Nacional de Futebol. À volta do futebol e dos seus principais clubes iria desenvolver-se o noticiário (e as tiragens) da imprensa desportiva generalista de referência ao longo do século” (*Ibidem*: 438).

- Sim, porque, como é fácil perceber pela data em que o futebol assumiu o lugar de destaque nos jornais desportivos, essa predominância do futebol vem desde muito cedo. E, arrisco até dizer, apoiado na obra de Francisco Pinheiro, por diversas vezes já citada, que o futebol e a imprensa desportiva portuguesa foram crescendo em paralelo ao longo das décadas, apoiando-se

mutuamente para alcançarem o destaque que, actualmente, ambos têm, em Portugal.

Mas tentemos, agora, perceber melhor as origens dos três jornais diários desportivos, a que hoje temos acesso, nas bancas nacionais, tal como as mudanças que passaram ao longo da sua já longa existência¹².

A Bola, Record e O Jogo – os três resistentes

Tendo em conta a pesquisa elaborada por Francisco Pinheiro, existiram em Portugal, até ao ano de 2000, 940 jornais com “forte pendor desportivo” (Pinheiro, 2011: 449), tendo o primeiro surgido em Janeiro de 1875 com o título “*Jornal dos Caçadores*”¹³. Desde então, até aos dias de hoje, há três títulos que nasceram e conseguiram manter a sua publicação, sendo, actualmente, diários e de grande sucesso em termos de tiragens – *A Bola*, *Record* e *O Jogo*.

A Bola

Deste trio, o mais antigo é o jornal ***A Bola***, fundado em Lisboa, a 29 de Janeiro de 1945 por Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente Melo, e que no editorial “Bola de saída” declarava que «“A Bola aparece como jornal livre, sério e honesto: nas intenções e nos processos a dizer do bem e a dizer do mal, na crítica, na doutrina, na propaganda desportivas” (...) defendendo “No jornalismo, como no desporto: o fair-play como regra permanente”» (Pinheiro, 2011: 268). No seu primeiro número, e depois, durante largas décadas aparecia com o subtítulo “Jornal de Todos os Desportos”, título que desapareceu do cabeçalho do jornal, apenas a 5 de Junho de 2000.

Inicialmente o jornal era composto por apenas oito páginas, no formato *broadsheet* de 40x57, que permitia ter muita informação. Os dias escolhidos para a publicação foram a segunda-feira, dando nesse dia destaque «à reportagem dos acontecimentos desportivos»¹⁴, e a sexta-feira para a «apreciação crítica, à vulgarização, ao exame dos problemas desportivos portugueses»¹⁵. Contudo, logo em Março de 1945, a edição de sexta-feira foi antecipada para quinta-feira.

Cinco anos mais tarde, em Junho de 1950 o jornal passou a trissemanário começando a sair à 2ªfeira, 5ªfeira e sábado – dias em que se

¹² No âmbito do jornalismo desportivo, a estes três títulos há que acrescentar inúmeras revistas especializadas, sobretudo ao nível do desporto motorizado.

¹³ O conceito de desporto adoptado por Francisco Pinheiro para concluir que este foi o primeiro jornal de carácter desportivo, foi o definido em “*Le Sport contre l'education physique*” pelo autor francês Georges Hebert, em que se lia que “desporto é todo o género de exercício ou actividade física quer tenha como meta a realização de uma marca e cuja execução se baseie essencialmente na ideia de luta contra um elemento definido: uma distância, um animal, um adversário, e, por extensão, nós próprios.” Hebert, 1946, (cit. In Pinheiro, 2011, p. 19)

¹⁴ A Redacção (1945, 29 de Janeiro), «O “Teama” de “a Bolaa”», *A Bola*, p.2, (cit. In Pinheiro, 2011, pp. 268-269)

¹⁵ *Idem, Ibidem.*

tornou mais popular. Essa popularidade conseguida pelo periódico foi tão grande que, “em meados dos anos 50, *A Bola* atingira já uma saudável situação financeira, alcançando, na década seguinte, uma posição verdadeiramente invejável. Ao ponto de se dar ao luxo de *trocar* a publicidade por notícias” (Correia & Batista, 2007: 217).

Um dos factos que mais impulsionou a “elevação” deste jornal a principal jornal desportivo português foi a “competência e qualidade inclusivamente literária, de grande parte dos seus jornalistas, e às suas preocupações culturais e orientações informativas, que procuravam ir para além do futebol, e do desporto em geral, em sentido estrito” (*Ibidem*: 217-218). *A Bola* era, reconhecidamente, o jornal onde se escrevia de forma mais cuidada, e também o que tinha melhor revisão, o que lhe conferia um estatuto de qualidade e, conseqüentemente, lhe trazia mais leitores – na década de 60 já a tiragem do jornal era de cerca de “200 000 exemplares” (*Ibidem*: 214). A melhor prova da importância que *A Bola* foi ganhando ao longo do tempo no panorama do desporto nacional, no futebol em particular, é a atribuição do “cognome” *A Bíblia do desporto* – denominação associada ao jornal em meados da década de 60, e que se manteve particularmente viva nas duas décadas seguintes. Esta designação devia-se, para além da qualidade da escrita, anteriormente referida, “à forma *abrangente* e aprofundada como abordava as competições, buscando a explicação para além da descrição” (*Ibidem*: 217), e que “viria a assinalar um salto qualitativo no modo de tratar jornalisticamente o desporto, nomeadamente o futebol” (*Ibidem*: 216).

“Após alguma instabilidade vivida nos anos 1970” (Pinheiro, 2011: 409), devido às mudanças políticas ocorridas no país, a 15 de Fevereiro de 1979, o periódico, então dirigido por Carlos Miranda, atingiu um novo momento histórico, quando publicou o número 5000. Aí aproveitou para reforçar “a ideia de independência e isenção” (*Ibidem*: 374), num editorial intitulado “Saudação ao desporto português”, onde podia ler-se: «“*A Bola*” foi um jornal que teve a felicidade, mesmo em tempos difíceis e perturbados, de nascer independente: independente do poder político, independente do poder económico, independente do poder clubista. Tem sido essa independência o que mais temos prezado, no decorrer dos anos»¹⁶.

Dez anos volvidos, numa fase de consolidação, em Março de 1989 *A Bola* passa a quadrissemanário, acrescentando o domingo aos três dias em que se tornou mais popular. Daí, até passar a diário, percebia-se que seria uma questão de tempo, neste caso, cerca de seis anos.

Poucos dias depois de completar 50 anos de vida, a 9 de Fevereiro de 1995, o jornal publicou o seu último número em formato *broadsheet*, e com a periodicidade de quadrissemanário. Segundo explicou Vítor Serpa no editorial, “O quadrissemanário tinha cumprido a sua função. Quatro vezes por semana

¹⁶ *A Bola* (1979, 15 de Fevereiro), «Saudação ao desporto português», *A Bola*, p.1, (cit. In Pinheiro 2011, pp. 373-374).

assinálávamos tudo o que de mais importante se passava em Portugal e no Mundo, na cada vez mais ampla área desportiva. Começava a sentir-se que nos faltavam dias. “A Bola” passa a diário na certeza de que só assim poderá continuar a servir, ao mesmo nível de sempre, o interesse do seu público”¹⁷. Em termos de formato, no dia seguinte, *A Bola* surgiu em formato tablóide (28x40), numa decisão que Vítor Serpa assume, no mesmo editorial, “a coragem de romper com a velha tradição”¹⁸, para poder dar aos seus leitores um jornal “mais moderno, mais prático, um jornal de outra dimensão, numa entrada imediata, a cinco anos de distância, nos anos 2000”¹⁹. Outro importante passo, que deu mais colorido à vida de *A Bola* foi dado a 25 de Maio, quando passou a ter cores em todas as suas páginas, sendo pioneiro, uma vez mais. A mudança gráfica levada a cabo nesse dia alterou a apresentação do jornal, para a forma como o encontramos nos dias de hoje.

Mais recentemente, em 2010, no dia em que comemorou o 65º aniversário, Vítor Serpa congratulou-se, no editorial, com o sucesso do jornal: “A Bola cumpre, hoje, 65 anos de existência. Aquele que é, actualmente, o mais antigo e mais emblemático jornal desportivo de Portugal, e um dos mais prestigiados jornais desportivos da Europa, também se apresenta como um jornal que se afirma na renovação e na modernidade. Já o temos escrito e dito: um jornal com um passado histórico e um presente pujante, só terá um futuro radioso se souber não ter idade. E muitas gerações de grandes Homens se consumiram, aqui, nesta inapelável fogueira do tempo, para que este jornal possa ter, sempre, a idade dos seus leitores em cada dia que se publica. E para que este jornal seja, ano após ano, década após década, uma referência do melhor jornalismo português.”²⁰

Vítor Serpa mantém-se, actualmente, como director do jornal, cargo que ocupa desde 1992.

Record

O jornal **Record** nasceu em Lisboa, muito perto do final da década de 1940, tendo o primeiro número saído a 26 de Novembro de 1949, fruto “do esforço de três homens: Fernando Ferreira, Monteiro Poças e Manuel Dias” (Pinheiro, 2011: 277). O, então, semanário começou por sair ao sábado com oito páginas e o formato de 29x42, “em que o futebol era o tema central” (*Ibidem*: 278), mas onde “teriam igualmente destaque especial as modalidades menos populares, como o basquetebol, rãguebi, voleibol, hóquei em campo, automobilismo e atletismo” (*Ibidem*: 278).

No editorial do número inaugural, intitulado «Tentativa de “Record”», foi escrito o seguinte: “o aparecimento de um novo jornal desportivo num meio

¹⁷ Serpa, V. (1995, 9 de Fevereiro), «Editorial», *A Bola*, p. 1., (cit. In Pinheiro, 2011, p. 410)

¹⁸ *Idem*, *Ibidem*

¹⁹ Serpa, V. (1995, 10 de Fevereiro), «A Bola de todos os dias», *A Bola*, p.1, (cit. In Pinheiro, 2011)

²⁰ Serpa, V. (2010, 29 de Janeiro), «Editorial», *A Bola*, p. 1.

considerado tão acanhado como o nosso, constitui, pelo menos, um golpe de audácia, de que raros conseguem sair-se com êxito. O nosso jornal manterá, no entanto, uma posição de completa independência, pois não está ligado – a não ser por laços de estima – a outras empresas similares” (*Ibidem*: 278). A boa aceitação imediata por parte do público levou a que, ao fim dos primeiros seis meses de existência, *Record* tenha decidido duplicar o número de páginas.

Apesar disso, em 1952, o periódico sentiu algumas dificuldades comuns entre este tipo de publicação. Foi então, que o *Diário Popular* comprou a quota de 51 por cento que pertencia a Fernando Ferreira. “Essa mudança de propriedade permitiu ao semanário ganhar novo fôlego e passar a bissemanário (ao sábado acrescentava agora a terça-feira) em 3 de Fevereiro de 1953” (Pinheiro, 2011: 279), mantendo o número de páginas, até Dezembro de 1964, quando foi alargado para 20 páginas.

A 18 de Abril de 1972, o *Record*, há mais de uma década sob direcção de Artur Agostinho, decidiu passar a trissemanário, adicionando a quinta-feira, aos dois dias a que já saía, criando, igualmente, um Suplemento Especial de doze páginas. Por essa altura, “o rival *A Bola* era claramente o periódico desportivo com as maiores tiragens” (*Ibidem*: 339), facto que, em muito se devia à qualidade dos seus jornalistas. Reconhecendo isso, Mário Zambujal, que foi subdirector do jornal durante cerca de seis meses, tentou dar maior qualidade, à escrita do seu jornal: «Inventei em Portugal uma coisa que eu não sabia que existia, que eram os *copydesk*. Contratei uns gajos do *Diário de Lisboa*, Joaquim Benite, Afonso Praça, Assis Pacheco, Torcato da Luz e pu-los a fazer revisão das provas e a escrever as coisas. Quando *A Bola*, sempre orgulhosa da sua qualidade de redacção, de escrita, esperava que o *Record* tivesse (tinha essa imagem) uma redacção muito mais modesta em termos de capacidade de escrita, de elegância de prosa, de repente apanhou com uma prosa... e ninguém entendia» (Correia & Batista, 2007: 219). Contudo, em finais de 1973 “a generalidade da imprensa, não só desportiva, iria sofrer com o aumento de 50 por cento do preço do papel. O *Record*, por exemplo, viu-se forçado a partir de 27 de Dezembro a reduzir o número habitual de páginas para 12” (Pinheiro, 2011: 339).

Por altura das comemorações dos 25 anos do jornal, a 26 de Novembro de 1974, o então trissemanário fez uma nova tentativa de cativar novos leitores. A aposta, num tempo ainda conturbado pela revolução, passou por “uma mudança drástica no logótipo, aumentando também o preço de capa para 3\$50 – a composição passou a ser feita em «offset» e foi introduzido um «2º Caderno» de 16 páginas” (*Ibidem*: 342).

Porém, no ano seguinte, o passivo do jornal começou a “colocar em causa a sua sobrevivência, causando algumas agitações internas” (*Ibidem*: 358). Após duas mudanças na direcção, e já com o fundador Monteiro Poças como director, o jornal viu-se “forçado a interromper a publicação entre 25 de Novembro e 12 de Dezembro” (*Ibidem*: 358). “Na sequência desta crise, retomou o logótipo anterior (que perduraria até ao fim do século XX) e alterou

os dias de saída, de forma a evitar a concorrência directa de *A Bola*, passando a sair às sextas-feiras e domingos (em vez das quintas-feiras e sábados), mantendo a edição de terça-feira” (*Ibidem*: 358). Esta nova aposta mostrou-se acertada, e, a partir de 1980 “as suas vendas começaram gradualmente a crescer” (*Ibidem*: 374).

A chegada aos 40 anos de existência foi feita com todo o fulgor. Nesse ano de 1989, Rui Cartaxana vangloriar-se-ia de ter batido “todos os recordes, com cerca de 140 000 exemplares de tiragens durante o mês de Agosto”²¹. O sucesso atingido permitiu ao jornal dar novos passos rumo à modernização. Assim, a década de 1990 foi pródiga em mudanças: o jornal começou a sair com cor na primeira página; passou a quadrissemanário, a 19 de Agosto de 1991, acrescentando a edição de segunda-feira; cerca de um ano depois passou para o formato tablóide (28x40), “e as edições de domingo aumentaram para as 40 páginas” (*Ibidem*: 410).

A 2 de Fevereiro de 1995, “perante o anúncio da passagem a diário de *A Bola* a partir do dia 10, o *Record* passou a sair cinco dias por semana, acrescentando a quinta-feira. E na mesma altura anunciava a passagem a diário, a partir de 1 de Março” (*Ibidem*: 411). Sobre essa passagem a diário, o director Rui Cartaxana diria no editorial que «A partir de hoje entramos no ritmo sem pausas, no ciclo “infernado” do quotidiano, dispostos, como sempre, a oferecer aos nossos leitores um jornal cada vez melhor, mais vivo e mais presente nas múltiplas e cada vez mais complexas actividades daquilo que hoje se entende, e constitui, este fenómeno, e este mundo sem fronteiras do desporto»²².

Actualmente, o jornal é dirigido por Alexandre Pais (desde 2003), e consolidou a sua posição no panorama da imprensa desportiva portuguesa, alternando com o seu “rival” de sempre, *A Bola*, a liderança deste mercado. *Record* apresenta-se nas bancas com 40 páginas, tendo, quase a totalidade delas, cores.

O Jogo

Dos três diários desportivos que hoje se encontram à disposição do público português, o último a surgir foi **O Jogo**, no Porto, a 22 de Fevereiro de 1985, numa altura em que os seus concorrentes já contavam, um deles com quatro décadas de existência (*A Bola*), e o outro com quase três décadas e meia (*Record*). Como tal, já tinham as suas posições consolidadas no meio, os seus leitores fidelizados, e seria muito difícil ao novo jornal concorrer directamente com os outros dois.

Mas *O Jogo* surgiu logo a inovar, apresentando-se desde o nascimento como diário. O jornal, propriedade da Empresa do Jornal de Notícias, e sob

²¹ Cartaxana, R. (1989, 26 de Novembro), «40 anos depois vem aí o futuro», *Record* (Suplemento Especial), p.3, (cit. In Pinheiro, 2011, p. 410).

²² Cartaxana, R. (1995, 1 de Março), «Diário», p.2 (cit. In Pinheiro, 2011, p. 411)

direcção de Serafim Ferreira, apareceu no seu primeiro número com 16 páginas, e com o formato de 41x58. Tentava ser, segundo o seu director explicitou no primeiro editorial, intitulado «Queremos ganhar», «um jornal moderno, calmo e sereno. Que estará em todas e com todos. Em todas as modalidades. Com todos os clubes, associações e federações. Sem qualquer espécie de discriminação. A todas e a todos dedicaremos a maior atenção e o nosso melhor caminho, sem qualquer espécie de favoritismos»²³. No mesmo editorial, Serafim Ferreira anunciava que “O Jogo era «uma aposta diária na qualidade da informação desportiva», procurando, «ao longo das suas páginas, não só relatar os factos, como comentá-los e criticá-los. Tentaremos ser rigorosos e severos nas análises e, se nunca nos faltar o engenho e a arte, jamais entraremos nos terrenos movediços da fácil especulação, na intriga, no contribuir, ainda que indirectamente, para tornar mais nebuloso o panorama desportivo português» (Pinheiro, 2011: 394).

Não obstante ter o seu público-alvo prioritário, sobretudo, no Porto, e na região norte, a tarefa de *O Jogo* não se afigurava fácil, “sobretudo porque a actividade desportiva nacional não era tão fértil quanto o desejável para a actividade diária de um jornal” (*Ibidem*: 394). Talvez por isso, o jornal acabou por pagar o seu atrevimento, sendo “forçado a fazer uma série de reajustes editoriais em finais de 1986”, e “a partir do dia 4 de Outubro deixou de sair aos domingos” (*Ibidem*: 395). No dia 1 de Novembro adoptou o formato tablóide, tornando-se no primeiro dos três jornais a fazê-lo, indo ao encontro da «vontade manifestada pela esmagadora maioria dos seus leitores, consultados através de uma sondagem»²⁴.

Por altura do segundo aniversário do jornal, o seu director afirmava que o jornal havia conquistado o seu “lugar no panorama da imprensa nacional”²⁵, para um ano mais tarde reafirmar que «Fazer no nosso país um jornal diário de informação desportiva, campo em que a concorrência é pouco menos que feroz (no bom sentido...), é, realmente, uma aventura. Não procuramos agradar a “gregos” e a “troianos”. Conhecemos bem o terreno pantanoso em que nos movemos. É difícil ser-se diariamente coerente, mas não desistiremos dos nossos propósitos»²⁶.

Apesar da convicção do seu director, o que é certo é que o jornal deparou-se com grandes dificuldades, sobretudo durante a primeira metade da década de 1990. “A acumulação de prejuízos levou o proprietário, a Empresa Jornal de Notícias, a reduzir a sua periodicidade, passando de diário para trissemanário (segundas, quintas-feiras e sábados) a partir de 30 de Junho de 1992, o que desagradou à direcção e ao corpo redactorial do periódico desportivo, resultando na saída do director Serafim Ferreira, substituído em inícios de Julho por Alfredo Barbosa” (Pinheiro, 2011: 411). O novo director

²³ Cit. In Pinheiro, 2011, p. 394

²⁴ A Redacção (1986, 31 de Outubro), «Novo formato», *O Jogo*, p.1, (cit. In Pinheiro, 2011, p. 395)

²⁵ Ferreira, S. (1987, 22 de Fevereiro), «Estamos vivos!», *O Jogo*, p.2, (cit. In Pinheiro, 2011, p. 395)

²⁶ Ferreira, S. (1988, 22 de Fevereiro), «A “festa” continua», *O Jogo*, p.2, cit. In Pinheiro, 2011, 395)

destacava, na altura, os novos desafios do jornal, afirmando que «É um trissemanário que está a nascer. Com novo vigor e necessariamente outro estilo. É tempo de fazer história do desporto de maneira diferente, privilegiando – ainda e sempre – os grandes acontecimentos nacionais e internacionais, mas agora com um tratamento que pode ser mais elaborado»²⁷.

A vigência da direcção de Alfredo Barbosa, não viria a completar dois anos no jornal, tendo este sido substituído, interinamente, por Rogério Gomes, em Fevereiro de 1994. Nesse mesmo ano, em Abril, “O Jogo enveredou por um novo caminho editorial, mudando, num só mês, de proprietário, sede, projecto e dias de publicação. A Empresa Jornal de Notícias decidiu vendê-lo à empresa Jornalinveste Comunicação” (Pinheiro, 2011: 411). Este conjunto de mudanças viria a tornar-se absolutamente determinante no sucesso que o jornal acabou por atingir, sob o cunho da empresa de Joaquim Oliveira.

Desde logo, o proprietário apostou “num projecto que pretendia essencialmente redimensionar o jornal a nível nacional, tentando apagar o cunho regionalista que lhe era atribuído, fazendo de *O Jogo* um jornal nacional, sediado no Porto” (*Ibidem*: 411), tendo sido nomeado para a direcção, o jornalista Manuel Tavares²⁸. Assim, a 27 de Abril de 1994 o jornal surgiu “com um novo logótipo e linha gráfica, tentando afirmá-lo como «um produto inovador no panorama dos jornais desportivos nacionais» ” (Pinheiro, 2011: 412).

Uma das inovações introduzidas a partir de Julho foi a criação de uma edição Norte, e uma edição Sul, que ainda hoje se mantêm, e cujas diferenças são notadas, principalmente, na capa. Com esta mudança, no período “entre Abril e Maio de 1994, as vendas subiram de 15 910 para 32 838 exemplares, atingindo em Agosto vendas médias de 44 579 exemplares por edição” (*Ibidem*: 412). Sustentada nestes números, a empresa proprietária, e a direcção do jornal decidiram, ainda antes do final do ano, em Dezembro, avançar “para uma periodicidade diária, de segunda a sexta-feira, correspondendo às expectativas dos leitores, cada vez mais ávidos da actualidade noticiosa desportiva” (*Ibidem*: 412).

Cerca de um ano mais tarde, em Setembro de 1995, *O Jogo* acrescentou algumas melhorias editoriais e retomou as edições diárias, passando a sair, também, ao fim de semana, nos moldes em que se apresenta hoje. Actualmente, desde, Maio de 2011 o director do jornal é José Manuel Ribeiro, até então, subdirector na direcção de Manuel Tavares.

²⁷ Barbosa, A. (1992, 9 de Julho), «Virar de página», *O Jogo*, p. 2 (cit. In Pinheiro, 2011, p.411)

²⁸ Manter-se-ia no cargo até Maio de 2011, altura em que passou a assumir a direcção do Jornal de Notícias.

A “problemática” dos títulos em jornalismo:

Antes de se passar à análise das manchetes, talvez seja importante fornecer algumas informações sobre a titulação que é feita em jornalismo. Até porque, no fundo, uma manchete é um título colocado ainda em maior destaque do que aquele que este já tem, por norma. Dito de outra forma, a manchete de um jornal é o ponto mais alto a que um título pode ambicionar chegar, na sua curta vida de 24 horas.

Sobre os títulos em jornalismo já muito se disse. O título é sempre a face mais visível de uma notícia. Dá a cara por ela. Fica na primeira fila, para o que der e vier. É o representante da notícia, ainda antes de esta aparecer. No fundo, é no título que se decide se a notícia vai ter vida – leitores, leia-se – ou se morre na escrita. Um mau título pode condenar uma notícia ao “anonimato”, enquanto um bom título pode dar interesse a uma notícia que, à partida, não teria grande esperança de vida.

Mas, afinal, o que é um título jornalístico? “Para Estrela Serrano o título «é o lugar privilegiado do acontecimento. É também o primeiro indicador do ‘valor’ dum informação, o qual não provém apenas da originalidade do seu conteúdo, mas, sobretudo, do facto de o jornal o reter como informação. No título o jornal indica duas coisas: informa sobre um assunto e mostra que informa.»” (Alves, 2003: 12) Segundo o manual de estilo da *Editora Abril*, citado por Dinis Alves, “o título é a chave. Para funcionar, precisa de ter impacto. Sem impacto, não chamará a atenção. Se não chamar a atenção será inútil” (*Ibidem*: 12-13). “O título deve antecipar a notícia, não esgotá-la, prescreve Mario Lenzi (1981:83). Deve suscitar a atenção do leitor, forçando-o a desejar mais e, em consequência, a ler a notícia. Logo, mais informatividade e menos informação à cabeça: «Por isso, nos títulos dos diários, hoje prefere-se cada vez mais ignorar a regra dos cinco w^{29} e apontar, antes que propriamente um facto, para um pormenor secundário, mas em grau suficiente para provocar mais curiosidade e emoção» (Alves, 2003: 51).

Por tudo isto, a tarefa de quem titula em jornalismo, e neste caso, no jornalismo impresso, não se adivinha fácil. Segundo afirma o jornalista português Daniel Ricardo, citado na mesma obra de Dinis Alves, o bom título é “ «o que salta à vista e, ao mesmo tempo, se revela suficientemente explícito para que toda a gente o compreenda com facilidade», e «misterioso quanto baste para suscitar o desejo de obter mais informações sobre a matéria que apregoa» ” (*Ibidem*: 12-13). Victor Silva Lopes deixa um conselho, citado, uma vez mais por Dinis Alves: “Faça-os curtos, suficientemente explícitos para serem entendidos, suficientemente misteriosos para não dizerem tudo ao leitor, a fim de que ele se interesse pelo texto.”³⁰ “Ao titulador da imprensa pede-se

²⁹ Esta é uma das regras que deve ser seguida na construção de um lead jornalístico, e que indica que neste devem constar as respostas às perguntas: Who? What? Where? When? Why?

³⁰ Cit. in Alves, 2003, p. 49.

hoje um telegrama dos mais baratos – poucas palavras então –, levando lá dentro encomenda pesada – dois queijos da serra, um garrafão de vinho, a caixa do Bruce Springsteen e o mais recente álbum de fotos da netinha... o galo de Barcelos já não cabe, vai no próximo” (Alves, 2003: 49), ironiza Dinis Alves.

Já Mário Mesquita alerta para os perigos dos títulos, defendendo que estes “não se destinam apenas a identificar e sintetizar determinado texto jornalístico. Visam igualmente seduzir o leitor, induzi-lo a comprar o jornal, o que se traduz, por vezes, na adopção de estratégias de dramatização. A arte de bem titular requer o domínio de uma linguagem telegráfica, plena de supressões e propícia a derrapagens deontológicas. Por isso mesmo os manuais e os códigos mais atentos à retórica do jornalismo sublinham que os títulos devem corresponder, pelo menos, ao conteúdo das notícias, artigos ou reportagens a que dizem respeito”³¹.

Assim, conclui Dinis Alves, “o conflito com que se depara o jornalista, ao decidir-se por títulos que sejam informativos, mas ao mesmo tempo *montra* que ajude a *vender* o artigo, não é dilema de fácil resolução. Dir-se-ia mesmo que os dois objectivos colidem entre si. Ao optar por um título meramente informativo, o jornalista decidir-se-á pela clareza, pelo *desengorduramento* do texto titular, recorrendo a significantes com significado gerador de consenso na comunidade jornalística. Utilizará uma linguagem referencial ou denotativa.

Mas quando se lembra que tal título ou manchete deve servir também para *vender* o texto ou a edição, aí já se pode sentir impelido a potenciar semanticamente o título, sendo para tal obrigado a desviar-se da norma, em direcção à chamada linguagem conotativa” (Alves, 2003: 135).

Penso ser muito interessante, para melhor se perceber esta temática, a personificação que Dinis Alves fez na obra, já várias vezes citada:

“De pulmões cheios e garganta a ferro, a imprensa clama então por socorro, berra nos títulos, trata-os como os *very lights* da sua salvação.

O jornal é hoje o seu próprio ardina, trá-lo embutido na armadura titular, que viveu séculos afogada no mar chumbo. Com dor, a imprensa renegou a Divina Arte Negra que foi sua madrinha, tomou-se de amores pela divina arte colorida; tornou-se alva, vestiu-se de muitos brancos a mando dos bruxos do design gráfico. Há muito estes lhe recomendavam que abjurasse do negro, para afugentar o demo da cova funda.

Assim – garrida quanto baste, meneando vaidosa bandoletes titulares último grito, pavoneando corpinho adelgaçado graças aos tratamentos de texto-aspiração –, a imprensa quer cair de novo nos braços dos leitores-salvadores.”

(Alves, 2003: 9)

Em forma de conclusão o autor continua, afirmando que todo o título:

³¹ Cit in. Alves, 2003, p. 40

“Tem um sonho: chegar à primeira página, porque ali ninguém arrisca que venha ao mundo com equipa médica reduzida. Na primeira é acarinhado por muitos, até mesmo pelo director da maternidade. E só o deixam sair para a rua bem penteado, umbigo perfeitinho, fraldas de marca.

E que tesão dá sentir-se alvo da atenção de tantos basbaques, ouvir logo ali comentários a seu respeito, contar um a um todos os que caíram nos seus jogos de sedução – *que título mais macho!*, desprezar os que lhe viraram costas, mais ainda os que preferiram entregar o dízimo à manchete rival.

É macho que atinge a plenitude com nome de mulher – *manchete*, porque de mulheres-letras é feito, mesmo que todas *gordas* interessa pouco.”

(Alves, 2003: 312)

Vamos, então, tentar perceber que tipo de títulos são normalmente escolhidos pelos diários desportivos para figurar na manchete. Será que é tido o cuidado de que fala Dinis Alves? E qual será a aposta das direcções dos jornais? Títulos em que é dada primazia à clareza, tornando as manchetes, predominantemente, informativas? Ou a necessidade de as manchetes servirem de “montra”, como nos explica Dinis Alves, relega para segundo plano a clareza? E que temas figuram na manchete? Qual a variabilidade dos assuntos escolhidos? Para encontrar todas as respostas que procuro, em seguida, passo a fazer uma análise mais detalhada sobre as manchetes.

Manchetes do jornal *A Bola*:

No ano de 2010, no jornal *A Bola*, em comum a quase todas as 363 edições, esteve o desporto escolhido para figurar na manchete: o futebol. As outras modalidades, apesar de nunca surgirem, efectivamente, na manchete, têm uma aparição no subtítulo³² de uma capa, em que surgem, Luís Filipe Vieira, e José Eduardo Bettencourt, respectivamente, presidentes do Benfica e do Sporting, em exercício, durante o período em análise.

Dentro deste denominador comum foram cinco os clubes escolhidos para figurar na manchete – Benfica, Sporting, F.C. Porto, Sp. Braga, e Vitória Sport Clube (Vitória de Guimarães) –, aos quais deve ser acrescentada a selecção nacional de futebol.

O Benfica foi o clube que mais vezes surgiu como sujeito³³ dos acontecimentos chamados à manchete, num total de 199 aparições, durante o ano de 2010. Mas importa dissecar a forma concreta como o clube apareceu representado.

Em 40 edições do jornal o tom da manchete foi positivo, e colocou em destaque o “Benfica”, sem recorrer a uma personalidade do clube para o representar. São disso exemplo as seguintes manchetes: “Benfica de mão cheia”³⁴, “Benfica faz história”³⁵, ou “Campeões”³⁶. No que diz respeito ao tratamento ao “Benfica”, directamente, o tom positivo foi o que surgiu mais vezes no jornal *A Bola*.

Continuando no tratamento dado ao clube, oito manchetes surgiram com tom negativo, como podemos comprovar nos exemplos que se seguem: “Triste Despertar”³⁷, “Onde pára o Benfica?”³⁸, ou “Não podem ou não querem?”³⁹. Por outro lado, no tom por mim definido como neutro, o clube aparece em 21

³² Na edição do jornal *A Bola*, de 24 de Agosto de 2010, na manchete pode ler-se: “Vieira e Bettencourt em cimeira de alto nível”, no subtítulo surge, então a referência: “Grandes de Lisboa acertam posições sobre actividade das modalidades amadoras”.

³³ Para Galtung e Ruge, segundo Nelson Traquina, “a tese é a de que as notícias têm, uma tendência para apresentar os acontecimentos como frases em que existe um sujeito, uma determinada pessoa ou colectividade composta por algumas pessoas, e o acontecimento é então visto como consequência das acções desta(s) pessoa(s)” (Traquina, 2003: 181)

³⁴ *A Bola*, 18 de Janeiro de 2010, p.1. – a manchete refere-se a uma vitória do Benfica por 5-0, num jogo contra o Marítimo.

³⁵ *A Bola*, 3 de Abril de 2010, p.1. – a manchete surge com o subtítulo: “Águias de Jesus somam êxitos e grandes marcas”.

³⁶ *A Bola*, 10 de Maio de 2010, p.1 – manchete referente ao dia seguinte à vitória do Benfica no campeonato 2009/2010.

³⁷ *A Bola*, 30 de Setembro de 2010, p.1 – manchete que surge com o subtítulo: “Águias desperdiçam ocasiões, e duas falhas defensivas levam à derrota”.

³⁸ *A Bola*, 21 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o seguinte subtítulo: “Anda desaparecida uma águia que voava”.

³⁹ *A Bola*, 25 de Novembro de 2010, p.1 – manchete que surge com o antetítulo: “Benfica fora da Champions com exibição ridícula”

manchetes. Exemplos desse tipo de tratamento são: “Todos à Figueira”⁴⁰, “Benfica guarda jóias”⁴¹, ou “Benfica no meio da ‘Revolução Francesa’”⁴².

Fora desta contagem estão as manchetes referentes ao chamado “mercado de transferências”⁴³. Neste outro âmbito o nome do Benfica surgiu como sujeito da acção em nove manchetes⁴⁴. São exemplos disso os títulos: “Benfica avança por Wesley”⁴⁵, “Águia volta-se para Salvio”⁴⁶, ou “Benfica avança por Gaitán”⁴⁷.

Por outro lado, em 121 edições do jornal, a manchete apesar de se referir ao Benfica, fá-lo de forma indirecta, chamando para destaque uma personalidade ligada ao clube, no que também é definido por diversos estudiosos como “personalização”. “A personalização da notícia permite ao jornalista comunicar a um nível que um vasto público composto por não profissionais é capaz de entender. Inúmeros estudos sobre o discurso jornalístico apontam para a importância da personalização como estratégia para agarrar o leitor, pois as pessoas interessam-se por outras pessoas” (Traquina, 2002:199)

Foram 33 as personalidades, de alguma forma ligada ao Benfica, que foram chamadas para a manchete do jornal *A Bola*. Dessas, apenas dez tiveram só uma aparição, pelo que, as restantes surgiram pelo menos duas vezes ao longo do ano de 2010. Nos casos em que foi feita a “personalização” de uma figura ligada ao Benfica na manchete do periódico, a distribuição pelas quatro categorias por mim definidas, relativamente ao tom das mesmas, foi a seguinte: positivo (31), negativo (5), neutro (61) e mercado (25), sendo que nesta última estão contabilizadas tanto as manchetes referentes a possíveis contratações, como, possíveis saídas.

A personalidade ligada ao clube que mais vezes foi chamada à manchete para o “representar” foi o seu treinador Jorge Jesus, num total de 18 aparições. Em treze das edições em que Jorge Jesus apareceu na manchete, o tom da notícia foi neutro, o que se traduzia muitas vezes numa citação do treinador: “ «Estão com muito medo do Benfica» ”⁴⁸; ou numa notícia: “Jesus pede mais reforços”⁴⁹.

⁴⁰ *A Bola*, 4 de Abril de 2010, p.1. – manchete com o seguinte antetítulo: “Jogadores querem ver estádio da Naval pintado de vermelho”.

⁴¹ *A Bola*, 28 de Setembro de 2010, p.1 – esta manchete refere-se ao que surge no antetítulo: “Coentrão renovou até 2016 seguem-se David Luiz e Luisão”.

⁴² *A Bola*, 19 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o seguinte antetítulo: “Encarnados viajam hoje para Lyon, cidade a ferro e fogo”.

⁴³ Sobre este assunto, em particular, debruçar-me-ei num capítulo mais à frente, que dedicarei à análise mais detalhada desse tema.

⁴⁴ Quando, sob esta temática, o sujeito da acção era o possível reforço, a minha decisão passou por contabilizar no que defini como “Pessoa individual”, numa análise que farei mais à frente.

⁴⁵ *A Bola*, 9 de Agosto de 2010, p.1

⁴⁶ *A Bola*, 17 de Agosto de 2010, p.1

⁴⁷ *A Bola*, 21 de Abril de 2010, p.1

⁴⁸ *A Bola*, 6 de Fevereiro de 2010, p.1.

⁴⁹ *A Bola*, 6 de Julho de 2010, p.1.

Contudo, o treinador do Benfica surgiu na manchete em três das quatro categorias identificadas por mim. Num tom neutro (13), como já vimos, negativo (4), positivo (1). Como podemos constatar, o timoneiro do Benfica constou em quatro das cinco manchetes de tom negativo, dadas a personalidades ligadas ao clube. Sendo que todas elas surgiram nos últimos dois meses do ano, duas em Novembro: “Mestre da invenção”⁵⁰ e “Tolerância zero para Jesus”⁵¹; e outras duas em Dezembro: “Jesus com natal em risco”⁵², e “Finalmente Jesus assume responsabilidades”⁵³. Para além de Jorge Jesus, apenas o guarda-redes Roberto mereceu o tom negativo numa manchete do jornal: “Roberto faz sentir saudades de Quim”⁵⁴.

As outras personalidades ligadas ao clube, que mereceram mais vezes o destaque do jornal, ao longo de 2010 foram Cardozo, com 13 aparições na manchete – seis de tom neutro e sete de tom positivo –, David Luiz, que surgiu em três categorias: mercado (4), neutro (3) e positivo (2), e ainda Saviola com seis manchetes neutras e duas positivas.

Em seguida apresento um gráfico em que se clarifica a forma como o Benfica surgiu representado no jornal *A Bola*, ao longo do ano de 2010, no total das 199 manchetes que lhe foram dedicadas.

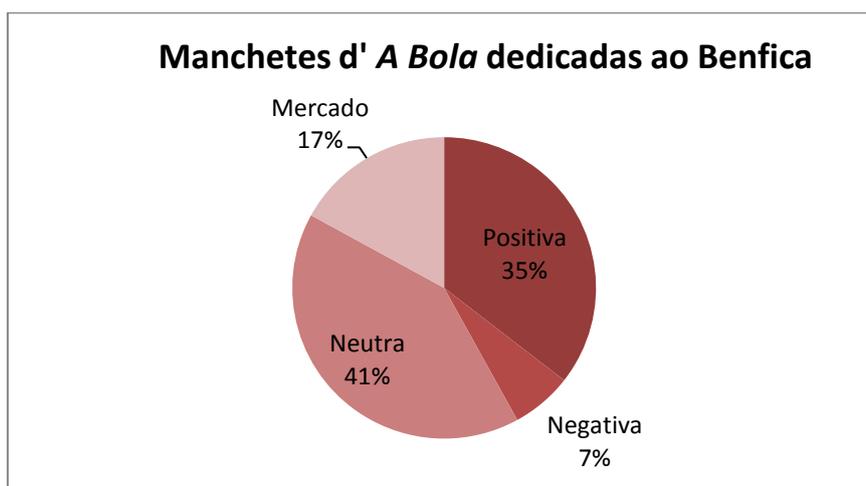


Gráfico 1

Depois do Benfica, o clube mais vezes representado nas manchetes do jornal *A Bola*, ao longo do ano de 2010, foi o Sporting, num total de 72 edições

⁵⁰ *A Bola*, 8 de Novembro de 2010, p.1. – manchete do dia seguinte a uma derrota por 0-5, sofrida pelo clube, frente ao F.C. Porto, e que surgia com o seguinte antetítulo: “Jorge Jesus tanto mudou que foi um descalabro”.

⁵¹ *A Bola*, 9 de Novembro de 2010, p.1. – a manchete surgia com o seguinte antetítulo: “Benfica proibido de voltar a falhar”.

⁵² *A Bola*, 9 de Dezembro de 2010, p.1 - a manchete surgia com o seguinte antetítulo: “Jogo com o SC Braga assume importância excepcional”

⁵³ *A Bola*, 12 de Dezembro de 2010, p.1

⁵⁴ *A Bola*, 22 de Agosto de 2010, p.1 – para além do antetítulo “Guarda-redes determinante em nova derrota do Benfica”, o destaque negativo é mais reforçado no subtítulo: “Custou 8,5 milhões e, em três jogos oficiais, já ‘custou’ seis golos ao Benfica”.

do jornal. Destas, em 39 ocasiões o “Sporting” foi o sujeito da acção escolhida para destaque, enquanto nas restantes 33 edições dedicadas ao clube, foi escolhida uma personalidade para o representar.

Sobre este clube prevaleceram as manchetes de tom positivo, num total de 18 edições. São disso exemplo: “Isto é Sporting”⁵⁵, “Alma de Leão”⁵⁶, ou “Grito de revolta”⁵⁷. A categoria de mercado foi a segunda com maior número de manchetes relativas ao Sporting, surgindo em doze edições do jornal. Exemplos de manchetes em que é dado destaque a essa temática podem ser os seguintes: “Sporting na corrida por Quaresma”⁵⁸ e “Sporting quer Jardel”⁵⁹.

Por outro lado, manchetes em que o tom identificado é negativo surgiram, no período em análise, quatro exemplos, como os seguintes: “Europa em risco”⁶⁰, “Paciência quase esgotada”⁶¹ e “Estado Crítico”⁶². Manchetes relativas ao Sporting, em que predominou o tom neutro, foram cinco, como são exemplo: “Noite de estreias”⁶³, “Inspiração Guerreira”⁶⁴, ou “Coragem de ir em frente”⁶⁵.

A “técnica” da personalização foi utilizada com o Sporting em 33 edições do periódico, pelo que, apenas seis personalidades com ligação ao clube surgiram em mais do que uma manchete. A pessoa que mais vezes surgiu nas manchetes do jornal *A Bola*, em representação do Sporting, foi o jogador Liedson, destaque em seis edições, e cujas manchetes surgiram em três categorias: positiva (3), negativa (1) e neutra (2).

Exemplos de manchetes com tom positivo, em que surgiu o jogador, podem ser: “Regresso triunfal”⁶⁶, ou “ «Sinto-me orgulhoso» ”⁶⁷. Os dois títulos

⁵⁵ *A Bola*, 26 de Fevereiro de 2010, p.1. – manchete que surgiu com o antetítulo: “Leão arrasou ingleses”

⁵⁶ *A Bola*, 27 de Agosto de 2010, p.1- manchete com o seguinte antetítulo: “Sporting fantástico dá a volta na Dinamarca”.

⁵⁷ *A Bola*, 1 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Leão respira bem melhor na Europa”; e com o subtítulo: “Noite de mão cheia sem Liedson e Yannick mas com Postiga e Vukcevic em grande, para esquecer dificuldades do campeonato”.

⁵⁸ *A Bola*, 23 de Janeiro de 2010, p.1

⁵⁹ *A Bola*, 10 de Dezembro de 2010, p.1

⁶⁰ *A Bola*, 26 de Fevereiro de 2010, p.1. – manchete explicada no antetítulo: “Bettencourt definiu 4º lugar como objectivo mas leão voltou a desiludir em Paços”, e no subtítulo: “A jogar assim a qualificação para as provas da UEFA está comprometida e o Sporting enfrenta o perigo de ser humilhado terça-feira em Inglaterra”.

⁶¹ *A Bola*, 27 de Setembro de 2010 – manchete com o antetítulo: “Assobios e lenços brancos depois de empate frustrante”.

⁶² *A Bola*, 18 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete em que, para além do disfemismo utilizado, reforça o negativismo com o antetítulo: “Paulo Sérgio, Costinha e Bettencourt dão murro na mesa”, e os subtítulos: “Treinador arrasa jogadores no balneário depois de Sofia”; “Jogo de Setúbal sobre brasas”; e “Adeptos esperaram pela equipa no aeroporto para insultar Direcção”.

⁶³ *A Bola*, 9 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sinama-Pongole e João Pereira fazem primeiro jogo de leão ao peito”.

⁶⁴ *A Bola*, 26 de Agosto de 2010, p.1- manchete com o seguinte antetítulo: “Paulo Sérgio usa o Braga como motivação”.

⁶⁵ *A Bola*, 12 de Fevereiro de 2010, p.1. – manchete em forma de incentivo, como fica patente no antetítulo: “Carvalhal contra a cobardia”

⁶⁶ *A Bola*, 17 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Liedson saiu do banco para fazer dois golos e carimbar a vitória”.

sobre Liedson, puxados para manchete do jornal, e em que o tom da mesma é neutro são: “Liedson louco por vencer a Liga Europa”⁶⁸, ou “ «No meu coração cabem Portugal e Brasil» ”⁶⁹.

O jogador foi também uma das duas personalidades ligadas ao Sporting que surgiu na manchete com tom negativo, quando se leu: “O rosto da violência”⁷⁰. A outra personalidade ligada ao clube que apareceu numa manchete com tom negativo foi o jogador João Moutinho, que surgiu nos seguintes moldes: “Moutinho perde a braçadeira”⁷¹. Para além de Liedson, a única personalidade ligada ao clube que surgiu mais do que duas vezes na manchete foi o treinador Paulo Sérgio, que liderou o clube a partir da segunda metade do ano de 2010, e que surgiu em três manchetes, duas de tom neutro, e uma na categoria de mercado. Já Carlos Carvalhal, treinador que orientou a equipa de futebol do Sporting durante a primeira metade do ano (período que correspondeu à segunda volta do campeonato da época de 2009/2010), surgiu na manchete por duas vezes, uma de tom neutro, e outra de tom positivo. Isto significa que, ao todo, o Sporting foi representado pelo seu treinador cinco vezes, ainda que essa representação tenha sido feita através de duas personalidades diferentes.

O gráfico que se segue é relativo à forma como o clube surgiu representado nas manchetes do jornal, durante o período em análise. De referir que o total da soma das representações do Sporting como “sujeito” da acção, e das “personalizações” ligadas ao clube, foi de 72 edições.

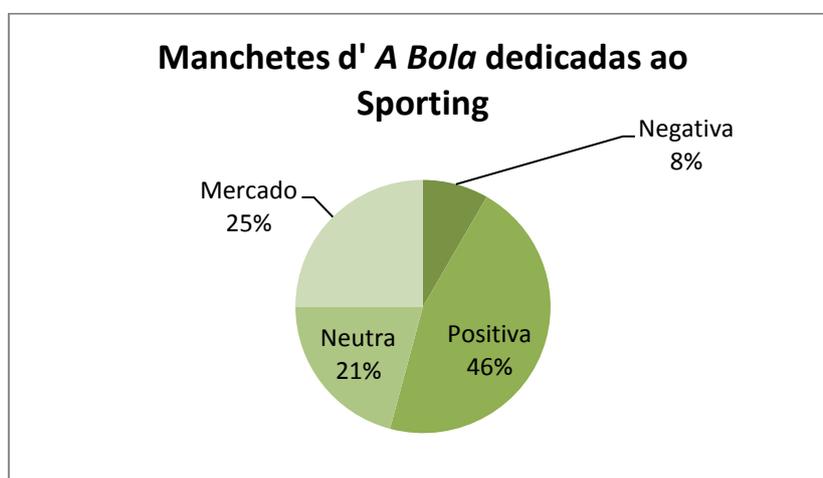


Gráfico 2

⁶⁷ *A Bola*, 19 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete que cita o jogador, e que encontra a sua justificação no antetítulo: “A Bola ouviu Liedson sobre ter igualado a marca de Yazalde”, e no subtítulo: “‘Levezinho’ muito feliz por ter chegado aos 104 golos no campeonato, mas promete não ficar por aqui”.

⁶⁸ *A Bola*, 17 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Não esqueceu derrota na final de 2005”

⁶⁹ *A Bola*, 9 de Março de 2010, p.1.

⁷⁰ *A Bola*, 17 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete em que surge o subtítulo: “Sá Pinto deixou Liedson em mau estado”, referindo-se esta capa a um confronto físico que opôs o então jogador do Sporting, ao, também então, director para o futebol, do clube.

⁷¹ *A Bola*, 27 de Junho de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Mudança de capitão no Sporting”.

Por seu turno, o F.C. Porto surgiu na manchete deste periódico, num total de 9 edições. Em 5 das quais apareceu como sujeito da acção, tendo o tom das manchetes aparecido com a seguinte distribuição: positivo (3), e mercado (2).

O tom que predominou nas manchetes relativas ao clube foi o positivo, tal como nos casos dos clubes anteriores. Os exemplos desse tipo de manchetes são: “FC Porto na corrida”⁷², “Taça de mel e fel”⁷³ e “Indiscutível”⁷⁴. Na categoria de mercado, as manchetes que o jornal dedicou ao clube foram: “FC Porto não convenceu Jesus”⁷⁵, e “FC Porto tenta João Moutinho”⁷⁶.

Das quatro vezes que foi feita a “personalização” de alguém para representar o clube, numa das vezes o tom da notícia foi negativo, tendo sido o jogador Hulk a imagem do clube: “Hulk ‘preso’ até ao Dia da Liberdade”⁷⁷; outras duas manchetes incluem-se na categoria de mercado: “Roeu a corda”⁷⁸, e “Moutinho no Dragão”⁷⁹. O jogador João Moutinho foi a única personalidade escolhida pelo jornal *A Bola* para representar o F.C. Porto, mais do que uma vez, tendo surgido numa manchete de tom neutro, onde se podia ler: “Anjo e Demónio”⁸⁰.

Depois dos chamados “três grandes”, o clube que mais vezes surgiu na manchete do diário foi o Sp. Braga, num total de cinco vezes, com as

⁷² *A Bola*, 22 de Fevereiro de 2010, p.1. – manchete que surgiu com o antetítulo: “Dragão avassalador reduziu Sp. Braga a cacôs”, e foi reforçada no subtítulo “Poder de fogo dos azuis-e-brancos mantém luta a três pela Liga”. De referir, no entanto, que apesar de ter sido dada esta manchete ao F.C. Porto, no fundo da página aparece um segundo destaque, em que se lê em letras grandes: “Benfica isolado”, seguida de “Com dois terços do campeonato cumpridos, águias deixam finalmente bracarenses para trás”, em forma de subtítulo.

⁷³ *A Bola*, 17 de Maio de 2010, p.1 – manchete referente ao dia seguinte à vitória do F.C. Porto na Taça de Portugal, e que teve como antetítulo: “FC Porto conquista troféu em tarde de emoções fortes”, e como subtítulo: “Dragão falhou na concretização e acabou a sofrer para levar para o Porto a 15ª Taça de Portugal da sua história”.

⁷⁴ *A Bola*, 8 de Agosto de 2010, p.1 – manchete do dia seguinte à vitória por 2-0, obtida pelo clube na Supertaça, diante do Benfica, e na qual, no antetítulo se podia ler: “Dragão vence Supertaça pela 17ª vez”.

⁷⁵ *A Bola*, 3 de Junho de 2010, p.1. – manchete que surgiu com o antetítulo: “Proposta apresentada a 11 de Maio”, e com o subtítulo: “Dragões ofereciam-lhe o triplo do ordenado e estavam dispostos a pagar dois milhões de euros ao Benfica”.

⁷⁶ *A Bola*, 27 de Junho de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Sporting já soube do interesse e mostra-se inflexível”, e o subtítulo: “Dragões tomaram conhecimento da insatisfação do médio, mas em Alvalade só se admite a saída para o rival por 22,5 milhões, valor da cláusula de rescisão”.

⁷⁷ *A Bola*, 20 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete que surgiu com o antetítulo: “Suspensão de quatro meses permite defrontar o Benfica”, e com os subtítulos: “Avançado regressa a 25 de Abril contra o V. Setúbal”, “Castigo afasta-o durante 23 jogos nacionais”, “Sapunaru foi suspenso por seis meses”, e “FC Porto vai recorrer para o Conselho de Justiça”.

⁷⁸ *A Bola*, 1 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete escolhida para noticiar que “Kléber chegou, viu e não assinou...”, como se lê no antetítulo, sendo que, no subtítulo pode ler-se que “Ponta-de-lança brasileiro fez exigências de última hora que o FC Porto não aceitou”.

⁷⁹ *A Bola*, 4 de Julho de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Acordo quase total entre FC Porto e Sporting”, e subtítulo: “Médio assina por quatro anos e já estará amanhã no Olival”.

⁸⁰ *A Bola*, 26 de Novembro de 2010, p.1. – manchete que surgiu com o antetítulo: “O clássico de João Moutinho – em Alvalade passou de herói a vilão; no Porto já conquistou os adeptos”.

manchetes a terem sempre um tom positivo. Quatro delas surgiram com o Sp. Braga como sujeito da acção, sendo, as seguintes: “Um líder a sério”⁸¹, “Pressão sobre o ‘derby’”⁸², “Braga histórico”⁸³ e “Braga foi enorme!”⁸⁴. Na única vez em que foi utilizada a técnica da “personalização” com o clube, a personalidade escolhida para o representar foi o jogador Matheus, que surgiu da seguinte forma: “Matheus escreve conto de fadas”⁸⁵.

Para além do Sp. Braga, também o Vitória de Guimarães teve direito a surgir na manchete do jornal *A Bola*, durante o ano de 2010. Na ocasião foi escrito: “Guimarães dá mais vida à Liga”⁸⁶. Neste caso, apesar de se destacar o “Guimarães”, o título ganha mais sentido, quando lido com o antetítulo: “FC Porto afinal não é invencível e perde os primeiros pontos”⁸⁷, o que sugere que o clube foi chamado para a manchete por ter conseguido fazer com que o F.C. Porto perdesse “os primeiros pontos”, e terá sido esse o seu mérito. Em nenhuma vitória do clube lhe foi dado destaque. Para ser mais concreto, na mesma temporada (2010/2011) em que surgiu este título, o clube venceu o Benfica, tendo surgido na manchete: “Revolta”⁸⁸; e quando venceu o Sporting, esse feito não teve direito à manchete do jornal, e na chamada de capa relativa ao jogo, também apenas é feita uma referência ao clube, e a dois dos seus jogadores⁸⁹.

Depois de analisadas as manchetes em que surgiu um clube, ou uma personalidade ligada a um clube, como sujeito da acção, passo, em seguida, à análise das manchetes, em que foram dois os clubes representados.

No caso do jornal *A Bola*, esta situação ocorreu 16 vezes⁹⁰, durante o período em análise, sendo que, o Benfica também lidera, claramente, o número

⁸¹ *A Bola*, 30 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sp. Braga vence todos os grandes em casa”, e o subtítulo: “À 17ª jornada soma apenas uma derrota e, em Braga, sofreu só um golo”.

⁸² *A Bola*, 11 de Abril de 2010, p.1 – manchete explicada no antetítulo: “Sp. Braga vence em Leiria e marca ritmo do campeonato”, e nos subtítulos: “Reviravolta em três minutos deixa bracarenses a tres pontos do primeiro lugar”, e “Benfica-Sporting de terça-feira assume ainda maior importância nas contas do título, mas os leões também jogam o quarto lugar”.

⁸³ *A Bola*, 26 de Abril de 2010, p.1 – manchete que surge com o antetítulo: “Arsenalistas a dois pontos da Champions e ainda na corrida pelo primeiro lugar”, e no subtítulo: “Pontuação dos bracarenses valeria liderança em dois terços dos campeonatos deste século”.

⁸⁴ *A Bola*, 25 de Agosto de 2010, p.1- manchete do dia seguinte à vitória por 4-3, obtida pelo Sp. Braga, em Sevilha, num jogo a contar para a Liga dos Campeões, e que surge com o antetítulo: “Guerreiros na fase de grupos da Champions”.

⁸⁵ *A Bola*, 19 de Agosto de 2010, p.1

⁸⁶ *A Bola*, 5 de Outubro de 2010, p.1

⁸⁷ *Ibidem*

⁸⁸ *A Bola*, 11 de Setembro de 2010 – manchete com o antetítulo: “Benquerença ‘trava’ Benfica”, sem que se leia alguma referência ao Vitória de Guimarães.

⁸⁹ Na edição de 9 de Novembro, dia seguinte ao referido jogo, na chamada de capa que surgiu a ocupar ao espaço por baixo do título *A Bola*, podia ler-se: “E tudo Maniche levou”, com um antetítulo a dizer: “Expulsão infantil foi o suicídio do leão”, e nos subtítulos podia ler-se: “Com o resultado em 2-0 para o Sporting, Targino entrou, e, de rajada, fez dois golos”, e “Teles fechou as contas e pôs o Vitória no 2º lugar”.

⁹⁰ Fora desta análise ficam as manchetes em que surgem dois clubes representados por uma personalidade de cada um deles. Esses casos foram englobados numa categoria que analisarei mais à frente.

de edições em que são representados dois clubes. Por seis vezes, o clube apareceu na capa com o Sporting. Esta situação ocorreu, não só quando as duas equipas se defrontaram, por exemplo: “À Luz do título”⁹¹; mas também quando tinham jogos importantes no mesmo dia, como é exemplo a manchete seguinte: “Ataque à Europa”⁹². Com o F.C. Porto, apenas há três exemplos de manchetes, aparecendo estas, sempre antes de confrontos entre as equipas, por exemplo: “A última final?”⁹³, e “Round 1”⁹⁴.

Para além disso, o Benfica ainda “partilha” a manchete com o Braga, por três vezes, duas das quais antes de confrontos entre as equipas, sendo disso exemplo: “Hora da verdade”⁹⁵; e uma outra, no dia em que se decidiu o título de campeão nacional da época 2009/2010, disputado pelas duas equipas até à última jornada, e em que surgiu em manchete: “Dia T”⁹⁶.

Por fim, o Benfica surge uma vez na manchete “acompanhado” pela equipa inglesa Liverpool F.C., no dia em que a defrontou, num jogo a contar para a Liga Europa. A manchete foi a seguinte: “Génios à solta”⁹⁷.

O Sporting é o clube que, depois do Benfica, surge em mais manchetes, juntamente com outro clube. Às seis aparições na “companhia” do Benfica devem acrescentar-se duas em que surge com o F.C. Porto. Uma delas aparece no dia seguinte a um jogo entre os clubes, na qual se lê: “Dragão de fogo, leão de papel”⁹⁸. A outra surge no dia em que ambas as equipas iniciavam o campeonato 2010/2011, e podia ler-se: “Arranque de candidatos”⁹⁹.

Já no caso do F.C. Porto, como acabámos de ver, o clube surge em manchetes com o Benfica, e com o Sporting, e para além disso, ainda figura numa manchete na companhia do Sp. Braga. Isto acontece no dia em que as duas equipas jogam entre si, e pode ler-se o seguinte: “Dia D de Dragão”¹⁰⁰.

Para além destes casos, houve ainda duas edições em que foram três os clubes representados na manchete do jornal *A Bola*. Uma das quais foi dedicada aos chamados “três grandes”. A manchete em questão apareceu da

⁹¹ *A Bola*, 13 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo “Poucas vezes um ‘derby’ foi tão importante”.

⁹² *A Bola*, 11 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Águias e Leões querem dar já um passo para os ‘Quartos’”, no dia em que as equipas jogavam a 1ª mão dos oitavos de final da Liga Europa.

⁹³ *A Bola*, 2 de Maio de 2010, p.1 – manchete que surgiu com os seguintes subtítulos: “Jorge Jesus quer ser já campeão”, e “Dragões tudo farão para evitar a festa”.

⁹⁴ *A Bola*, 7 de Agosto de 2010, p.1- manchete que surge com o antetítulo: “Época começa hoje com duelo de luxo entre águias e dragões”.

⁹⁵ *A Bola*, 27 de Março de 2010, p.1

⁹⁶ *A Bola*, 9 de Maio de 2010, p.1

⁹⁷ *A Bola*, 1 de Abril de 2010, p.1 – manchete que surge com o antetítulo: “Jesus fala em final antecipada”, e o subtítulo: “A Luz vai esgotar para o duelo em que, segundo o treinador, estarão frente a frente as duas melhores equipas ainda em prova”.

⁹⁸ *A Bola*, 3 de Fevereiro de 2010, p.1

⁹⁹ *A Bola*, 14 de Agosto de 2010, p.1- manchete que surge com o antetítulo: “FC Porto e Sporting entram hoje em acção na Liga”

¹⁰⁰ *A Bola*, 21 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete aparece com o antetítulo: “Luta pelo título joga-se esta noite”, e com os subtítulos: “FC Porto fica com vida muito difícil na Liga caso não consiga os três pontos”, e “Sp. Braga isola-se se vencer, mas o empate basta para regressar à liderança”.

seguinte forma: “Sempre em frente”¹⁰¹. A outra colocou em destaque o Benfica, o F.C. Porto e o Sp. Braga, e foi a seguinte: “Até ao fim!”¹⁰².

Fora das contas das manchetes analisadas estão 21 títulos de primeira página que não incluí em nenhuma das categorias até aqui dissecadas. Estas foram incluídas na categoria “Outro tema”. Esta minha opção prendeu-se com o facto de ser difícil encontrar ligação às categorias que já analisei, para incluir estas manchetes. Por vezes, também tomei a opção de as excluir, porque podiam encaixar em mais do que uma categoria. Foi neste capítulo que coloquei, por exemplo, os casos em que mais do que um clube foi representado por personalidades ligadas aos clubes, isto é, quando na mesma manchete foi feita mais do que uma “personalização”, de mais do que um clube.

Neste aspecto tivemos, no período em análise, 12 manchetes em que surgem duas personalidades ligadas a dois clubes. A dupla de clubes que mais vezes aparece “personalizada” é o Benfica e o F.C. Porto, que surgem por cinco vezes. Em quatro das quais, a representação é feita recorrendo a jogadores dos clubes, sendo as seguintes: “Capitães de Maio”¹⁰³; “Paixões ao rubro”¹⁰⁴; “Duelo começa hoje”¹⁰⁵; “Duelo de Super-Heróis”¹⁰⁶; e, por uma vez, foram escolhidos os treinadores de ambos os clubes: “Eles vivem para ganhar”¹⁰⁷. De notar que, apenas por uma vez, nestas cinco manchetes não apareceu a palavra “duelo”. Duas vezes constou na manchete, enquanto, por três vezes surgiu no antetítulo, ou nos subtítulos. Isto serve para destacar a rivalidade entre os dois clubes, mas mostra, igualmente, que o jornal recorre a um jogo de palavras bélico, para deixar claro essa rivalidade. Contudo, a apreciação da tipologia dos títulos utilizados nas manchetes, bem como dos recursos estilísticos, será feita um pouco mais à frente.

Benfica e Sporting surgem juntos por quatro vezes. Em duas delas surgem jogadores a representar os clubes: “Génova ataca Veloso e

¹⁰¹ A *Bola*, 25 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sporting, Porto e Benfica juntos pela primeira vez nas meias-finais”, relativamente à Taça da Liga.

¹⁰² A *Bola*, 3 de Maio de 2010, p.1 – manchete que surgiu com os seguintes subtítulos: “Benfica a um ponto, na Luz, de ser campeão”; “Sp. Braga já está na Champions e ainda luta pelo primeiro lugar”; “FC Porto ganha ao Benfica mas fica fora da Champions”.

¹⁰³ A *Bola*, 30 de Abril de 2010, p.1 – manchete que surge com o antetítulo: “Duelo de gigantes marcado para domingo, no Dragão”, e com o subtítulo: “Bruno Alves e Luisão imprescindíveis para Jesualdo e Jesus”.

¹⁰⁴ A *Bola*, 1 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Hulk e Cardozo em cimeira de matadores”.

¹⁰⁵ A *Bola*, 8 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Falcao e Cardozo decidem a Bola de Prata”

¹⁰⁶ A *Bola*, 7 de Novembro de 2010, p.1. – manchete explicada no antetítulo: “A Bola apresenta o clássico de hoje em banda desenhada”, e nos subtítulos: “Hulk é... Hulk!”, e “Coentrão é Flash!”.

¹⁰⁷ A *Bola*, 6 de Novembro de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Villas Boas e Jorge Jesus – dois obcecados pelo futebol em duelo, amanhã no Dragão”.

Amorim”¹⁰⁸, e “Eles podem sair já”¹⁰⁹; uma vez foi feita a “personalização” dos treinadores dos dois clubes: “Eles têm paixão pela Taça”¹¹⁰; também por uma vez, são os próprios presidentes dos clubes a ser colocados em destaque: “Vieira e Bettencourt em cimeira de alto nível”¹¹¹, esta capa merece um maior destaque por ser a única deste jornal, no período em análise, em que surge uma referência às “modalidades amadoras” associado à manchete, ainda que tal não seja perceptível na mesma.

O F.C. Porto e o Sporting também surgem emparelhados por uma vez, na manchete do jornal, sendo representados por futebolistas dos clubes: “Escolhidos para resolver”¹¹². O Sporting aparece, ainda, numa “personalização” feita do seu treinador, e do treinador da U. Leiria, em que se lia: “Festa brava em Leiria”¹¹³.

Ainda no que englobei na categoria “outro tema”, surgiram por duas vezes manchetes em que foram “personalizados” os chamados “três grandes”. Numa podia ler-se: “Actores principais”¹¹⁴, a outra afirmava: “Taça de goleadores”¹¹⁵.

Nesta categoria, ainda incluí duas manchetes que estão relacionadas com o Benfica. Mas se numa é fácil perceber a “personalização” de dois futebolistas do clube: “Dupla mortífera”¹¹⁶; já na outra, o título não é, de todo,

¹⁰⁸ *A Bola*, 9 de Julho de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Presidente do clube italiano assume interesse”, e com o subtítulo: “Depois de Eduardo, o clube genovês vira-se para os médios de Sporting e Benfica”

¹⁰⁹ *A Bola*, 23 de Dezembro de 2010, p.1. – manchete que surge com o antetítulo: “David Luiz e Liedson muito cobiçados”.

¹¹⁰ *A Bola*, 15 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jorge Jesus e Paulo Sérgio já estiveram na final; agora querem vencê-la”.

¹¹¹ *A Bola*, 24 de Agosto de 2010, p.1- manchete que surge com o antetítulo: “Sporting e Benfica juntos ao almoço”, e com o subtítulo: “Grandes de Lisboa acertam posições sobre actividade das modalidades amadoras”.

¹¹² *A Bola*, 27 de Novembro de 2010, p.1 – no subtítulo da manchete é explicado que “os leitores de *A Bola* on-line concordam: o 23 do Sporting [ndr: Hélder Postiga] e o 12 do FC Porto [ndr: Hulk] devem decidir o clássico”.

¹¹³ *A Bola*, 31 de Outubro de 2010, p.1 – manchete explicada no antetítulo: “Pedro Caixinha e Paulo Sérgio, duelo de aficionados”, e, sobretudo, nos subtítulos: “Treinador do Leiria foi forçado de renome, técnico do Sporting também chegou a entrar na arena”, e “Esta noite os apaixonados pela tourada encontram-se cara a cara no ataque ao terceiro lugar do campeonato”.

¹¹⁴ *A Bola*, 24 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Liedson, Saviola e Rúben Micael centram atenções na Taça da Liga”, e com os subtítulos: “Liedson será titular apesar da multa milionária”, “Saviola procura oitavo jogo seguido a marcar” e “Rúben Micael estreia-se no meio-campo dos dragões”.

¹¹⁵ *A Bola*, 17 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Walter, Kardec e Liedson brilham”, e com os subtítulos: “Liedson saiu do banco para ajudar a virar o resultado”, “ ‘Hat-trick’ de Walter na estreia como titular” e “Kardec bisou de cabeça e festejou, pela primeira vez na Luz”.

¹¹⁶ *A Bola*, 28 de Julho de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Segunda assistência seguida de Coentrão para Cardozo”.

esclarecedor, ao ponto de ser possível atribuir a manchete a uma das categorias já analisadas: “Gregos com mau feito”¹¹⁷.

O treinador português José Mourinho, numa manchete em que aparece com o jogador Cristiano Ronaldo, e, cujo título é “Os mais caros do mundo”¹¹⁸, é mais um caso de uma “personalização”, ainda que, aqui, a notoriedade das duas personalidades em causa justifique a manchete, e não, propriamente, o clube que representam.

Tendo 2010 sido o ano em que se realizou mais uma edição do Campeonato do Mundo de futebol, é normal que a atenção dada àquela, que é considerada a competição mais importante do panorama do desporto que “reina” nas manchetes dos jornais desportivos, tenha resultado em títulos relativos à competição. No caso do jornal *A Bola* foram duas as manchetes dedicadas à competição. Desde logo, no dia seguinte ao início do torneio disputado na África do Sul, pôde ler-se: “Mundiáfrica”¹¹⁹. Já no dia depois da final, a manchete dizia: “Senhores do Mundo”¹²⁰.

Também durante o Mundial, surgiu mais uma manchete que decidi colocar nesta categoria, desta vez, porque, apesar de ser relativa à selecção nacional de futebol, o tónico da manchete é colocado num outro aspecto. Podia ler-se: “O mundo em Português”¹²¹. O destaque nesta manchete não foi, como em outras, a selecção nacional, mas o facto de se defrontarem duas selecções que falam a mesma língua, e de estarem em confronto dois países que se dizem “irmãos”. Na manchete, o jornal colocou valores históricos e sociais, à frente dos valores desportivos, inerentes ao jogo.

Por outro lado, a manchete referente à candidatura ibérica, à organização do Mundial de 2018, foi outra das que não foram englobadas nas categorias anteriormente analisadas. Em destaque surgiu a questão: “Quem melhor que nós?”¹²², sendo que, no mesmo dia, em grande destaque também surgiu: “Bom futebol muito sol e belas praias”¹²³.

¹¹⁷ *A Bola*, 24 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jogo com o Panathinaikos de amigável teve pouco” e com o subtítulo: “Airton foi agredido com um soco, Sidnei defendeu o companheiro ao pontapé e segundos finais da primeira parte transformaram-se em batalha campal”.

¹¹⁸ *A Bola*, 29 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Mourinho depois de Ronaldo”, e que é justificada nos subtítulos: “Real Madrid confirma contratação do técnico português”, “Inter recebe 16 milhões de euros – 10 em dinheiro e seis em jogadores”, e “Nunca um clube pagara tanto para ter um treinador”.

¹¹⁹ *A Bola*, 12 de Junho de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Campeonato do Mundo arrancou em festa”, e que no subtítulo declarava: “Sonho cumprido. Durante o próximo mês o mundo vai girar em torno de África do Sul”.

¹²⁰ *A Bola*, 12 de Julho de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Espanha conquista primeiro mundial da sua história”.

¹²¹ *A Bola*, 25 de Junho de 2010, p.1. – manchete em que se lia no antetítulo: “Duelo pelo primeiro lugar na cidade sul-africana de Durban onde Fernando Pessoa viveu”, e no subtítulo: “Espera-se magia no jogo que coloca frente a frente portugueses e brasileiros unidos por essa Pátria maior que é a língua de Pessoa”.

¹²² *A Bola*, 19 de Novembro de 2010, p.1 – no antetítulo anunciava-se que “A Bola e a Marca para entrevistar os responsáveis pela candidatura ibérica ao Mundial de 2018”.

¹²³ *Ibidem*

Por fim, a manchete que falta para completar o lote de 21, inseridas na categoria “outro tema” é relativa ao que o estudo dos autores canadianos, Ericson, Baranek e Chan, citados por Néelson Traquina, definiram como o valor-notícia da “infracção”, e que outros autores também se referem como a “negatividade”. Segundo os mesmos, “a infracção das leis, a má gestão, o mau comportamento por parte de um funcionário ou qualquer autoridade responsável, e mesmo uma sugestão de impropriedade, tem noticiabilidade” (Traquina, 2002: 184) Este valor notícia “está associado a um tipo de acontecimento fulcral para a comunidade jornalística, ou seja, o escândalo (...) Este tipo de acontecimento corresponde à situação mítica do jornalista como «cão de guarda»” (*Ibidem*: 193).

A manchete em causa afirma: “Fucile, Helton e Rodriguez ‘apanhados’ no túnel da Luz”¹²⁴, e refere-se a incidentes registados no túnel de acesso aos balneários do Estádio da Luz, depois do jogo disputado entre o Benfica e o F.C. Porto, no dia 20 de Dezembro de 2009. O tema ficou conhecido como o escândalo do “Túnel da Luz”. Esta revelação do jornal *A Bola* reatou a discussão em torno do caso, depois deste já ter sido bastante destacado durante o período que se seguiu ao sucedido.

A acrescentar a estas manchetes, há que referir também 13, em que foram destacadas pessoas, devido à sua notoriedade, sem que fosse por uma ligação, no momento, a um clube, ou à selecção nacional. O caso atrás referido voltaria a ser justificação para um destaque de primeira página do jornal, quando surgiu na capa a manchete: “Indignado”¹²⁵, com o antetítulo a explicar: “Hermínio Loureiro deixa a Liga”. Mais uma vez, o “escândalo” foi a justificação deste título, apoiado num outro valor-notícia identificado pelo trio de estudiosos, já referidos, que é a “continuidade”. “Os autores argumentam que, para os *media* noticiosos, tudo o que se passa, no fundo, consiste em estabelecer e usar enquadramentos reconhecíveis para perceber o item específico a ser noticiado. A noticiabilidade implica o estabelecimento de um fluxo de notícias em termos de estruturas para os visualizar (...) o acontecimento específico é mais noticiável se for contínuo em relação a acontecimentos prévios, no sentido em que o repórter é capaz de o colocar num enquadramento saliente” (Traquina, 2002: 183).

José Mourinho foi a pessoa que mais vezes surgiu, preenchendo este pressuposto, de valor da sua notoriedade, num total de 4 edições do diário. O treinador português foi figura dominante de duas manchetes de tom positivo: “A vitória do imperador”¹²⁶, e “José Mourinho Homem do Ano”¹²⁷; uma de tom

¹²⁴ *A Bola*, 3 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete que reforça no antetítulo que: “Sapunaru e Hulk não foram os únicos envolvidos”.

¹²⁵ *A Bola*, 25 de Março de 2010, p.1 – manchete com os subtítulos: “Decisão do Conselho de justiça no ‘caso do túnel’ «tem implicações que ultrapassam a justiça desportiva», considera ex-presidente da Liga”, e “CJ da FPF reduz pena de Hulk de quatro meses para três jogos”.

¹²⁶ *A Bola*, 23 de Maio de 2010, p.1 – manchete em que se anunciava, no antetítulo, que: “Mourinho é bicampeão da Europa e conquistou 17º título da carreira”

¹²⁷ *A Bola*, 31 de Dezembro de 2010, p.1.

neutro: “Unidos para ganhar!”¹²⁸ e ainda uma relacionada com o mercado: “Mourinho diz sim a Di Maria”¹²⁹.

Cristiano Ronaldo foi outra das personalidades a merecer destaque do jornal. Por três vezes o futebolista português fez a manchete do diário, sem que fosse como “cara” da selecção, ou de um clube. Em comum a todas elas, o facto de serem citações do jogador, a falar sobre o campeonato português, e de as mesmas serem elogiosas para com o Benfica: “ «Benfica está muito forte no ataque» ”¹³⁰, “ «Preferia o Braga, mas o campeão será o Benfica» ”¹³¹ e “ «FC Porto deve reconhecer que Benfica foi melhor» ”¹³².

Por duas vezes a manchete do jornal *A Bola* trouxe o jogador argentino Lucho Gonzales, que jogou no F.C. Porto até ao final da temporada 2008/2009. Na primeira vez que o jogador surgiu na manchete, o pretexto foi explicado no antetítulo: “Lucho Jogador do ano – Médio recebeu Bola de Ouro”¹³³ e falou da dificuldade dos dragões para encontrar o seu sucessor”¹³⁴. No título podia ler-se: “ «Este troféu é de toda a equipa do FC Porto» ”¹³⁵. A segunda manchete dedicada ao jogador é feita também através da citação do jogador, em que é feito um elogio ao... Benfica: “ «Benfica é a melhor equipa de Portugal» ”¹³⁶.

Outra pessoa, que no passado tinha estado ligada ao F.C. Porto, e que figurou, depois, numa manchete do jornal, foi o seu ex-treinador Jesualdo Ferreira. O título, mais uma vez, foi feito com recurso a uma citação, onde se podia ler: “ «Perdemos a Liga porque não fomos competentes» ”¹³⁷, numa clara alusão à sua antiga equipa, que perdera o título de campeão nacional, para o rival Benfica.

A manchete da edição de 15 de Dezembro foi utilizada para comemorar: “50 anos de Eusébio em Portugal”¹³⁸. “O maior futebolista português de todos os tempos”, como é descrito na mesma capa, foi outra das figuras, cuja notoriedade foi suficiente para o fazer figurar no destaque principal do jornal. A sua ligação ao Benfica e à selecção nacional de futebol, não foi o pretexto que justificou esta manchete, mas sim a comemoração de tal efeméride.

¹²⁸ *A Bola*, 6 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Mourinho envia vibrante carta aberta a todos os portugueses”

¹²⁹ *A Bola*, 28 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Argentino cabe nas contas do novo ‘patrão’ do Real Madrid”

¹³⁰ *A Bola*, 8 de Janeiro de 2010, p.1

¹³¹ *A Bola*, 17 de Abril de 2010, p.1

¹³² *A Bola*, 29 de Abril de 2010, p.1

¹³³ Este é um prémio atribuído pelo jornal, anualmente, e que premeia o melhor jogador a actuar no campeonato nacional de futebol.

¹³⁴ *A Bola*, 29 de Janeiro de 2010, p.1

¹³⁵ *Ibidem*

¹³⁶ *A Bola*, 10 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Lucho Gonzales já avisou o Marselha”. Esta manchete surgiu no dia anterior a um jogo que opôs o Benfica à equipa francesa, onde actuava o jogador argentino.

¹³⁷ *A Bola*, 1 de Setembro de 2010 – manchete com o antetítulo: “Jesualdo Ferreira fala pela primeira vez após saída do FC Porto”.

¹³⁸ *A Bola*, 15 de Dezembro de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Na noite de 15 de Dezembro de 1960 *A Bola* assistia ao ‘nascimento’ da lenda”.

Também com passado ligado à selecção nacional de futebol, Luiz Felipe Scolari foi outra personalidade que mereceu destaque numa manchete do periódico: “Scolari sonha voltar”¹³⁹.

Nesta análise ficam a faltar as 24 manchetes referentes à selecção nacional de futebol, e que representam 7% do total de edições do ano 2010. Este número faz com que essa temática seja a terceira mais repetida, depois dos clubes Benfica (55%)¹⁴⁰, e Sporting (20%). Contudo, a análise a esse assunto será feito mais à frente, num capítulo dedicado ao tratamento dado pelos três diários à Selecção.

Para já, fica um gráfico em que é possível perceber, em percentagens, a relevância dos assuntos chamados à manchete do jornal *A Bola*, ao longo do ano de 2010, onde figura a análise de todas as 363 manchetes:

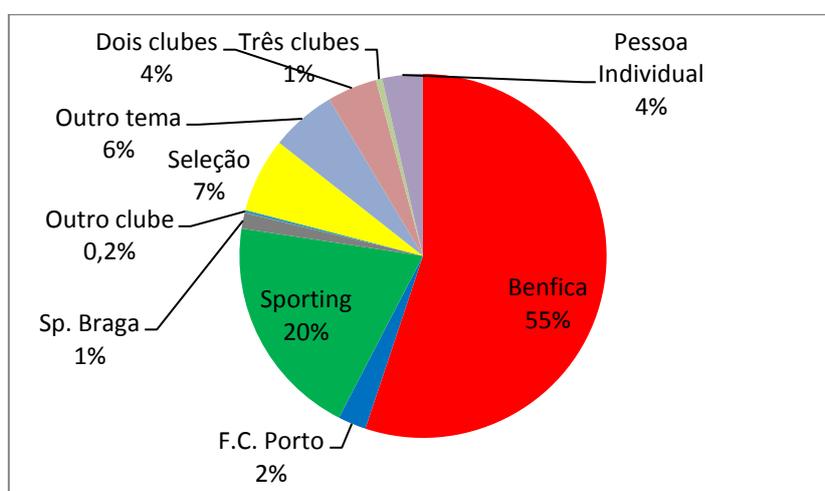


Gráfico 3 – Temas das manchetes do jornal *A Bola*, ao longo do ano de 2010

Tipologia dos títulos utilizados nas manchetes d' *A Bola*:

Se atentarmos nas manchetes que têm servido de exemplo para mostrar os dados a que cheguei nesta minha análise, facilmente se percebe que grande parte delas não seria perceptível sem o “auxílio” do antetítulo, ou dos subtítulos. Ainda que, nos exemplos por mim trazidos, não haja um enquadramento, que há, ao olhar para o jornal, e que é dado pela imagem, a verdade é que os títulos, por si só, dão muito pouca informação sobre o tema, ou a razão da manchete.

¹³⁹ *A Bola*, 11 de Dezembro de 2010, p.1.

¹⁴⁰ Nestes números apenas estão as 199 manchetes dedicadas, directamente, ao clube, ou a uma personalidade do mesmo. Se acrescentarmos as manchetes em que o Benfica surge acompanhado por um, ou dois clubes, bem como aquelas em que figuram personalidades do clube, com personalidades de outros clubes, e que estão contabilizadas na categoria “outro tema”, o total de manchetes em que o clube surge de forma directa, subiria para 229, perfazendo um total de 63% das manchetes do jornal *A Bola*, ao longo de 2010.

Isto acontece porque, segundo a minha análise, apenas em 127 das 363 edições de 2010, do jornal *A Bola*, as manchetes foram do tipo informativo/indicativo – identificam o acontecimento sem pressupor qualquer espécie de conhecimento anterior do destinatário, procurando responder aos tópicos Quem? O quê? Onde? Quando? –, ou informativo/explicativo – que têm a mesma função de identificar o acontecimento, mas que dão, sinteticamente, as causas ou consequências do mesmo, respondendo às perguntas: Como? e/ou Porquê?.

Nestas 127 manchetes estão incluídas as que aparecem sob a forma de citação, e que contabilizam um total de 70. Em 56 das quais a citação terá sido obtida através da recolha, rotineira, de declarações das pessoas a quem é dado o destaque, enquanto 14 são referentes a citações tiradas de entrevistas dadas ao jornal. Este tipo de título é também denominado, de declarativo.

A aposta do jornal, passou, na maioria das vezes, por títulos expressivos – ao invés de terem como objectivo informar sobre um acontecimento, ou as suas circunstâncias, invocam um facto que se presume ser conhecido pelo leitor, ao ponto de este ser capaz de identificar o tema de que se está a falar, ou de reconhecer uma expressão evocativa, sem se identificar o assunto em causa. Por norma, este tipo de títulos torna a mensagem mais apelativa para quem conhece o assunto, levando-o mais facilmente a comprar o jornal.

Assim, foi normal no período em análise, depararmo-nos com títulos que já se tornaram lugares-comuns, na imprensa desportiva, como: “Regressa o talismã”¹⁴¹, ou “É para jogar olhos nos olhos”¹⁴². Uma grande aposta do jornal foi na intertextualidade dos seus títulos, ou seja, títulos que foram buscar influências a livros, filmes, músicas, e outras coisas, normais, do dia-a-dia. Assim manchetes como: “Regresso do Rei”¹⁴³, “Salvio no sapatinho”¹⁴⁴, “Tropa de elite”¹⁴⁵, ou “Acordar de vez o vulcão”¹⁴⁶, foram as mais comuns ao longo de 2010, tendo sido identificadas em 119 das 363 manchetes.

Por outro lado, também os títulos mais sintéticos foram bastante empregues nas manchetes do jornal. Em 43 edições, o público leitor do jornal deparou-se com manchetes constituídas por apenas uma ou duas palavras, como: “Blindado”¹⁴⁷, “Noite vermelha”¹⁴⁸, ou “O talismã”¹⁴⁹. Apesar de pouco

¹⁴¹ *A Bola*, 15 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Di Maria marcou sempre na Alemanha e está de volta à equipa”.

¹⁴² *A Bola*, 10 de Outubro de 2010, p.1

¹⁴³ *A Bola*, 13 de Outubro de 2010, p.1 – manchete que encontra a explicação no antetítulo: “Cristiano Ronaldo em grande no triunfo categórico de Portugal”

¹⁴⁴ *A Bola*, 19 de Dezembro de 2010, p.1.

¹⁴⁵ *A Bola*, 23 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Luisão Cardozo e Saviola a 100 por cento”

¹⁴⁶ *A Bola*, 12 de Outubro de 2010, p.1 – manchete do dia em que a selecção nacional de futebol jogou na Islândia.

¹⁴⁷ *A Bola*, 26 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Luís Filipe Vieira garante David Luiz”.

¹⁴⁸ *A Bola*, 10 de Fevereiro de 2010, p.1

¹⁴⁹ *A Bola*, 13 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Costinha – dirigente por vocação recusou carreira de treinador”.

informativos, estes títulos acabam por se tornar bastante apelativos, ou pelo menos é assim que o jornal lida com eles.

O que também contribuiu para o “chamamento” que os títulos devem conseguir foram os recursos estilísticos utilizados. Aquele que mais vezes identifiquei foi a metáfora, que surgiu em 60 edições. São disso exemplo os títulos: “Águia arrasou dragão”¹⁵⁰, “Garras afiadas”¹⁵¹, ou “Martins já voa”¹⁵².

Outra das apostas repetida inúmeras vezes pelo periódico recaiu sobre os jogos de palavras. Neste aspecto predominaram as aliterações, como “Nas asas de Cardozo”¹⁵³, havendo também algumas construções “bélicas”, como: “Kléber na mira do Benfica”¹⁵⁴, ou “Ataque à Europa”¹⁵⁵. Com menos frequência, também surgiram exemplos de antíteses, como: “O pequeno gigante”¹⁵⁶, ou “Fogo contra gelo”¹⁵⁷; e de disfemismos como: “Estado crítico”¹⁵⁸.

Os Exclusivos nas manchetes do jornal *A Bola*:

O exclusivo em jornalismo é importante, na medida em que a “ferocidade” da concorrência, e os meios de que dispõem, hoje em dia, as empresas de media – já para não falar na rapidez do fluxo de todo o tipo de informações – faz com que cada vez seja mais difícil ter algo para oferecer ao leitor, que mais ninguém tenha. Daí, que quando um jornal tem uma informação exclusiva, por norma, anuncia-o ao seu leitor, e dá grande destaque a isso mesmo. A grande importância dos exclusivos encontra-se, portanto, no estar à frente da concorrência.

Como explica Nelson Traquina, “os jornalistas e as empresas jornalísticas procuram uma situação onde encontram o que a concorrência não tem – uma situação em que têm a «catcha», ou a exclusividade” (Traquina, 2002: 197).

Durante o período em análise, o jornal *A Bola* puxou para manchete 23 temas que sinalizou como exclusivos. Contudo, nenhuma vez se tratou de uma notícia em primeira mão (a chamada “catcha”), a ser sinalizada dessa forma. A quase totalidade dos exclusivos do jornal teve a forma de entrevista, ou, de declarações exclusivas – excepção a uma manchete sinalizada como

¹⁵⁰ *A Bola*, 22 de Março de 2010, p.1

¹⁵¹ *A Bola*, 1 de Dezembro de 2010, p.1.

¹⁵² *A Bola*, 18 de Julho de 2010, p.1.

¹⁵³ *A Bola*, 14 de Fevereiro de 2010, p.1

¹⁵⁴ *A Bola*, 7 de Dezembro de 2010, p.1.

¹⁵⁵ *A Bola*, 11 de Março de 2010, p.1

¹⁵⁶ *A Bola*, 4 de Fevereiro de 2010, p.1: manchete com o antetítulo: “Saviola foi enorme e levou o Benfica à liderança”

¹⁵⁷ *A Bola*, 18 de Fevereiro de 2010, p.1.

¹⁵⁸ *A Bola*, 18 de Dezembro de 2010, p.1.

exclusivo, e que apesar de não ficar absolutamente claro, qual a exclusividade, parece, poder ser uma “história”. A manchete é “O talismã”¹⁵⁹.

De resto, entre os exclusivos contam-se treze entrevistas, e sete declarações que não são identificadas como entrevistas. Em comum às sete manchetes com declarações exclusivas, o facto de serem citações de pessoas ligadas ao futebol do Benfica. Aliás, do total de 23 manchetes marcadas como exclusivas, apenas nove não são ligadas ao Benfica, sendo que numa delas, uma entrevista com Mano Menezes, à data, treinador da selecção nacional brasileira de futebol, a citação escolhida para manchete é sobre um jogador do clube. As restantes manchetes que não são dedicadas ao Benfica dividem-se por personalidades ligadas ao Sporting (4), e quatro entrevistas: ao jogador Cristiano Ronaldo, ao então seleccionador português, Carlos Queiroz, ao ex-seleccionador Luiz Felipe Scolari, e ao treinador Jesualdo Ferreira.

Este dado relativo aos exclusivos permite, mais claramente do que qualquer outro, verificar uma proximidade do jornal *A Bola*, ao Benfica. O facto de o jornal conseguir tantos exclusivos com o clube mostra, antes de mais que tem boas relações com o mesmo, porque só assim pode conseguir tantas declarações que os outros diários não conseguem. Ou seja, o jornal movimenta-se bem no seio do clube, tem boas fontes, e tem facilidade em chegar ao contacto com as pessoas ligadas ao mesmo, e em arranjar autorização para divulgar as declarações.

***A Bola* no mundo (do Haiti a casa “de Saviola”):**

Na verdade, a proximidade do jornal *A Bola* ao Benfica pode ser verificado em mais um aspecto: o acompanhamento dado ao clube e a personalidades do mesmo, é feita notar pelo jornal, utilizando um marcador, para situar o leitor. Assim, durante o período em análise, foi comum encontrar marcadores como: “*A Bola* no Brasil”¹⁶⁰ – numa altura em que se encontrava naquele país da América do Sul o presidente do clube, Luís Filipe Vieira; “*A Bola* em Timor” – mais uma vez, na companhia do presidente do Benfica e do, então, capitão da equipa de futebol, Nuno Gomes¹⁶¹; “*A Bola* no Haiti”¹⁶² – desta vez, na companhia do presidente do clube encontrava-se o jogador Saviola; “*A Bola* em Angola”¹⁶³ – onde a equipa de futebol do Benfica se deslocara para fazer um jogo contra a selecção local; “*A Bola* nos Estados

¹⁵⁹ *A Bola*, 13 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Costinha – dirigente por vocação recusou carreira de treinador”, e com os subtítulos: “Abraçou com entusiasmo o projecto do Sporting depois de ter dito não a convites para treinar”, e “Carlos Carvalhal beneficia da estabilidade que o ‘ministro’ trouxe ao futebol leonino”.

¹⁶⁰ *A Bola*, 13 de Agosto de 2010, p.1.

¹⁶¹ *A Bola*, 16 de Maio de 2010, p.1.

¹⁶² *A Bola*, 25 de Maio de 2010, p.1.

¹⁶³ *A Bola*, 10 de Novembro de 2010, p.1.

Unidos” – numa digressão da equipa de futebol, no final da época de 2009/2010¹⁶⁴ e, até, “A Bola em casa de Saviola”¹⁶⁵.

Além destes casos, o mesmo separador foi utilizado para mostrar que o periódico estava sempre onde fosse preciso, para trazer a melhor informação aos seus leitores, como nos casos em que se pôde ler: “A Bola em Londres”¹⁶⁶ – para uma entrevista com o jogador internacional português Deco; “A Bola em Madrid”¹⁶⁷ – numa acção de promoção feita pelo jogador Cristiano Ronaldo, ou para recolher declarações do treinador José Mourinho; “A Bola no Brasil”¹⁶⁸ – desta vez para ouvir o ex-seleccionador nacional Luiz Felipe Scolari; “A Bola em Manchester”¹⁶⁹ – com o, então, presidente do Sporting, José Eduardo Bettencourt – no mesmo dia em que também surgiu “A Bola em Londres”¹⁷⁰ – desta vez para ouvir o jogador brasileiro, do Benfica, Luisão, que se encontrava com a selecção do seu país, para aí disputar um jogo; ou ainda “A Bola em Marselha”¹⁷¹ – para entregar ao jogador argentino Lucho Gonzales o prémio de melhor jogador a actuar no campeonato português, referente à temporada 2008/2009.

Interrogações nas manchetes do jornal *A Bola*:

A utilização de pontos de interrogação nos títulos das notícias é uma questão que tem sido alvo de grande discussão no seio da comunidade jornalística. O mínimo que se pode dizer relativamente a esta questão é: “pontos de interrogação na cabeça da notícia são vivamente desaconselhados.” (Traquina, 2002: 176). Para José Esteves Pereira, citado por Dinis Alves, “o leitor compra o jornal para ser informado, para que ele lhe diga coisas, e nunca para que lhe sejam feitas perguntas. Quer isto dizer que um título não pode ser escrito na interrogativa, pois ela, no mínimo, permite pensar que o jornal publica suposições ou veicula rumores e boatos”.¹⁷² Na mesma obra, Dinis Alves dá a conhecer uma recomendação do jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo*: “Não use ponto de interrogação nos títulos. O leitor tem direito a respostas.”¹⁷³

Apesar destas recomendações, a verdade é que, no jornal *A Bola*, durante o ano de 2010, foram encontradas seis manchetes que foram formadas através de interrogações. Mas será que é unânime a opinião de que não se podem usar interrogações nos títulos?

¹⁶⁴ *A Bola*, 19 de Maio de 2010, p.1.

¹⁶⁵ *Ibidem*

¹⁶⁶ *A Bola*, 5 de Abril de 2010, p.1.

¹⁶⁷ *A Bola*, 17 de Abril de 2010, p.1.

¹⁶⁸ *A Bola*, 5 de Dezembro de 2010, p.1.

¹⁶⁹ *A Bola*, 2 de Março de 2010, p.1.

¹⁷⁰ *Ibidem*

¹⁷¹ *A Bola*, 29 de Janeiro de 2010, p.1

¹⁷² Cit. in Alves, 2003, p. 177

¹⁷³ Cit. in Alves, 2003, p. 177

A verdade é que não. Dinis Alves opina que quando o título assume uma forma interrogativa: “faz soar as trombetas anunciadoras do *suspence*, da dúvida que o texto do artigo eventualmente ajudará a desfazer. Aposto o ponto de interrogação, a dúvida paira no ar. Nalguns casos, o ponto de interrogação a título revela cautelas do jornalista e/ou dos editores quanto ao assunto em causa” (Alves, 2003: 178). Parece ser esse o exemplo da manchete: “Sai Veloso entra Zapater?”¹⁷⁴. Dinis Alves continua: “Noutros casos têm valor retórico, instrumento indispensável para os jogos de atracção dos títulos apelativos ou incitativos. Sinal ainda de cenários em aberto, de processos com várias saídas possíveis, de perplexidade, de questões controversas” (*Ibidem*, 178), como se pode perceber nas seguintes manchetes: “*Quem* melhor que nós?”¹⁷⁵, ou “A última final?”¹⁷⁶.

Já para Mário Pinto e Wlodzimerz Jósef Szymaniak, “a interrogação pretende estabelecer um aparente diálogo intelectual onde o interlocutor (ou leitor) tem a impressão de que foi ele próprio quem encontrou soluções para as questões levantadas” (Szymaniak & Pinto, 2005: 40-41). Exemplo próximo desta corrente pode ser a manchete: “Saviola quem mais?”¹⁷⁷, que parece querer trazer o leitor para a discussão, incitando-o a comprar o jornal e a tirar as próprias conclusões.

Contudo, há dois exemplos, que penso serem mais difíceis de encaixar nestas correntes. “Onde pára o Benfica?”¹⁷⁸, e “Não podem ou não querem?”¹⁷⁹. A meu ver, estas duas manchetes tentam cativar a atenção do leitor, colocando-se, quase, na pele do adepto comum, demonstrando a indignação que um adepto poderia sentir. Assim, indo ao encontro da opinião dos adeptos, conseguem captar mais facilmente a sua atenção, chamando-os para o debate.

¹⁷⁴ *A Bola*, 24 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Génova diz que o acordo está iminente”, e os subtítulos: “Presidente do clube italiano admite negociações por verba superior a oito milhões de euros mais o médio defensivo”, e “A Bola sabe que ainda falta limar algumas arestas com o Sporting para que as transferências se concretizem”.

¹⁷⁵ *A Bola*, 19 de Novembro de 2010, p.1 – no antetítulo anunciava-se que “A Bola e a Marca para entrevistar os responsáveis pela candidatura ibérica ao Mundial de 2018”.

¹⁷⁶ *A Bola*, 2 de Maio de 2010, p.1 – manchete que surgiu com os seguintes subtítulos: “Jorge Jesus quer ser já campeão”, e “Dragões tudo farão para evitar a festa”.

¹⁷⁷ *A Bola*, 10 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Seis jogos seguidos a marcar”

¹⁷⁸ *A Bola*, 21 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Anda desaparecida uma águia que voava”

¹⁷⁹ *A Bola*, 25 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Benfica fora da Champions com exibição ridícula”.

Manchetes do jornal *Record*:

Nas 363 edições do diário desportivo *Record*, ao longo do ano de 2010, o desporto escolhido para figurar na manchete foi o futebol. Dentro desta modalidade, o jornal deu espaço na sua manchete a quatro clubes: Benfica, Sporting, F.C. Porto e Vitória Futebol Clube (Vitória de Setúbal), para além da selecção nacional de futebol.

O clube mais representado pelo diário, no período em análise, foi o Benfica, com um total de 181 manchetes. Em seguida, o Sporting foi o mais representado, surgindo em 113 edições. O F.C. Porto surgiu dez vezes, enquanto o Vitória de Setúbal foi destaque uma vez.

Das 181 edições em que o Benfica figurou na manchete deste jornal, 85 vezes surgiu como o “sujeito” da acção. O tom que predominou nas manchetes em que esta situação ocorreu foi o positivo, presente em 34 edições, sendo disso exemplos: “Máquina infernal”¹⁸⁰, “Super Benfica”¹⁸¹, ou “O Mundo é do Benfica”¹⁸². Em seguida, foi a temática do mercado que surgiu com maior frequência em manchetes com o Benfica como sujeito, com títulos como: “Benfica quer Job”¹⁸³, “Benfica quer desviar Tardelli do Dragão”¹⁸⁴, ou “Benfica luta por Ben Arfa”¹⁸⁵.

Por outro lado, manchetes de tom neutro surgiram 20 exemplos durante o período em análise, como são os casos de: “Benfica quer blindar Jesus”¹⁸⁶, “Ataque a estrear”¹⁸⁷, e “Revolução à vista na Luz”¹⁸⁸. O tom negativo, foi utilizado pelo jornal em manchetes relativas ao Benfica em oito casos, como podemos perceber nas seguintes manchetes: “Saída a soco e pontapés”¹⁸⁹, “De campeão só o nome”¹⁹⁰, e “Águia depenada”¹⁹¹.

¹⁸⁰ *Record*, 4 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Águias chegam aos 50 golos e à liderança isolada”.

¹⁸¹ *Record*, 19 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Grande exibição garante ‘quartos’”

¹⁸² *Record*, 11 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Apoteose na câmara e notícia em todo o lado”

¹⁸³ *Record*, 20 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Encarnados descobrem o novo Mantorras”.

¹⁸⁴ *Record*, 10 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “FC Porto pensava ter negócio fechado”

¹⁸⁵ *Record*, 9 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Encarnados fazem proposta de 7 milhões mas Newcastle está na corrida”

¹⁸⁶ *Record*, 5 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Vieira tem plano para segurar treinador por muitos anos”.

¹⁸⁷ *Record*, 5 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jesus com solução inédita para a final da Figueira”.

¹⁸⁸ *Record*, 10 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Plantel do Benfica vai sofrer profundas alterações”.

¹⁸⁹ *Record*, 24 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Último jogo da época teve cenas lamentáveis”.

¹⁹⁰ *Record*, 9 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Águias somam 3ª derrota consecutiva”.

¹⁹¹ *Record*, 11 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Encarnados queixam-se de dois penáltis não assinalados e têm pior arranque de sempre”.

A forma como o Benfica surgiu em mais manchetes do periódico foi através da personalização de indivíduos com alguma ligação ao clube – 96 edições. Assim, surgiram em destaque na capa do *Record*, 30 personalidades ligadas ao Benfica, ao longo de todo o ano. Do total de personalizações ligadas ao clube, as manchetes que tiveram maior predominância foram as de tom neutro, e as da categoria de mercado, ambas com 29 exemplos. De tom positivo encontrei 27 exemplos, no período em análise, enquanto o tom negativo surgiu 11 vezes.

À semelhança do que vimos anteriormente no jornal *A Bola*, a personalidade ligada ao clube que surgiu em maior número de manchetes foi o seu treinador Jorge Jesus, num total de 17 edições. O tom neutro foi o que dominou as manchetes que tiveram como destaque esta figura do clube, surgindo sete exemplos desse género. Neste caso, as declarações do treinador não predominaram neste tipo de manchete. A opção do jornal passou, muitas vezes, por revelar estados de espírito do mesmo, como podemos comprovar em: “Jesus contra São Pedro”¹⁹², ou “Jesus dá nova bicada”¹⁹³. Contudo, se de manchetes com tom positivo temos quatro casos, como: “Jesus cheio de moral”¹⁹⁴, ou “Jesus é o mais bem pago”¹⁹⁵, as manchetes de tom negativo superam este número, com seis exemplos, como: “Jesus também peca”¹⁹⁶, ou “Com Jesus pelos cabelos”¹⁹⁷.

Muito perto do número de aparições conseguido pelo treinador do clube, ficou o futebolista Cardozo, que foi figura de destaque em 16 capas do jornal. O jogador surgiu em todas as quatro categorias: tom positivo (6), tom negativo (1), tom neutro (7) e mercado (2). Como exemplos de manchetes de tom positivo temos: “Cardozo pinga-amor”¹⁹⁸, ou “Cardozo em cheio”¹⁹⁹; o tom neutro podemos perceber em: “Exame decisivo”²⁰⁰, ou “«Quero jogar a Champions»”²⁰¹. Porém, esta última manchete seria “desmentida”, com uma

¹⁹² *Record*, 27 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Técnico preocupado com condições climatéricas”.

¹⁹³ *Record*, 31 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Técnico do Benfica com os dragões na mira”.

¹⁹⁴ *Record*, 27 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete explicada no subtítulo, com recurso a uma citação do técnico: “ «Benfica cansado? Só se for de vitórias» ”.

¹⁹⁵ *Record*, 28 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Triplicou o salário com a renovação”.

¹⁹⁶ *Record*, 9 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “ ‘Nova defesa’ do Benfica sofre primeira goleada da época”.

¹⁹⁷ *Record*, 9 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Semana do Dragão deixou balneário numa pilha de nervos”.

¹⁹⁸ *Record*, 14 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Cabeçada de Tacuara dá avanço aos encarnados”, e o subtítulo: “Esta já é a melhor época do paraguaio no Benfica: 23 golos, 17 dos quais na Liga”.

¹⁹⁹ *Record*, 2 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Fantástica reviravolta com dois pénaltis do paraguaio”, e com o subtítulo: “Avançado igualou Eusébio com 9 golos e está a dois de José Águas”.

²⁰⁰ *Record*, 18 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Cardozo dirá se pode atuar ou não em Coimbra”.

²⁰¹ *Record*, 13 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Cardozo decidido a continuar de águia ao peito”.

outra, que surgiu dezassete dias mais tarde, e que se engloba numa das manchetes da categoria de mercado, relativas ao futebolista, onde se podia ler: “Cardozo quer sair”²⁰². A manchete de tom negativo em que surgiu o futebolista afirmava: “Puxão de orelhas a Cardozo”²⁰³.

Para além de Cardozo, houve mais uma personalidade do clube que surgiu na manchete em todas as categorias, por mim definidas. Roberto, guarda-redes da equipa de futebol do clube apareceu em destaque por sete vezes, com a seguinte distribuição: mercado (1), negativa (2), positiva (3) e neutra (1). Será curioso reparar que no espaço de um mês o futebolista surgiu em três das quatro categorias, com as manchetes a surgirem pela seguinte ordem: negativa (“Podes levá-lo para casa”²⁰⁴), neutra (“Roberto treme mas não cai”)²⁰⁵, e no dia seguinte, positiva: (“Estás perdoado”²⁰⁶). Antes disso, Roberto tinha surgido na categoria de mercado, numa manchete em que se lia: “Roberto a um passo do Benfica”²⁰⁷.

Para que se possa perceber melhor a forma como o jornal *Record* apresentou o Benfica nas 181 manchetes que dedicou ao clube, atentemos no gráfico seguinte:

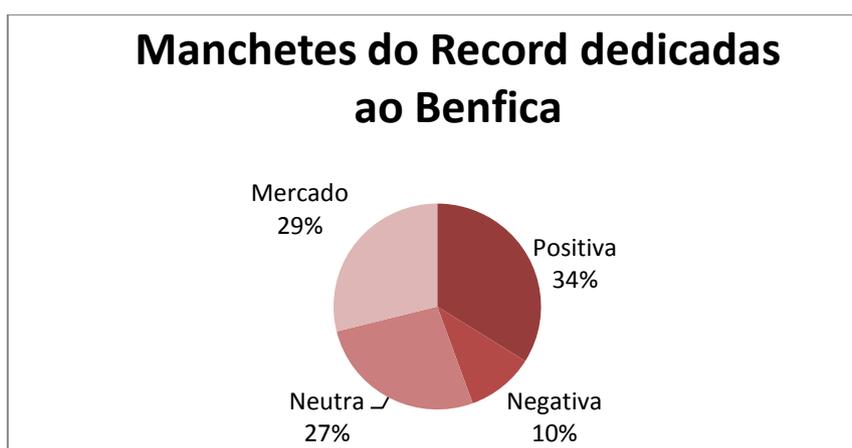


Gráfico 4

Depois do Benfica, e tal como acontece no jornal *A Bola*, o clube mais representado nas manchetes do jornal *Record* é o Sporting. Neste jornal, a diferença entre manchetes dedicadas aos dois clubes é menor do que no jornal

²⁰² *Record*, 30 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “ «... para jogar num grande de outro campeonato» ”, e com o antetítulo: “Avançado já manifestou a Jesus a sua vontade”.

²⁰³ *Record*, 12 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Saída do paraguaio do Benfica cada vez mais próxima”, e com o subtítulo: “Luís Filipe Vieira recusa-lhe aumento: «Ganha aquilo que merece» ”.

²⁰⁴ *Record*, 22 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jesus perde aposta em Roberto e águias falham outra vez”.

²⁰⁵ *Record*, 28 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jesus decidido a manter o espanhol na baliza”.

²⁰⁶ *Record*, 29 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Roberto entra aos 22’ para defender pénalti”.

²⁰⁷ *Record*, 12 de Julho de 2010, p.1.

anteriormente analisado. Apesar disso, continua a registar-se um maior número de destaques dedicados ao Benfica. Neste caso, o Sporting surge em 114 manchetes do jornal. Mais uma vez, e no que parece ser uma aposta do jornal, também este clube surge mais vezes em “personalizações” de figuras relacionadas com o clube, do que como sujeito da acção. Ainda assim, há 16 manchetes em que esta última situação acontece, e que o tom das mesmas é positivo, oito casos em que o tom é negativo, quatro em que é neutro, e 14 na temática do mercado.

Voltam, portanto, a prevalecer as manchetes de tom positivo, como são disso exemplo: “Leão mata dragão”²⁰⁸, “Sporting mandão”²⁰⁹, ou “Super leão na Europa”²¹⁰. Em relação à categoria de mercado, que foi a segunda em que o clube mais vezes apareceu, podemos apontar como exemplo: “Sporting ataca Petrovic”²¹¹, “Sporting avança para Drenthe”²¹², ou “Sporting recusa 7,5 milhões por Veloso”²¹³.

Em terceiro lugar, no que diz respeito às manchetes relativas ao Sporting, surge o tom negativo, com oito exemplos, como: “Barril de pólvora”²¹⁴, “Fartos deste Sporting”²¹⁵, ou “Vão rolar cabeças”²¹⁶. Já os exemplos de manchetes de tom neutro são apenas: “Alerta vermelho”²¹⁷, “Hora de voltar a rugir”²¹⁸, “Revolução em marcha”²¹⁹, e “Sinal de alarme”²²⁰.

Relativamente às manchetes com “personalizações”, apesar de estas serem em menor número, do que aquilo que acontece com o Benfica, a

²⁰⁸ *Record*, 11 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Vingança em Alvalade afasta portistas do título”.

²⁰⁹ *Record*, 29 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Paulo Sérgio quer entrar em grande na Liga Europa”.

²¹⁰ *Record*, 22 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Passou os 200 golos na prova da UEFA e é o melhor ataque na edição deste ano”

²¹¹ *Record*, 19 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Costinha em Belgrado a negociar o médio sérvio com o Partizan”.

²¹² *Record*, 9 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Esquerdino do Real Madrid é o novo alvo dos leões”.

²¹³ *Record*, 21 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Proposta do Génova incluía o médio espanhol Zapater”.

²¹⁴ *Record*, 22 de Janeiro de 2010, p.1 – Esta manchete é relativa a um incidente entre o jogador do Sporting Liedson, e o, então, responsável pelo futebol do clube, Sá Pinto, como podemos perceber no antetítulo: “Tensão entre diretor e jogadores do Sporting arrastava-se há semanas”, e nos subtítulos: “Sá Pinto deu o primeiro soco e apresentou a demissão”, e “Liedson quis vingar-se mas foi travado pelos colegas na garagem”.

²¹⁵ *Record*, 27 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Assobios e lenços brancos despedem leão já a 10 pontos do líder”.

²¹⁶ *Record*, 17 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Paulo Sérgio revoltado com atitude da equipa”.

²¹⁷ *Record*, 8 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Concentração máxima para o jogo da época”.

²¹⁸ *Record*, 25 de Fevereiro de 2010, p.1 – no antetítulo percebe-se que a manchete é uma espécie de incentivo: “Só a Europa pode salvar época desastrosa dos leões”.

²¹⁹ *Record*, 11 de Abril de 2010, p.1 – manchete explicada no antetítulo: “Bettencourt e Costinha escolhem equipa para 2010/2011”.

²²⁰ *Record*, 15 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Leões levam 4 do PSG e apanham susto com Carriço”.

verdade é que a técnica é utilizada com um maior número de figuras, do que aquele que acontece no clube anteriormente analisado. Ou seja, são 35 as personalidades que surgem na manchete do jornal *Record*, associadas ao Sporting, contudo, apenas 14 dessas personalidades surgem por mais do que uma vez em destaque na capa do jornal.

As personalidades que mais vezes surgem em representação do Sporting são o futebolista Liedson – à semelhança do que já acontecera no jornal *A Bola* –, e o treinador da equipa de futebol (no período até Maio de 2010), Carlos Carvalhal, com seis manchetes para cada um. Mas estas são duas situações bastante distintas.

O futebolista é a personalidade ligada ao clube que mais vezes surge em manchetes de tom positivo (3): “Liedson para juntar à festa”²²¹, “Incrível Liedson”²²², e “Estão com medo dele”²²³, metade das vezes em que surgiu destacado na capa, portanto. Contudo, por uma vez o jogador surge numa manchete de tom negativo, onde se podia ler: “Bronca!”²²⁴, que era explicada no subtítulo: “Liedson e Sá Pinto ao murro no balneário”. Esta manchete inclui-se facilmente no critério do conflito, que explica que “a presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios de noticiabilidade muitas vezes exemplificam a importância da quebra do normal” (Traquina, 2002: 192).

Já o treinador é a figura que mais vezes aparece com manchetes de tom negativo, surgindo desta forma metade das vezes em que é destaque. E será interessante analisar com maior pormenor as manchetes dedicadas ao, então, treinador do Sporting. A primeira manchete de tom negativo que aparece com Carlos Carvalhal em destaque diz o seguinte: “Que triste figura Carvalhal!”²²⁵, e é relativa ao dia seguinte a uma derrota sofrida pelo clube contra o F.C. Porto, por 5-2. Dias mais tarde, a manchete do *Record* dá possibilidade ao treinador de se “defender”, puxando para destaque uma citação do mesmo, em que este afirma o seguinte: “«Culpar só um é cobardia»”²²⁶. Contudo, poucos dias depois, volta a surgir uma manchete de tom negativo, onde se lê: “É Carvalhal ninguém leva a mal”²²⁷. Cinco dias após esta manchete surgiu a única capa em

²²¹ *Record*, 16 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Levezinho volta a ser convocado 26 dias operação ao joelho esquerdo”.

²²² *Record*, 17 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Marca 2 golos num regresso supersónico”.

²²³ *Record*, 10 de Março de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Quique avisou que Liedson é um diabo à solta”.

²²⁴ *Record*, 21 de Janeiro de 2010, p.1

²²⁵ *Record*, 3 de Fevereiro de 2010, p.1

²²⁶ *Record*, 12 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Carvalhal não se vê como único réu”.

²²⁷ *Record*, 21 de Fevereiro de 2010, p.1 – no subtítulo pode ler-se: “Leões não vencem há 7 jogos e estão a um da pior série de sempre”, enquanto nos subtítulos se lê: “Ciclo negro leonino com saldo de golos impressionante: 5-14”, e “Sporting nunca faturou tão pouco: 20 golos em 20 jornadas”.

que é feito um destaque positivo ao treinador: “É Carvalho e agora é bestial”²²⁸.

Esta mudança constante no tom das manchetes relativas à mesma pessoa, e num período de tempo de apenas 23 dias, não deixa de parecer estranha, e de se aproximar mais da perspectiva do adepto, do que da imparcialidade que deveria existir por parte do jornal. A única explicação que me ocorre, e que pode justificar esta aposta é, tal como referi, anteriormente, no caso do jornal *A Bola*, esta ser uma técnica de aproximação aos sentimentos e desabafos de um adepto comum, para chamar a sua atenção, e o levar a comprar o jornal. De resto, a manchete “Carvalho está fora”²²⁹, termina o ciclo de capas em que o treinador surge como destaque negativo.

Paulo Sérgio, o treinador que substituiu Carlos Carvalho, no comando da equipa do Sporting, foi outra das personalidades que surgiu mais vezes em representação do clube, num total de cinco ocasiões. Neste caso, o treinador foi destaque em quatro manchetes de tom neutro, como, “Paulo Sérgio quer gigante”²³⁰, ou “Paulo Sérgio gritou Acordem”²³¹ e uma de tom positivo “Entrada de leão”²³².

Também o futebolista Maniche surgiu em cinco manchetes do *Record*, com a particularidade de ter sido a única personalidade ligada ao clube a figurar em todas as categorias de análise: mercado (2), positiva (1), neutra (1) e negativa (1).

A forma como o Sporting apareceu nas manchetes do jornal *Record*, ao longo das 113 edições em que teve destaque pode ser conferida no gráfico que se segue:

²²⁸ *Record*, 26 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Exibição de gala mantém leões na Liga Europa”.

²²⁹ *Record*, 31 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sporting já comunicou decisão à CMVM”.

²³⁰ *Record*, 30 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sporting tem 48 horas para fechar o ataque”

²³¹ *Record*, 18 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “O abanão ao intervalo no jogo com o Estoril”, e o subtítulo: “Apelo do técnico leonino surtiu efeito e a equipa deu a volta ao resultado”

²³² *Record*, 15 de Maio de 2010, p.1 – manchete em que surge o antetítulo: “Paulo Sérgio apresenta-se no Sporting com discurso ganhador”, e o treinador em discurso directo a afirmar: “Objetivo é sermos campeões esta época”, e “Quando as coisas não correrem bem vou dar o peito”.

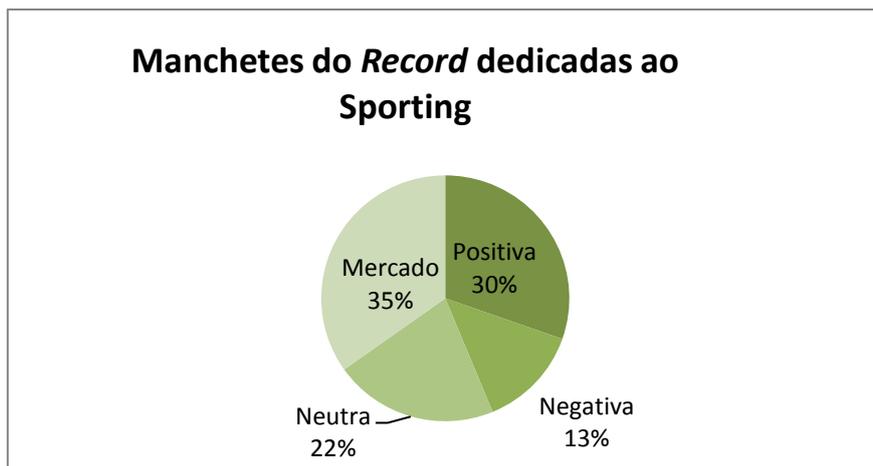


Gráfico 5

Com presença em dez edições, o F.C. Porto foi o terceiro clube com maior incidência de manchetes no jornal. Também, neste caso se mantém a tendência do jornal em representar os clubes, mais vezes através de “personalizações”. Assim, o F.C. Porto surgiu com o sujeito da acção apenas em quatro edições do jornal, pelo que, por duas vezes apareceu numa manchete de tom positivo: “Super dragão ajuda Benfica”²³³, e “Líder a perder de vista”²³⁴; uma vez surgiu em tom negativo: “Dragão também falha”²³⁵; e outra, na temática do mercado: “Dragões querem roubar Salvio”²³⁶.

No que se refere às “personalizações”, foram três as pessoas com ligação ao clube que figuraram na manchete do periódico. O futebolista João Moutinho foi o que mais vezes serviu de “cara” do clube, sendo que, uma vez surgiu numa manchete da categoria do mercado: “Moutinho força saída”²³⁷; e por duas vezes figurou em manchetes de tom neutro “Ninguém toca em Moutinho”²³⁸, e “Se Moutinho marcar festeja?”²³⁹. Esta última manchete tem ainda a curiosidade de ser a única, ao longo do período em análise, em que o jornal utiliza um título interrogativo. Ainda assim, a resposta à pergunta que se coloca é logo dada pelo jornal num subtítulo em que se lê: “Médio quer evitar polémica e se marcar o 1º golo com a camisola do FC Porto a comemoração

²³³ *Record*, 22 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Encarnados líderes isolados da Liga”.

²³⁴ *Record*, 12 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Campeão já está a 9 pontos dos dragões”

²³⁵ *Record*, 5 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “V. Guimarães trava caminhada vitoriosa do líder e ajuda Benfica”.

²³⁶ *Record*, 19 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Argentino decide hoje o futuro: Benfica ou FC Porto”.

²³⁷ *Record*, 4 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sporting vende capitão ao FC Porto por 10 milhões”, e com o subtítulo: “Médio disse a Bettencourt que se recusava a jogar”.

²³⁸ *Record*, 23 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sporting garante protecção total ao ex-capitão”.

²³⁹ *Record*, 27 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “A questão mais escaldante do clássico de Alvalade”

será muito discreta”²⁴⁰. A opção do jornal por este tipo de título, neste caso, pode justificar-se pela controvérsia que o assunto acarreta. A interrogação desperta curiosidade no possível leitor, o que o pode levar a comprar o jornal, para perceber se as respostas dadas pelo jornal coincidem com a sua linha de pensamento.

Outra personalidade ligada ao F.C. Porto que figurou mais do que uma vez na manchete do jornal foi André Villas-Boas, o treinador que orientou a equipa de futebol na segunda metade do ano 2010. Por uma vez o tom da manchete onde surgia o treinador foi de tom negativo: “Villas-Boas desmentido pela TV”²⁴¹; a outra foi de tom positivo: “Villas-Boas dá lição a Jesus”²⁴². Por fim, a terceira personalidade ligada ao clube que surgiu numa manchete do jornal *Record* foi o futebolista Hulk, quando se leu: “Hulk tira o sono a Jesus”²⁴³.

Como já foi referido, para além dos chamados “três grandes”, apenas o Vitória de Setúbal teve direito a figurar na manchete do jornal *Record*, durante o período em análise. Contudo, o destaque em questão foi dado através do seu, então, treinador, numa manchete de tom positivo, onde se lia: “O Manel é que tem coração de leão”²⁴⁴, sendo que, no subtítulo, se podia ler, “Sporting afastado da Taça por um Vitória brilhante”²⁴⁵. Este título encontra explicação no facto de o “Manel” [n.d.r. Manuel Fernandes] ser uma antiga glória do Sporting, tal como fica comprovado através de uma citação do próprio, na mesma capa: “Sou sportinguista mas primeiro está a minha dignidade”²⁴⁶.

Em 24 edições o jornal optou por colocar dois clubes na manchete. Dessas, o maior denominador comum foi o Benfica, que surgiu em 22 delas. Por 13 vezes o clube surgiu acompanhado do Sporting, e se há casos em que isso antecedeu um jogo entre ambas as equipas, como em: “Salve-se quem puder”²⁴⁷, na maioria das vezes, estas manchetes surgiram em dias em que ambos os clubes jogavam, ou tinham jogado no dia anterior. São exemplo disso as manchetes como: “Boas entradas”²⁴⁸, ou “Só com golos lá entram”²⁴⁹.

Para além disso, o Benfica ainda figurou em manchetes com o Belenenses, o Sp. Braga, e o F.C. Porto. Com este último acontece por sete vezes, quase sempre antes ou depois de jogos entre as duas equipas, tendo

²⁴⁰ *Ibidem*

²⁴¹ *Record*, 6 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Imagens provam que não houve pénalti em Guimarães”.

²⁴² *Record*, 8 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “1º título do técnico portista e 50º de Pinto da Costa”.

²⁴³ *Record*, 6 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Treinador encarnado com dúvidas na lateral esquerda”.

²⁴⁴ *Record*, 12 de Dezembro de 2010, p.1.

²⁴⁵ *Ibidem*

²⁴⁶ *Ibidem*

²⁴⁷ *Record*, 19 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Rivals proibidos de perder pontos no dérbi da Luz”.

²⁴⁸ *Record*, 4 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Águias e leões começam o ano a ganhar”.

²⁴⁹ *Record*, 18 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Benfica e Sporting à porta dos ‘quartos’ ”

surgido manchetes como: “Festa do caneco”²⁵⁰, que surgiu com o antetítulo “Águias e dragões num duelo ao sul”²⁵¹, “Combate para o título”²⁵², ou “Acerto de contas”²⁵³. Nos títulos em que surgem os dois clubes houve quase sempre referências a “duelos”, “combates”, ou mesmo “acertos de contas”. Isto justifica-se pela rivalidade entre os dois clubes. Mas seria importante perceber se os jornais, neste caso o *Record*, se deixam contagiar por esta rivalidade e, com isso, acabam por potenciá-la, ao fazer este género de títulos. Esta situação também já se verificou no jornal *A Bola*.

O caso da manchete seguinte é ainda mais elucidativo: “Guerra sem fim”²⁵⁴ – a única que não surge no âmbito de jogos entre as equipas. Equiparar uma troca de comunicados entre os dois clubes, a uma “guerra”, é, no meu entender, um pouco sensacionalista, e apenas se pode justificar com o facto de o tema “guerra” ser apelativo para um leitor, que poderá querer tentar saber mais sobre o assunto, comprando o jornal.

O segundo clube que partilha um maior número de manchetes com outro clube é o Sporting. Para além das 13 em que surge com o Benfica, figura numa com o F.C. Porto: “Clássico sob pressão”²⁵⁵; e numa outra com o SP. Braga: “Hora da verdade”²⁵⁶.

Por uma vez, na manchete do jornal *Record*, surgiram três clubes (Sporting, Benfica e F.C. Porto), num título em que se podia ler: “Só para grandes”²⁵⁷.

Em seguida, passo à análise das manchetes em que surgiu uma só pessoa, devido à sua notoriedade. Esta situação ocorreu cinco vezes, tendo, contudo, apenas três intervenientes. A personalidade que mais vezes figurou na manchete do jornal, devido à sua notoriedade foi o treinador português José Mourinho, num total de três vezes. Destas, duas manchetes tiveram um tom positivo: “Rei da Europa...antes de ser Real”²⁵⁸, ou, simplesmente, “Mourinho”²⁵⁹, surgindo depois como subtítulo: “Prémio Artur Agostinho *Record*

²⁵⁰ *Record*, 21 de Março de 2010, p.1.

²⁵¹ *Ibidem*

²⁵² *Record*, 26 de Abril de 2010, p.1.

²⁵³ *Record*, 2 de Maio de 2010, p.1 – manchete em que surge o antetítulo: “Benfica a um ponto do 32º título – FC Porto não quer festa no Dragão”.

²⁵⁴ *Record*, 30 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jesus ‘provoca’ nova troca de acusações entre FC Porto e Benfica”, e o subtítulo: “Incidente com o treinador no final do jogo de Aveiro levou os dragões a falar em cenas ‘dignas de filmes de gangsters’. Encarnados respondem e dizem-se solidários com Adrianse, Paulo Assunção, Adriano e outros...”

²⁵⁵ *Record*, 2 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “FC Porto e Sporting tentam afastar cenário de crise.”

²⁵⁶ *Record*, 29 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Minhotos ainda não perderam em casa para a Liga, mas os leões só têm vitórias em 2010”.

²⁵⁷ *Record*, 25 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Meias-finais da Taça da Liga com acesso exclusivo”.

²⁵⁸ *Record*, 23 de Maio de 2010, p.1 – manchete em que surge o antetítulo: “Mourinho vence de novo Liga dos Campeões”.

²⁵⁹ *Record*, 26 de Dezembro de 2010, p.1.

2010²⁶⁰; enquanto a outra, foi de tom neutro, recorrendo a uma citação do interveniente, retirada de uma entrevista, e em que se podia ler: “Benfica vai lutar pela Champions”²⁶¹.

Depois, por uma vez, a manchete trouxe como destaque o futebolista Cristiano Ronaldo, e mais uma vez, recorreu a uma citação do jogador para fazer a manchete: “Benfica merece o título”²⁶².

A outra personalidade que figurou em destaque na capa do jornal foi o ex-seleccionador nacional António Oliveira, numa manchete em que se lia “Oliveira responde a tudo”²⁶³.

O que torna estes casos noticiáveis não são os temas em si, mas a notoriedade de quem está a produzir a informação. Ou seja, o destaque é dado pela importância da pessoa, e não pela novidade, ou importância daquilo que esta diz. O facto de serem personalidades reconhecidas pela grande maioria do público a quem se dirigem os jornais faz com que aquilo que é dito ganhe maior importância.

Continuando no levantamento das manchetes do jornal *Record*, passo em seguida a analisar as capas cuja manchete não foi incluída em nenhum dos temas até aqui analisados. São manchetes que mantêm o futebol como tema principal, mas que têm alguma particularidade que me levou a colocar na categoria de “Outro tema”.

Nesta foram colocadas oito manchetes, sendo que, seis das quais são destaques a duas personalidades ligadas a dois clubes. Por duas vezes os clubes são colocados em evidência através dos seus treinadores, como são os casos: “Eles querem enganar-se um ao outro”²⁶⁴, e “Villas mata Paulo esfolo”²⁶⁵. Em três edições são jogadores a representar os clubes: “«Di Maria é especial – Veloso está no ponto»”²⁶⁶, “Milan atrás deles”²⁶⁷, e “Eles também resolvem”²⁶⁸.

Nas duas vezes que faltam nesta contagem, o valor-notícia do escândalo, identificado por Ericson, Baranek e Chan é a justificação que encontro para a manchete. Um dos temas que surge, e se enquadra nesta

²⁶⁰ *Ibidem*

²⁶¹ *Record*, 3 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Futebol dos encarnados convence José Mourinho”.

²⁶² *Record*, 26 de Abril de 2010, p.1- em antetítulo podia ler-se: “Coração de leão de Cristiano Ronaldo reconhece supremacia das águias”.

²⁶³ *Record*, 27 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “A grande entrevista oito anos depois de deixar a selecção”.

²⁶⁴ *Record*, 26 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Velhas raposas antecipam duelo de sábado”, numa referência ao treinador do Benfica Jorge Jesus, e ao treinador do V. Setúbal, Manuel Fernandes.

²⁶⁵ *Record*, 11 de Dezembro de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Arbitragem abre conflito FC Porto Sporting”.

²⁶⁶ *Record*, 16 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Milan diz que sabe tudo sobre eles”

²⁶⁷ *Record*, 12 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “João Pereira e Fábio Coentrão cobichados”.

²⁶⁸ *Record*, 25 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Abel e Javi Garcia marcam e dão vitórias a leões e águias”.

categoria, é o já explicado caso do “Túnel da Luz”, que levou o jornal a publicar a manchete: “As imagens do túnel”²⁶⁹, enquadrando-a com o antetítulo: “Agressões do Benfica-FC Porto chegam à TV”²⁷⁰. No destaque da capa ainda se vêem três imagens, com as legendas: “Portista Sapunaru envolve-se à pancada com o Steward Sandro Correia. São visíveis os muros e os pontapés do romeno”²⁷¹, “Mais ao longe, também se vê Hulk a saltar para atingir o segurança com o pé”²⁷² e “O 4º árbitro setubalense João Ferreira (aqui assinalado dentro do círculo), assiste a todos os acontecimentos”²⁷³. A polémica que envolve o caso retratado nesta manchete seria suficiente para chamar a atenção dos leitores, contudo, o jornal, ainda a torna mais sensacionalista, com as descrições que faz das imagens.

No outro caso em que o escândalo está na base da manchete, surge o seguinte: “Pagos para travar o Benfica”²⁷⁴, surgindo a explicação no antetítulo: “Capitães do Leixões aliciados com 50 mil euros”²⁷⁵, pelo que os subtítulos mantêm o tema: “Jogadores afirmam que empresário Jorge Teixeira fez proposta em nome do Sp. Braga”²⁷⁶, “António Salvador [ndr: presidente do Sp. Braga] apresentou queixa à polícia”²⁷⁷, e “Ministério público investiga este e outros casos”²⁷⁸.

Na análise das manchetes do jornal *Record* ficam a faltar as que deram destaque à selecção nacional de futebol. No gráfico que se segue pode verificar-se a representatividade da totalidade das manchetes do periódico, durante o período em análise:

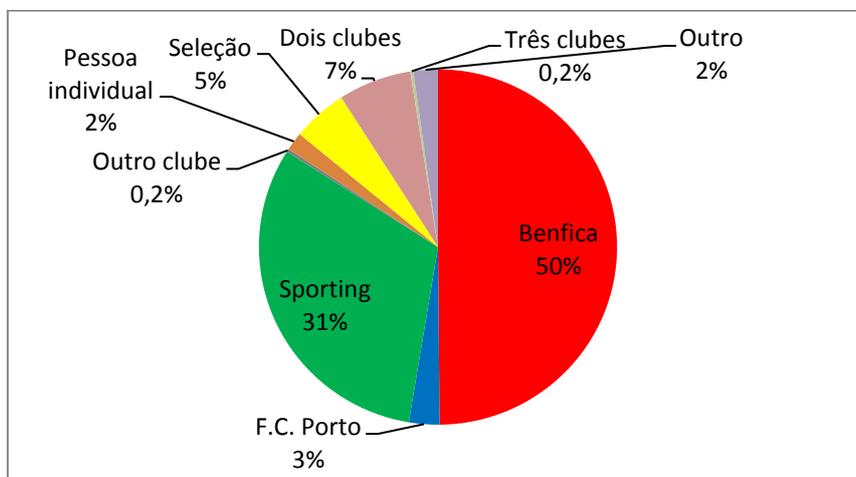


Gráfico 6 - Temas das manchetes do jornal *Record*, ao longo do ano de 2010

²⁶⁹ *Record*, 1 de Fevereiro de 2010, p.1.

²⁷⁰ *Ibidem*

²⁷¹ *Ibidem*

²⁷² *Ibidem*

²⁷³ *Ibidem*

²⁷⁴ *Record*, 27 de Janeiro de 2010, p.1.

²⁷⁵ *Ibidem*

²⁷⁶ *Ibidem*

²⁷⁷ *Ibidem*

²⁷⁸ *Ibidem*

Tipologia dos títulos utilizados nas manchetes do *Record*:

Tal como acontece no jornal *A Bola*, os títulos das manchetes do *Record* têm, por norma, a principal função de servir de “montra” que promove o jornal através de títulos mais apelativos, do que informativos. Ainda assim, a aposta em títulos informativos referenciais – que se referem ao conteúdo imediato da notícia, caracterizando-se pela sua objectividade – foi maior do que o verificado no jornal anterior. Assim, manchetes como: “Sá Pinto já falou com Pedro Mendes”²⁷⁹, “Vukcevic sai do Sporting”²⁸⁰, ou “Cardozo só pensa no Benfica”²⁸¹, surgiram em 93 edições do diário. A este número podem ser acrescentadas 24 manchetes que recorreram a citações, oito das quais referentes a entrevistas, e que, apesar de serem declarativas, foram consideradas manchetes informativas.

Porém, a aposta mais vezes repetida recorreu à intertextualidade, que surgiu em 112 edições, e que se revela em títulos como: “E tudo o Bento virou”²⁸², “Ministro da saúde”²⁸³, ou “Sr. Feliz e Sr. Contente”²⁸⁴. Também os lugares comuns tiveram um algum destaque nas manchetes do jornal. São disso exemplo: “Hora de voltar a rugir”²⁸⁵, “Weldon fora de combate”²⁸⁶, ou “Lugar ao sol”²⁸⁷.

Também no que se refere aos recursos estilísticos, há semelhanças entre o *Record* e *A Bola*. O recurso mais vezes detectado nas manchetes do *Record* voltou a ser a metáfora, como, por exemplo: “Pereira dá frutos”²⁸⁸, ou “Fomos colhidos”²⁸⁹. Contudo, e tal como também verificámos n’ *A Bola*, os jogos de palavras são muito repetidos no jornal. Sobretudo as “construções

²⁷⁹ *Record*, 6 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sporting ataca médio do Rangers”.

²⁸⁰ *Record*, 16 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Montenegrino sem espaço em Alvalade”.

²⁸¹ *Record*, 23 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Paraguaio garante estar a «100% na Luz»”.

²⁸² *Record*, 9 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Seleção regressa às vitórias e volta a entusiasmar os portugueses”.

²⁸³ *Record*, 13 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Como Costinha mudou a face do Sporting”, e os subtítulos: “Autoridade no balneário”; “Influência na estrutura directiva”; “Preparação da próxima época”.

²⁸⁴ *Record*, 15 de Março de 2010, p.1 – manchete com os subtítulos: “Cardozo decide final da Choupana e águia recupera a liderança”, e “Liedson volta a marcar em 20 minutos de sonho”

²⁸⁵ *Record*, 25 de Fevereiro de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Só a Europa pode salvar época desastrosa do leão”.

²⁸⁶ *Record*, 7 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jesus em Liverpool sem o ‘herói’ da Figueira”.

²⁸⁷ *Record*, 25 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Portugal e Brasil disputam liderança do Grupo G”.

²⁸⁸ *Record*, 14 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Lateral joga faz jogar e até marca”, numa alusão ao futebolista João Pereira.

²⁸⁹ *Record*, 30 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Ronaldo nas tábuas...ganhou ‘el toro’”.

bélicas”, como “Hugo Almeida na mira do Sporting”²⁹⁰, ou “Artilharia pesada”²⁹¹; e as aliterações: “Abram alas ao avançado”²⁹², ou “Liedson com stress a mais”²⁹³.

Nas capas do jornal *Record* houve, ainda, espaço para sinestésias como: “Cheira a campeão”²⁹⁴, ou “Sabor a campeão”²⁹⁵.

Os exclusivos nas manchetes do jornal *Record*:

À semelhança do que acontece no jornal *A Bola*, muitas vezes, os exclusivos anunciados pelo jornal *Record*, são relativos a entrevistas exclusivas, ou a declarações exclusivas de personalidades ligadas ao futebol. Durante o período analisado, foram catorze os temas de manchete do jornal que foram assinalados, claramente, como sendo exclusivos. Desses, sete manchetes foram relativas a entrevistas, sendo que, apenas o treinador português José Mourinho teve direito a figurar em duas manchetes deste género. Os outros entrevistados são os, então, futebolistas do Sporting João Moutinho e Maniche; Cardozo, jogador do Benfica; Cristiano Ronaldo, capitão da selecção nacional de futebol; e Paulo Bento, seleccionador nacional.

Contudo, no jornal *Record* surgem sete temas que, sendo exclusivos, estão marcados como “História Record”, e que correspondem ao que atrás já foi definido como a “cacha” jornalística. São exemplos disso as manchetes já analisadas: “Pagos para travar o Benfica”²⁹⁶, e “Eles querem enganar-se um ao outro”²⁹⁷. Mas além disso há duas manchetes relativas ao Sporting, e três sobre o Benfica. Sobre o primeiro, podemos ler: “Ministro impõe as suas leis”²⁹⁸, e “Paulo Sérgio gritou Acordem!”²⁹⁹. Mas se estas manchetes podem demonstrar que o jornal tem boas fontes dentro do clube, para ter acesso ao “decreto” das novas leis impostas aos jogadores, e ao que foi dito pelo treinador, no intervalo de um jogo, já as manchetes dedicadas ao Benfica parecem enquadrar-se mais num tipo de jornalismo perto da investigação.

²⁹⁰ *Record*, 2 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Avançado do Werden Bremen está em final de contrato”.

²⁹¹ *Record*, 9 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Ataque do Benfica regressa em pleno – Sporting reforçado”.

²⁹² *Record*, 20 de Junho de 2010, p.1.

²⁹³ *Record*, 14 de Agosto de 2010, p.1

²⁹⁴ *Record*, 6 de Abril de 2010, p.1.

²⁹⁵ *Record*, 27 de Abril de 2010, p.1.

²⁹⁶ *Record*, 27 de Janeiro de 2010, p.1.

²⁹⁷ *Record*, 26 de Agosto de 2010, p.1

²⁹⁸ *Record*, 2 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Conheça as novas regras de Costinha para o Sporting”, e o subtítulo: “Jogadores impedidos de brincar com o roupeiro Paulinho e de ler jornais”. Para além do anúncio: “Leia todas as alíneas do decreto na página 21”.

²⁹⁹ *Record*, 18 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “O abanão ao intervalo no jogo com o Estoril”, e o subtítulo: “Apelo do técnico leonino surtiu efeito e a equipa deu a volta ao resultado”.

As manchetes: “Alípio em segredo no Benfica³⁰⁰”, “O Que Jesus quis esconder”³⁰¹, e “O golo que tramou Quim”³⁰² enquadram-se melhor num tipo de notícia que foi descoberta pelo jornal. Senão, atentemos no antetítulo que acompanha a segunda manchete: “Afinal o treinador do Benfica festejou no banco o golo do Lyon”; bem como, nos subtítulos: “Disse no final «Pedi que só me informassem do resultado, quando o jogo terminasse» ”; “Como aconteceu: Raul José alertou-o para o empate em França mal Lacazette fez o 2-2; Técnico pulou de alegria e passou a mensagem para Ruben Amorim, no relvado”. Apesar de estes dados poderem ter sido conseguidos através de uma fonte no clube, o que é certo, é que o tom dado pelo jornal, faz entender que a história foi descoberta pelo mesmo.

³⁰⁰ *Record*, 12 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jovem prodígio brasileiro contratado ao Real Madrid já se treina no Seixal”.

³⁰¹ *Record*, 9 de Dezembro de 2010, p.1.

³⁰² *Record*, 31 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Jesus tomou decisão no jogo do título”.

Manchetes do jornal *O Jogo*:

À semelhança do que aconteceu nos dois jornais já analisados, na edição norte do jornal *O Jogo*, o desporto que preencheu as manchetes ao longo das suas 364 edições em 2010 foi o futebol. No caso deste jornal foram seis os clubes que figuraram na manchete, a saber: F.C. Porto, Benfica, Sporting, Sp. Braga, Vitória de Guimarães e Académica.

Ao analisarmos este jornal, não podemos deixar de ter em consideração que ele é o único que nasceu no Porto, e não em Lisboa, tal como, que está em análise a edição norte do jornal. Isto justifica-se porque mais de 50% da tiragem do jornal se centrou no distrito do Porto³⁰³, durante o período em análise.

Dada esta nota introdutória: no jornal *O Jogo*, o F.C. Porto dominou de forma muito destacada o número de manchetes, relativamente aos outros clubes. No total de 364 edições, o F.C. Porto figurou em 254. Mais uma vez, a escolha de personalidades ligadas ao clube foi a forma privilegiada pelo jornal para apresentar a manchete. Apenas em 63 edições o clube surgiu como sujeito da acção.

Dessas, em mais de metade (36) o tom da manchete foi positivo. Trazendo títulos como: “Dragão congela o título”³⁰⁴, “Noite de campeões”³⁰⁵, ou “Em Chamas”³⁰⁶. As restantes dividem-se da seguinte forma pelas categorias definidas, do tom das manchetes: neutra (18), por exemplo: “FCP obrigou a Liga a mexer-se”³⁰⁷, ou “O tripé do futuro”³⁰⁸; negativa (6), como: “Humilhação”³⁰⁹, ou “O dragão mais aflito da época”³¹⁰; e mercado (3), por exemplo: “Fucile e Tomy admitem sair Hulk fica”³¹¹, ou “Trancas à porta”³¹².

No que concerne às personalidades escolhidas para figurar na manchete, foram 40 as individualidades que surgiram em representação do F.C. Porto. Dessas, apenas dezassete figuraram apenas uma vez na manchete, sendo que, se somarmos as manchetes em que as figuras em destaque são o presidente do clube, Jorge Nuno Pinto da Costa (13), o

³⁰³ Mais concretamente, 50,69% da tiragem do jornal foi no Distrito do Porto, segundo, dados da APCT.

³⁰⁴ *O Jogo*, 3 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Com Jesualdo e Fucile expulsos, coube a Farias a Bellushi estragar a festa dos encarnados”.

³⁰⁵ *O Jogo*, 12 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Imparável Hulk foi a estrela maior de um grande jogo de futebol”.

³⁰⁶ *O Jogo*, 26 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jogo de luxo encantou a plateia”.

³⁰⁷ *O Jogo*, 7 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Inquirição das testemunhas antecipada três dias depois de reclamação violenta dos dragões”.

³⁰⁸ *O Jogo*, 22 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Está em marcha programação da próxima época”, e o subtítulo: “Hulk, Falcao e Ruben Micael considerados intocáveis”.

³⁰⁹ *O Jogo*, 10 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Primeiro a surpresa Nuno André Coelho a trinco e depois uma goleada que já não acontecia desde Outubro de 1988”.

³¹⁰ *O Jogo*, 12 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Diferença de oito pontos mantida à custa de sorte e de um penálti, diz o Tribunal, mal marcado”.

³¹¹ *O Jogo*, 19 de Maio de 2010, p.1.

³¹² *O Jogo*, 11 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Ninguém do núcleo duro sai”.

treinador André Villas-Boas (36), e os futebolistas Falcao (22), e Hulk (19), temos um total de 90 edições, o que corresponde, em termos de dias, a Janeiro, Fevereiro, Março, e um dia de Abril. Mais: estas quatro personalidades totalizam mais manchetes, do que todos os outros quatro clubes, e a selecção nacional de futebol, juntos.

O caso mais curioso de analisar será o do treinador André Villas-Boas, que, apesar de ter sido o único, dos quatro, que apenas esteve no clube durante cerca de seis meses, do período em análise, foi quem figurou em maior número de manchetes. E só o número de manchetes dedicadas ao treinador, supera o número das que foram dedicadas ao Benfica, que foi o segundo clube com maior presença no destaque da 1ª página. Pela análise dos outros jornais, já era possível perceber que os treinadores são, por norma, uma das faces mais visíveis dos clubes; contudo, este caso não deixa de ser singular, pelo que já foi referido. Além do mais, Jesualdo Ferreira, que orientou a equipa de futebol do F.C. Porto, nos primeiros seis meses do período em análise, apenas figurou na manchete do jornal em quatro edições.

Por norma, as manchetes em que figurou André Villas-Boas, tiveram um tom neutro, situação que ocorreu em 26 edições. Maioritariamente, essas manchetes foram feitas com citações do treinador, por exemplo: “ «Temos uma história a defender» ”³¹³, ou “ «É uma injustiça para Jesus» ”³¹⁴ contudo, também houve lugar a títulos como: “Não dorme se ganhar a jogar mal”³¹⁵, ou “Com o Paços nos dentes”³¹⁶. Em sete edições o tom da manchete foi positivo, com títulos, como: “Líder que brilha na táctica”³¹⁷, ou “Na Europa só ele e Ferguson”³¹⁸.

No que diz respeito aos futebolista Falcao e Hulk, que também tiveram um grande número de representações nas manchetes do jornal, na maioria das quais, o tom foi positivo, tendo títulos como: “O olho foi do Falcao”³¹⁹, ou “Hulk pulverizou médias”³²⁰.

Já o presidente do clube surge, em média, mais de uma vez por mês, num total de 13 manchetes, ao contrário do que sucede nos restantes jornais, no que diz respeito aos presidentes. O tom neutro (7) dominou os títulos em que surgiu Pinto da Costa, como por exemplo: “Pinto da Costa pede um apito

³¹³ *O Jogo*, 16 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “O mote para o arranque da fase de grupos”.

³¹⁴ *O Jogo*, 13 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Treinador entende que roubaram mérito aos dragões na goleada ao Benfica”.

³¹⁵ *O Jogo*, 10 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Atrasar já o ídolo Domingos Paciência é o objectivo de Villas-Boas, um confessado ‘romântico do futebol’ ”.

³¹⁶ *O Jogo*, 18 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Villas-Boas ‘vê’ clube da Capital do Móvel a querer trabalhar para outro e agradece o estímulo...”.

³¹⁷ *O Jogo*, 7 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “André Villas-Boas convence no arranque da época”.

³¹⁸ *O Jogo*, 30 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Apenas um treinador acompanha Villas-Boas na invencibilidade”.

³¹⁹ *O Jogo*, 19 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Ruben Micael remete os aplausos para a esperteza do colombiano no golo que derrotou o Arsenal”.

³²⁰ *O Jogo*, 30 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Estatísticas do jogo do Restelo confirmam avaliação de Jesualdo Ferreira”.

encarnado³²¹, ou “A Taça não chega”³²². Mas o presidente portista também surgiu por cinco vezes em manchetes de tom positivo, como: “Esmagador”³²³, ou “Vamos voltar a ganhar cá dentro e lá fora”³²⁴. A curiosidade desta última manchete prende-se com o facto de ela não surgir como citação. Perto do antetítulo surge um “separador” onde se lê “Revelação”, contudo, tem mais lógica que a “revelação” se remeta para o que vem no antetítulo: “Pinto da Costa anunciou recandidatura à Direcção do FC Porto”³²⁵, e não para a manchete. Por fim, um dos títulos em que o presidente do clube é o destaque, tem um tom negativo. Isto acontece quando se lê na manchete, simplesmente: “820 dias”³²⁶, pelo que o número é explicado no subtítulo: “Comissão disciplinar soma mais três meses à suspensão de Pinto da Costa”³²⁷.

Esta última manchete, juntamente com uma outra em que se lê: “Farias o mau da fita”³²⁸, são as únicas em que uma personalidade ligada ao F.C. Porto surge em tom negativo no jornal *O Jogo*, ao longo do período em análise.

Para além destas personalidades, o F.C. Porto ainda teve três jogadores que se destacaram das demais personalidades ligadas ao clube, no que diz respeito ao número de manchetes em que surgiram: Ruben Micael, Walter e James Rodriguez figuraram em dez manchetes cada um.

O tipo de manchetes que predominaram sobre o clube, ao longo das 254 edições, em que este foi destaque no jornal *O Jogo*, pode ficar mais claramente entendido, com a ajuda do gráfico a baixo:

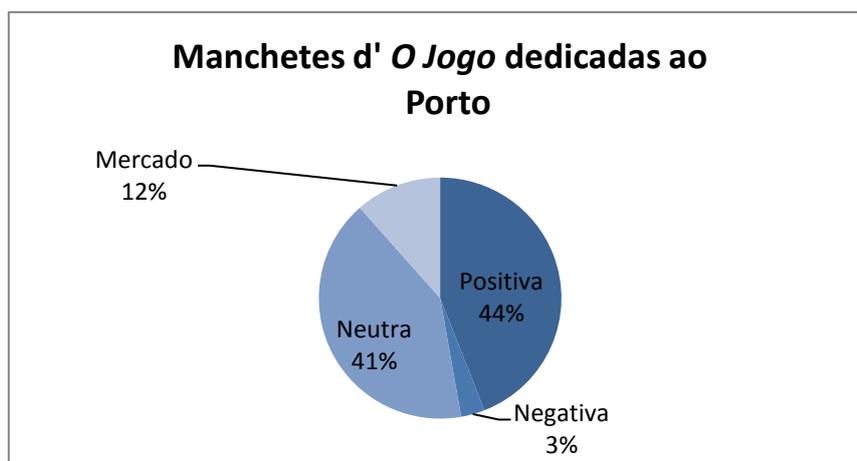


Gráfico 7

³²¹ *O Jogo*, 12 de Janeiro de 2010, p.1.

³²² *O Jogo*, 16 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Pinto da Costa contorna a questão Jesualdo e diz que os dragões não salvam épocas no Jamor ‘ao contrário de outros’ ”.

³²³ *O Jogo*, 1 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Pinto da Costa recolhe frutos da entrevista de anteontem”.

³²⁴ *O Jogo*, 31 de Março de 2010, p.1.

³²⁵ *Ibidem*

³²⁶ *O Jogo*, 27 de Janeiro de 2010, p.1.

³²⁷ *Ibidem*

³²⁸ *O Jogo*, 13 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Já treina condicionado desde 8 de Fevereiro e... deve sair no fim da época”; e com o subtítulo: “ «Foi ele que abortou o negócio Kléber» - acusa Miguel Pires, agora ex-empresário do Tecla ”.

Depois do F.C. Porto, o clube que figurou em mais manchetes d' *O Jogo*, ao longo do período em análise, foi o Benfica, com um total de 35 capas. Mais uma vez a tendência mantém-se, e a técnica da “personalização” está presente na maioria das manchetes referentes ao clube. Porém, neste caso a diferença entre as manchetes em que o clube surge como sujeito da acção, e aquelas em que é uma personalidade ligada ao clube a surgir em sua representação, é menor.

Em 16 edições o Benfica surge como sujeito, no título principal, sempre em tom positivo, ou negativo. Por 12 vezes o tom da manchete dedicada ao clube é positivo, como em: “O título já ruge”³²⁹, “Ar fresco”³³⁰, ou “Blindados para o Dragão”³³¹. Nas restantes quatro manchetes em que surge como sujeito, o tom é negativo, surgindo manchetes como: “Traumatismo”³³², “Águia cai e atira-se a Olegário”³³³, ou “Calvário”³³⁴.

Por outro lado, no que diz respeito a manchetes em que figuras ligadas ao clube surgem na manchete do jornal, temos 19 exemplos, divididos por oito personalidades. Aqui, repete-se a tendência, e Jorge Jesus, treinador do Benfica, é a pessoa que mais vezes figura na manchete, num total de seis vezes. Quatro delas são de tom neutro, e feitas a partir de citações do treinador. Mas destas, destaco três, que têm em comum o facto de poderem ser lidas como provocações ao F.C. Porto, se não, vejamos: “FC Porto é secundário”³³⁵, “Jesus ao ataque: «Vamos ver se Villas-Boas aguenta a pressão»”³³⁶, e “«Pinto da Costa quer é pôr os adeptos do Benfica contra o seu treinador»”³³⁷. Estes títulos, no meu entender, devem ser lidos como uma forma de o jornal ter mais vendas, pois serão considerados como provações por adeptos do F.C. Porto, tal como pelos do Benfica, podendo levar a que os adeptos se interessem pela polémica.

Para além do treinador do clube, houve ainda sete jogadores que mereceram o destaque na manchete do jornal *O Jogo*. Desses, três tiveram direito a três manchetes cada um. Cardozo surgiu sempre em tom positivo, por exemplo: “Banquete de Cardozo”³³⁸; Di Maria, que surgiu uma vez na categoria

³²⁹ *O Jogo*, 14 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Um leão no papo a quatro jornadas do fim do campeonato”.

³³⁰ *O Jogo*, 15 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Retorno às vitórias num jogo com três inéditas substituições defensivas”.

³³¹ *O Jogo*, 30 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Cinco vitórias seguidas e nenhum golo sofrido”, e o subtítulo: “Todos os jogadores em risco evitaram o quinto amarelo”.

³³² *O Jogo*, 9 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Cardozo ainda assustou, mas foi mesmo um inferno”.

³³³ *O Jogo*, 11 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Mérito do adversário, erros próprios e do árbitro na base da terceira derrota do campeão em título em quatro jornadas”.

³³⁴ *O Jogo*, 25 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “18 jogos 8 derrotas”, e o subtítulo: “Champions foi-se e até a Liga Europa está em causa”.

³³⁵ *O Jogo*, 18 de Março de 2010, p.1.

³³⁶ *O Jogo*, 24 de Dezembro de 2010, p.1.

³³⁷ *O Jogo*, 31 de Dezembro de 2010, p.1.

³³⁸ *O Jogo*, 20 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Águia dominadora e bis paraguaio a pôr fim à fome de golos”.

de mercado, e duas em tom positivo, sendo disso exemplo: “Show Di Maria”³³⁹, e Roberto que figurou em duas manchetes de tom positivo, mas também foi a única personalidade do clube a surgir numa manchete de tom negativo: “Barracada de Roberto”³⁴⁰.

A forma como o Benfica surgiu representado nas 35 manchetes d’ *O Jogo*, durante o ano 2010, pode ser conferida no gráfico que se apresenta em seguida:

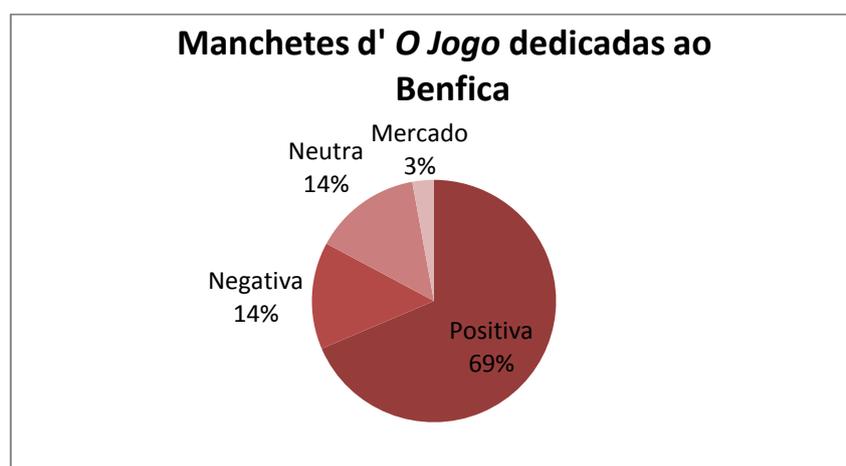


Gráfico 8

Ao contrário daquilo que acontece nos outros dois jornais já analisados, neste caso, o terceiro clube mais representado na manchete não é um dos chamados “três grandes”. Aqui é o Sp. Braga (12) que surge no terceiro lugar no número de manchetes, e a curiosidade de todas surgirem em tom positivo. O que também se reveste de novidade em relação ao clube, é que este surge mais vezes como sujeito da acção do que em “personalizações”. Assim, em nove edições surgem manchetes, como: “Braga com atitude de campeão”³⁴¹, “Contra tudo e contra todos”³⁴², ou “Braga no Dragão para ser campeão”³⁴³.

Já as três vezes em que são personalidades ligadas ao clube a surgir em destaque, foram escolhidos três futebolistas, para o representar: Lima, Moisés e Matheus, tendo as manchetes sido, respectivamente: “Golaço

³³⁹ *O Jogo*, 10 de Fevereiro de 2010, p.1.

³⁴⁰ *O Jogo*, 22 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Bracali defendeu em grande e erro infantil ditou terceira derrota consecutiva do campeão em jogos oficiais”.

³⁴¹ *O Jogo*, 30 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Paulo César assinou o golo do líder de betão”.

³⁴² *O Jogo*, 9 de Fevereiro de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “Expulsão de Moisés aos 15’ serviu para minhotos serrarem fileiras”.

³⁴³ *O Jogo*, 15 de Fevereiro de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “Equipa de Domingos em posição de fugir ao Benfica na próxima jornada”.

dedicado ao sonho³⁴⁴, “Grande Xerife!”³⁴⁵, e “Matheus sprinta para o milagre”³⁴⁶.

No caso do jornal *O Jogo*, o Sporting é apenas o quarto clube em número de manchetes, com 9 destaques, menos três do que o Sp. Braga. Em relação a este clube repete-se a situação verificada no anterior, e o número de manchetes em que o Sporting é o sujeito, volta a ser maior do que os casos em que na manchete surge uma personalidade em representação do clube.

O tom dos títulos em que surge como sujeito volta a ser, na sua maioria, positivo, sendo disso exemplos: “Caça grossa”³⁴⁷, “Muito bom e muito bonito!”³⁴⁸, e “Olho por olho”³⁴⁹. Ainda assim, há a registar uma manchete na categoria de mercado: “Sporting aponta a Aguiar”³⁵⁰, e uma outra de tom negativo, e que se enquadra na questão da controvérsia, já anteriormente explicada. Na manchete pode ler-se: “Toda a história da bronca”³⁵¹, surgindo, depois, como subtítulos: “Os antecedentes”, “As fotos”, “Os insultos”, “As agressões”, “O dia seguinte”, “As consequências”³⁵². Todo o enredo, portanto, de um acontecimento elevado, quase, a um nível de um filme. Mais uma vez, a explicação para esta manchete pode ir buscar-se ao facto de acontecimentos em que haja confrontos físicos, se revestirem de maior noticiabilidade, ainda para mais, neste caso, está completamente fora da norma, do que seria expectável.

As três manchetes que foram dedicadas a personalidades ligadas ao Sporting debruçaram-se sobre um treinador, “Paulo Sérgio no Sporting”³⁵³, e dois futebolistas: “Vukcevic carimba regresso”³⁵⁴, e “Na idade do bronze”³⁵⁵.

O Vitória de Guimarães foi outro dos clubes a ter direito a manchete no jornal *O Jogo*, durante o ano de 2010. Por duas vezes o clube figurou em

³⁴⁴ *O Jogo*, 20 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Lim abriu o caminho do sucesso de uma exibição segura”.

³⁴⁵ *O Jogo*, 4 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Golaço de Moisés confirma Liga Europa e mantém sonho da Champions em aberto”.

³⁴⁶ *O Jogo*, 24 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Dois golos supersónicos abateram londrinos”.

³⁴⁷ *O Jogo*, 4 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Míssil de Miguel Veloso faz dos leões o primeiro grande a bater o Braga”.

³⁴⁸ *O Jogo*, 26 de Fevereiro de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “Leões ressuscitaram e defrontam Atlético de Madrid de Simão nos ‘oitavos’ ”.

³⁴⁹ *O Jogo*, 1 de Março de 2010, p.1. – manchete com o antetítulo: “Leões retribuíram sova da Taça e feriram o penta de morte”.

³⁵⁰ *O Jogo*, 27 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Passe pertence ao Dínamo de Moscovo e licitação começa nos três milhões”.

³⁵¹ *O Jogo*, 22 de Janeiro de 2010, p.1 – esta manchete refere-se aos confrontos físicos entre o futebolista do Sporting, Liedson, e o então Director para o futebol, Sá Pinto.

³⁵² *O Jogo*, 22 de Janeiro de 2010, p.1.

³⁵³ *O Jogo*, 20 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Encontrado o sucessor de Carlos Carvalhal”.

³⁵⁴ *O Jogo*, 30 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Leões venceram na Dinamarca com golo do montenegrino e têm um pé e meio no play-off da Liga Europa”.

³⁵⁵ *O Jogo*, 6 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Postiga guinda leões à quarta vitória em cinco jogos e a um já pouco habitual terceiro lugar”.

destaque na primeira página, ambas no mês de Novembro, e em tom positivo: “Terror dos grandes”³⁵⁶; e uma em que é feita a “personalização” de um jogador, e na qual se lia: “Alex e os amigos”³⁵⁷.

Por fim, a outra equipa a ser destacada pelo jornal foi a Académica, numa manchete que pode ser lida como positiva para o clube, ou negativa para o Benfica, isto é, o título: “De se tirar o chapéu”³⁵⁸ é positivo para a Académica, contudo, mais uma vez, este tema merece a manchete, porque foi conseguido frente a um dos chamados “três grandes”. Isso fica claro se atentarmos no antetítulo: “Golaço de Laionel nos descontos impõe derrota ao campeão”.

Em catorze edições do jornal dois clubes figuraram na manchete, sendo que o F.C. Porto e o Benfica foram os que surgiram mais vezes associados, num total de seis vezes, todas elas antes de jogos entre as duas equipas. São exemplo disso os títulos: “Alta tensão”³⁵⁹, ou “A Supertaça mais cara de sempre”³⁶⁰.

Depois, houve três parselhas que surgiram duas vezes: F.C. Porto e Sporting, ambas as vezes antes de um jogo entre as duas equipas; Benfica e Sporting, as duas vezes depois de dias em que ambos tinham jogado, mas não entre si; e Sp. Braga e Benfica, uma vez antes de um jogo entre as duas equipas, e outra depois de vitórias de ambas, nos respectivos jogos. O Sp. Braga surgiu ainda, por uma vez, na companhia do F.C. Porto, e outra na do Vitória de Guimarães, também nestes casos antes de jogos entre as equipas.

Em seis edições do jornal predominou o critério da notoriedade pessoal. Neste aspecto, quem dominou o maior número de manchetes foi o futebolista Cristiano Ronaldo, com um total de três edições – duas de tom neutro, e uma de tom positivo –, em que foi o destaque principal da capa do periódico. Já o treinador José Mourinho, com duas manchetes de tom positivo, foi outra das figuras que surgiu na capa devido à sua notoriedade individual.

A outra personalidade que figurou na manchete deste diário foi o futebolista “Bebé”, que atingiu a notoriedade devido a uma transferência de que ninguém estava à espera, como prova o antetítulo: “Real Madrid também o queria e há três meses jogava na II Divisão”³⁶¹, que surgiu antes da manchete: “Manchester compra Bebé ao Guimarães por 10 milhões”³⁶². Neste caso, em particular, podemos considerar que o valor-notícia, que fez com que este tema fosse destaque na manchete, foi o “inesperado”, como explicam Ericson,

³⁵⁶ *O Jogo*, 9 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Ganhou ao Benfica, empatou com o FC Porto e ontem deu a volta a um jogo em que até foi prejudicado”.

³⁵⁷ *O Jogo*, 14 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Corredor direito decisivo para o Vitória confirmar 2º lugar”.

³⁵⁸ *O Jogo*, 16 de Agosto de 2010, p.1.

³⁵⁹ *O Jogo*, 2 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Águias à espreita do 32º campeonato, dragões dispostos a contrariar”.

³⁶⁰ *O Jogo*, 7 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Os 22 jogadores dos dois onzes prováveis custaram 90 milhões”.

³⁶¹ *O Jogo*, 12 de Agosto de 2010, p.1.

³⁶² *Ibidem*

Baranek e Chan, “aquilo que é consonante e contínuo é sempre visualizado, um sentido do inesperado pode tornar algo noticiável” (Traquina, 2002: 192). Ou seja, o facto de ser uma notícia surpreendente conferiu uma grande dose de interesse ao tema.

Dez manchetes foram analisadas à parte, por não se inserirem, segundo a minha interpretação, em nenhuma das categorias já analisadas. Dessas, houve um tema que surgiu três vezes – o já explicado caso do “Túnel da Luz”. Se nos outros jornais o tema mereceu apenas uma manchete em cada um, no jornal *O Jogo*, a polémica situação permaneceu mais tempo em destaque, e os separadores “Túnel da Luz” e “Polémica”, referindo-se à mesma situação, figuraram junto das seguintes manchetes: “Túnel da Luz + 5 processos”³⁶³, “23 jogos”³⁶⁴, e “Imagens negam capa d’ A Bola”³⁶⁵.

Esta última manchete ainda tem a particularidade de se referir, directamente, à manchete do dia 3 de Janeiro de 2010, de um jornal concorrente, negando a informação que aí vinha veiculada³⁶⁶. Esta situação de um jornal desmentir, directamente, uma notícia, ainda para mais, de uma manchete de um concorrente, é única ao longo do período em análise, nos três diários desportivos.

Para além deste tema, ainda mais dois que surgiram nas manchetes do jornal *O Jogo* podem ser associados a valores notícia como, a controvérsia, o inesperado, ou mesmo o “escândalo”. Desde logo, a manchete “Seguro é uma forma de dizer”³⁶⁷, que surge na capa com uma imagem de uma arma em riste, e com o antetítulo: “Repórter da equipa de O Jogo sentiu na pele a ‘segurança’ do campeonato do mundo”³⁶⁸; e os subtítulos: “Assaltantes armados entraram no quarto de António Simões às quatro da manhã e levaram tudo: «Senti que ia morrer»”, “Jornalistas do ‘Expresso’ e da ‘Marca’ roubados enquanto dormiam”, e “FIFA chama ‘presumível’ ao assalto e garante que só está preocupada com o trânsito”³⁶⁹. Depois, também a manchete, “Sá Pinto e Liedson ao soco”³⁷⁰, que surgiu com o antetítulo, “Cena de pancadaria no balneário por causa de Rui Patrício”, se insere nos referidos valores-notícia.

Uma outra manchete que traz um pouco de controvérsia associada está incluída nesta categoria de temas diversos. Desta vez não envolve violência, mas não deixa de estar condimentada com uma boa dose de polémica. A

³⁶³ *O Jogo*, 13 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Comissão Disciplinar junta Lucílio Baptista a Benfica, FC Porto, Hulk e Sapunaru”.

³⁶⁴ *O Jogo*, 20 de Fevereiro de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “Quatro meses de suspensão para Hulk”, e o subtítulo: “Seis meses: a sentença de Sapunaru”.

³⁶⁵ *O Jogo*, 1 de Fevereiro de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “Vídeo não comprova alegadas agressões de Helton, Rodriguez e Fucile”

³⁶⁶ A manchete do jornal *A Bola*, que estava aqui em causa era “Fucile, Helton e Rodriguez ‘apanhados’ no Túnel da Luz”.

³⁶⁷ *O Jogo*, 10 de Junho de 2010, p.1.

³⁶⁸ *Ibidem*

³⁶⁹ *Ibidem*

³⁷⁰ *O Jogo*, 21 de Janeiro de 2010, p.1.

manchete é: “Fim da linha”³⁷¹, trazendo em antetítulo: “Costinha e Izmailov extremam posições”³⁷², e depois, todo o enredo da polémica, em forma de argumentos, de parte a parte, e finalizando com uma solução, nos subtítulos: “Jogador faltou ao treino alegando estar autorizado, mas Sporting desmente”, “Costinha radicalizou discurso: «Enquanto eu aqui estiver ele não joga!»”, “Direcção e plantel apoiam decisões do director para o futebol”, “Futebolista tem indicações do médico alemão para não jogar com dor, pois arrisca nova operação”, “Mercado russo só fecha a meio de Abril e transferência volta a ser hipótese”³⁷³.

Outro dos temas que se encontram nesta categoria é a sempre polémica arbitragem. Nunca se terá visto um jornal trazer na manchete o tema arbitragem, se for para elogiar. Neste caso não é diferente. Numa das manchetes analisadas surgiu o título: “Também há disto na UEFA!”³⁷⁴, com o antetítulo: “Dragões garantem apuramento apesar de arbitragem fraca e marcada por polémica em lance de golo”³⁷⁵. Para lá da controvérsia que já está subjacente ao tema da arbitragem, o facto de a manchete surgir com a palavra “também”, deixa subentendido que não é só “na UEFA” que há “arbitragem fraca e marcada por polémica”. Este título, na minha opinião segue a linha de outros já analisados em outros jornais, assemelhando-se mais a uma opinião de um adepto, do que à imparcialidade com que deveria ser tratada por um jornal, ainda que, neste caso estivesse um clube português em representação do país. Como já vimos, esta pode ser uma técnica para chamar a atenção do público, que ao rever a sua opinião numa manchete de um jornal, mais facilmente parte para a compra do mesmo.

Mas também houve manchetes que não foram incluídas nas categorias já analisadas, e que não têm na polémica a sua razão de ser. Desde logo, duas manchetes em que são feitas comparações entre André Villas-Boas e José Mourinho, dois treinadores que têm em comum o facto de se terem iniciado cedo na profissão, e terem atingido níveis de sucesso muito rapidamente, isto para além de uma mútua ligação ao F.C. Porto, no início do sucesso alcançado, bem como o facto de terem pertencido, durante alguns anos à mesma equipa técnica, então liderada por José Mourinho. As manchetes: “Parecidos até nas expulsões”³⁷⁶; e “Sem tirar nem pôr”³⁷⁷, são bem elucidativas das comparações que foram sendo feitas, entre os dois treinadores.

³⁷¹ *O Jogo*, 30 de Março de 2010, p.1.

³⁷² *Ibidem*

³⁷³ *Ibidem*

³⁷⁴ *O Jogo*, 5 de Novembro de 2010, p.1

³⁷⁵ *Ibidem*

³⁷⁶ *O Jogo*, 7 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Villas-Boas e Mourinho com experiência igual”.

³⁷⁷ *O Jogo*, 1 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Mais uma semelhança – castigados no mesmo dia”.

As duas manchetes em falta nesta categoria inserem-se ambas numa temática de antevisão de um jogo entre duas equipas, pedindo a avaliação de quem conhece, pessoal e profissionalmente, jogadores de ambas as equipas. Nos dois casos, as equipas em jogo eram o F.C. Porto e o Benfica, e as análises feitas deram duas manchetes bem distintas, mas com um separador como denominador comum: “Clássico”. Uma delas é feita através de uma citação: “É lamentável que Falcao não jogue”, surgindo em letras garrafais o nome do autor da frase: “Ortega”³⁷⁸, e em antetítulo aquilo que lhe conferia “autoridade” para falar: “El Burrito [alunha do jogador] foi colega de cinco dos sete sul-americanos que passaram pela Argentina”. Em forma de subtítulos as opiniões do jogador sobre os antigos companheiros: “Farias «Impressionante a segurar a bola e incansável. Sentimos muito a falta dele» ”; “Belluschi «Disse a Passarella para o contratar» ”; “Cardozo «Sempre fez sofrer os defesas» ”; “Aimar e Saviola «Éramos, com Juan Pablo Angel, os quatro fantásticos do River» ”³⁷⁹.

Já na outra manchete com o mesmo ângulo de abordagem o título foi “Briga de cachorro grande”³⁸⁰. O facto de esta ser uma expressão brasileira, é justificada por estarem em análise, desta feita, dois jogadores Brasileiros – Hulk e David Luiz –, e a avaliação ser feitas por alguns dos seus colegas de selecção, como explica o antetítulo: “Hulk e David Luiz trabalharam juntos na selecção e são avaliados por craques do Brasil”³⁸¹.

Em seguida, pode ser consultado um gráfico representativo dos temas das 364 manchetes do jornal *O Jogo*, ao longo do ano de 2010:

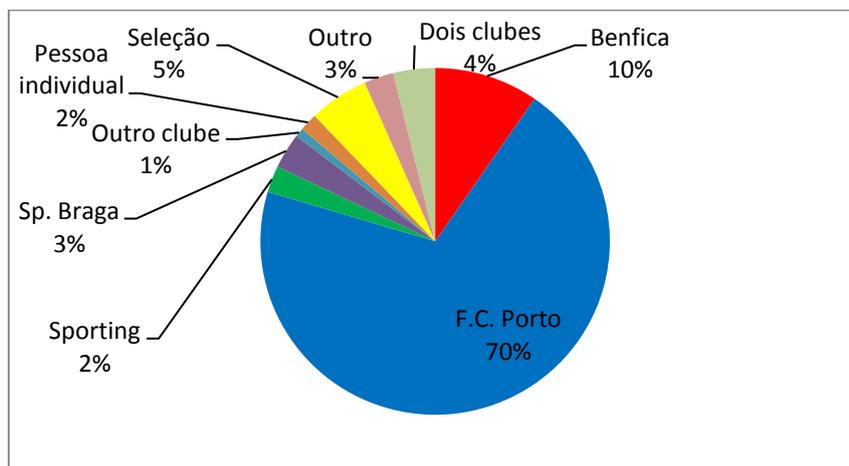


Gráfico 9 – Temas das manchetes do jornal *O Jogo* ao longo do ano de 2010

³⁷⁸ *O Jogo*, 1 de Maio de 2010, p.1.

³⁷⁹ *Ibidem*

³⁸⁰ *O Jogo*, 6 de Novembro de 2010, p.1.

³⁸¹ *Ibidem*

Tipologia dos títulos utilizados nas manchetes d' *O Jogo*:

À semelhança do que acontece com os outros dois diários desportivos, aqui em análise, *O Jogo* dá grande importância à manchete, como “montra” do jornal. Isso, como já vimos ao longo desta análise, dá azo a que a informação, nos títulos, passe muitas vezes para segundo plano, deixando chegar ao público títulos que podem ser considerados mais apelativos. Ainda assim, no caso deste periódico as manchetes que privilegiam a objectividade da informação surgem com alguma frequência, principalmente, se tivermos em conta, o número elevado de manchetes (49) feitas com recurso a citações.

Em termos de manchetes cuja informação é passada directamente, sem rodeios, ou qualquer tipo de jogo de associação, tornando os títulos predominantemente informativos, encontrei 86 casos, como por exemplo: “Aí está Tomás Costa”³⁸², “Deco critica Queiroz”³⁸³, ou “Falcao renova este mês”³⁸⁴. Contudo, a aposta em títulos sintéticos também é bastante recorrente neste jornal, surgindo em 47 manchetes como: “A muralha”³⁸⁵, “Um sedutor”³⁸⁶, ou “O maior”³⁸⁷.

Apesar disto, a técnica mais vezes utilizada na construção dos títulos que figuraram na manchete do jornal *O Jogo* voltou a ser a intertextualidade, que foi identificada em 96 manchetes, como: “De volta ao mundo em 80 dias”³⁸⁸, “Banquete de Cardozo”³⁸⁹, ou “Com este maestro é outra música”³⁹⁰.

Tendo em conta o tipo de títulos pelos quais o jornal opta, maioritariamente, os recursos estilísticos tornam-se ferramentas essenciais, na construção dos mesmos. Aqui, mais uma vez, as metáforas assumem um papel de relevo, sendo o recurso com que mais vezes me deparei ao longo desta análise, num total de 59 títulos, como: “Hulk ferve para a Champions”³⁹¹, “Fogo no Dragão”³⁹², ou “Walter na boca do dragão”³⁹³.

³⁸² *O Jogo*, 16 de Janeiro de 2010, p.1.

³⁸³ *O Jogo*, 16 de Junho de 2010, p.1.

³⁸⁴ *O Jogo*, 10 de Novembro de 2010, p.1.

³⁸⁵ *O Jogo*, 9 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Já era a única equipa invicta na Europa, agora também é a melhor defesa”, e os subtítulos: “5 golos sofridos no campeonato”, e “4,5 horas necessárias para marcar a Helton”.

³⁸⁶ *O Jogo*, 20 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “O verdadeiro perfil do sucessor de Jesualdo Ferreira”.

³⁸⁷ *O Jogo*, 23 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Mourinho quer ser o 1º a vencer a Champions por três clubes diferentes e assina com Real Madrid até 2014 ganhando 10 milhões de euros por ano”.

³⁸⁸ *O Jogo*, 11 de Abril de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “Farias jogou pela primeira vez desde Janeiro e marcou após cinco minutos em campo”.

³⁸⁹ *O Jogo*, 20 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Águia dominadora e bis paraguaio a pôr fim à fome de golos”.

³⁹⁰ *O Jogo*, 25 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “94% de passes certos nua estreia auspiciosa”.

³⁹¹ *O Jogo*, 5 de Fevereiro de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “O ‘monstro’ hiberna a pensar no Arsenal”.

³⁹² *O Jogo*, 26 de Abril de 2010, p.1 - manchete com o antetítulo: “Bracarenses respondem à letra e inflamam FC Porto-Benfica do próximo domingo”.

Comparativamente aos concorrentes, este jornal opta por menos títulos com construções bélicas, mantendo a aposta nas aliterações, como: “Dupla 63 dias depois”³⁹⁴, ou “Cardozo redime-se...e o dragão deprime-se”³⁹⁵. Este tipo de títulos torna-se mais apelativo, devido à sua musicalidade. Por outro lado, o jornal também aposta, esporadicamente, em antíteses, como: “Villas-Boas trata do ataque na defesa”³⁹⁶, que ao despertarem a curiosidade do leitor, o podem levar a comprar o jornal.

Os disfemismos também voltam a encontrar nestas manchetes um lugar de destaque, surgindo títulos como: “...E ninguém vai preso!”³⁹⁷, com o antetítulo a seguir a mesma linha afirmando: “Só 9100 espectadores viram o desastre ao vivo”³⁹⁸. Esta manchete é referente a um empate 4-4 entre a selecção nacional de futebol, e o Chipre; ou “Calvário”³⁹⁹, para descrever um ciclo de “18 jogos, 8 derrotas”⁴⁰⁰, da equipa do Benfica.

Os exclusivos nas manchetes do jornal *O Jogo*:

Durante o período em análise, a edição norte do jornal *O Jogo* marcou como exclusivos dez temas que surgiram nas suas manchetes. À semelhança do que notei na análise do jornal *A Bola*, é neste aspecto que se pode falar da proximidade do jornal a um clube. Senão vejamos: das dez manchetes marcadas como exclusivas, sete são declarações, ou entrevistas a personalidades ligadas ao F.C. Porto, contudo, apenas uma não se refere ao clube.

Nos exclusivos que o jornal destacou na manchete, há dois repetentes: o treinador que orientou a equipa na primeira metade do ano em análise, Jesualdo Ferreira, e o futebolista Helton. No caso deste último, ambas as manchetes trazem um separador de “Entrevista Exclusiva”, seguida das citações “Aprendi a gostar do Porto”⁴⁰¹, e “No final das palestras de Villas-Boas os jogadores param para pensar”⁴⁰².

Por outro lado, no que se refere às citações do treinador: “Não estamos a dormir”⁴⁰³, com o antetítulo: “Treinador confirma EM EXCLUSIVO regresso de Bruno Alves e diz que o Benfica também sabe que tem um jogo a mais”; e

³⁹³ *O Jogo*, 12 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Internacional de Porto Alegre confirma acordo pelo avançado”.

³⁹⁴ *O Jogo*, 24 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Em 255 minutos juntos Falcao e Farias marcaram 9 golos”.

³⁹⁵ *O Jogo*, 24 de Fevereiro de 2010, p.1.

³⁹⁶ *O Jogo*, 15 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Treinador interventivo e a exemplificar”.

³⁹⁷ *O Jogo*, 4 de Setembro de 2010, p.1- Esta manchete é referente a um empate 4-4 entre a selecção nacional de futebol, portuguesa, com a sua congénere do Chipre.

³⁹⁸ *Ibidem*

³⁹⁹ *O Jogo*, 25 de Novembro de 2010, p.1.

⁴⁰⁰ *Ibidem*

⁴⁰¹ *O Jogo*, 8 de Maio de 2010, p.1.

⁴⁰² *O Jogo*, 27 de Dezembro de 2010, p.1.

⁴⁰³ *O Jogo*, 7 de Fevereiro de 2010, p.1

“Este ano vai-me dar mais gozo ganhar”⁴⁰⁴, com o antetítulo “Profe optimista quanto ao título”, e com o marcador “Exclusivo” a anteceder o antetítulo, não se trata de entrevistas, mas sim de declarações. O que é curioso de verificar é o facto de, no espaço de seis dias, o jornal conseguir duas vezes declarações exclusivas do treinador da equipa.

Pinto da Costa, presidente do FC Porto também surgiu na manchete com o marcador “Exclusivo”, sem que fosse dada a indicação de se tratar de uma entrevista, quando se leu: “As escolhas e os desejos”⁴⁰⁵, com o antetítulo: “Em dia de 73º aniversário Pinto da Costa faz revelações a *O Jogo*”⁴⁰⁶. No subtítulo “A análise TOP sobre...”⁴⁰⁷ anunciava-se a opinião do presidente sobre temas desportivos como: “Jogadores”, “Clubes”, “Equipas”, “Dirigentes”⁴⁰⁸; mas deixava claro que se iria para além do desporto, com temas como: “Mulheres bonitas”, “Amor”, “Sexo”, “Casamento”, “Justiça”, “Escola” ou “Família”⁴⁰⁹.

Mas houve ainda mais duas “Entrevistas exclusivas” a jogadores do F.C. Porto a merecer o destaque principal da capa. Ruben Micael afirmou: “Não há desculpas para não vencer a Liga Europa”⁴¹⁰, já Hulk confidenciou na manchete do jornal que “Villas-Boas não olha a nomes”⁴¹¹. Hulk acaba por ser co-protagonista de um outro exclusivo, quando, juntamente com David Luiz, é alvo de uma análise feita por jogadores da selecção brasileira, sobre os “pontos fortes”⁴¹², na manchete já analisada anteriormente: “Briga de cachorro grande”⁴¹³. A “Entrevista exclusiva” a Kostadinov, antigo jogador do F.C. Porto trouxe para a manchete: “O Benfica não ganha no Dragão”⁴¹⁴, e apesar de não ser feita a uma figura do presente do clube, acaba por estar ligada ao mesmo.

De resto, o único exclusivo que surgiu nas manchetes do jornal sem nenhuma ligação ao clube é uma entrevista a Paulo Bento, alguns meses depois deste assumir a liderança da selecção nacional de futebol, e cuja manchete era: “Estaremos no Euro sem precisar de Play-off”⁴¹⁵.

As entrevistas nas manchetes do jornal *O Jogo*:

Neste género jornalístico de excelência, que é a entrevista, encontra-se mais uma curiosidade no jornal em análise. Contando com aquelas que já

⁴⁰⁴ *O Jogo*, 13 de Fevereiro de 2010, p.1

⁴⁰⁵ *O Jogo*, 28 de Dezembro de 2010, p.1.

⁴⁰⁶ *Ibidem*

⁴⁰⁷ *Ibidem*

⁴⁰⁸ *Ibidem*

⁴⁰⁹ *Ibidem*

⁴¹⁰ *O Jogo*, 21 de Maio de 2010, p.1.

⁴¹¹ *O Jogo*, 5 de Setembro de 2010, p.1.

⁴¹² *O Jogo*, 6 de Novembro de 2010, p.1.

⁴¹³ *Ibidem*

⁴¹⁴ *O Jogo*, 18 de Abril de 2010, p.1

⁴¹⁵ *O Jogo*, 26 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Seleccionador faz contas a ganhar todos os jogos”.

foram citadas no capítulo anterior, o periódico puxou para a manchete 17 entrevistas, das quais, 12 foram feitas a futebolistas do F.C. Porto⁴¹⁶, uma ao presidente do clube, uma a um ex-treinador – Jesualdo Ferreira –, uma a um ex-jogador do clube – Kostadinov –, e apenas duas não foram relativas a pessoas com ligações ao clube – Cristiano Ronaldo e Paulo Bento.

Como referi, anteriormente, em relação ao jornal *A Bola*, estes factos mostram que há algum tipo de proximidade do jornal ao clube, mais não seja, no que diz respeito à facilidade com que consegue aceder aos entrevistados, e obter autorização para a publicação das entrevistas.

⁴¹⁶ Rúben Micael (2), Falcao, C. Rodriguez, Sereno, Guarin, Prediguer, Souza, Otamendi, Hulk e Helton (2).

A selecção nacional nos jornais desportivos:

Neste capítulo muito particular desta análise proponho-me tentar compreender qual foi o tratamento dado à selecção portuguesa de futebol, durante o período em análise, confrontando os dados por mim recolhidos, com o estudo feito por João Nuno Coelho, no seu artigo “ «Vestir a camisola» ” – Jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol”.

Como o autor faz notar, “não seria necessária uma análise sistemática da imprensa para perceber que a posição dos jornalistas, quando está em causa uma representação nacional, é a tomada de partido declarada e óbvia a favor dessa representação. Esta parcialidade abertamente assumida, quantas vezes manifestada de forma espectacular e emocional, está exactamente nos antípodas da posição e postura dos mesmos jornalistas quando acompanham provas nacionais, envolvendo a competição entre atletas ou clubes portugueses. Neste último caso é procurada a imparcialidade e neutralidade (num esforço mais ou menos bem sucedido), que surgem como obrigações óbvias e indispensáveis. Quando essa imparcialidade não é conseguida ou respeitada, são muitas as vozes que se levantam, acusando e criticando a preferência demonstrada” (Coelho, 2004: 29).

Ou seja, segundo podemos depreender das palavras do autor, no que diz respeito à selecção nacional, a norma é precisamente o contrário do que acontece, ou deveria acontecer, com a análise aos clubes. Ou seja a parcialidade é o normal, e a imparcialidade não será tão bem aceite. Por isso mesmo, “palavras como ‘nós’ e ‘eles’, os ‘nossos’, são usadas sem qualquer problema e fazem parte de todo um conjunto de vocábulos que transmitem uma posição de favoritismo claro” (*Ibidem*: 29). Isso fica mais nítido, desde logo, se atentarmos na expressão “equipa de todos nós”, normalmente utilizada pelos jornalistas para se referir à selecção nacional, e que, como explica João Nuno Coelho foi “criada nos anos vinte, por Ricardo Ornelas, jornalista e mentor da fundação da equipa nacional” (*Ibidem*: 30).

Tentemos então perceber essa realidade nos jornais, durante o ano de 2010.

A selecção nacional no jornal *A Bola*:

“A selecção nacional de futebol em Portugal é um ‘projecto’ que tem sido, ao longo dos tempos, especialmente defendido e acarinhado por um conjunto de jornalistas desportivos, muitos deles ligados ao jornal ‘A Bola’. Desde Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis, fundadores do jornal (e antigos seleccionadores nacionais de futebol), que os jornalistas da ‘Bíblia’ do futebol português têm desempenhado um papel fundamental na popularização da representação nacional, promovendo a sua importância simbólica e função crucial no desenvolvimento do futebol luso” (*Ibidem*: 31).

Mas será que, actualmente, o jornal mantém essa posição, e “insiste na suprema importância da representação nacional e considera todos os outros interesses e dimensões do futebol luso como secundários em relação àquela” (*Ibidem*: 31)?

Ao longo do período em análise o jornal *A Bola* dedicou 25 manchetes à selecção nacional. Em 16 das quais, a selecção surgiu como sujeito da acção, enquanto nas restantes foi representada por um jogador, ou treinador. O tom das manchetes em que o destaque foi a “equipa de todos nós”, não foi sempre igual, havendo exemplos de títulos para todas as categorias em, análise. Os que mais predominaram foram o positivo (7) e o neutro (6), contudo, também houve lugar a manchetes de tom negativo (3).

As manchetes de tom positivo: “Nas asas do povo”⁴¹⁷, “África nossa”⁴¹⁸, “Heróis do Mar”⁴¹⁹, “Perfeito”⁴²⁰, “Acreditamos!”⁴²¹, “Estamos de volta!”⁴²² e “Portugal Olé!”⁴²³; bem como, as de tom negativo: “Encalhados”⁴²⁴, “Lágrimas desespero e polémica”⁴²⁵, e “Não gozem mais com o povo!”, por serem as mais emotivas, são as mais fáceis de analisar. E ao vermos algumas das manchetes acima referidas, percebemos que há uma diferença, que salta à vista, em relação ao tratamento dado aos clubes. Na verdade, como podemos perceber na análise de João Nuno Coelho, não há qualquer vergonha, por parte das direcções dos jornais, em fazer manchetes na primeira pessoa, como, “Acreditamos,”, “Estamos de volta”, ou “África nossa”. Da mesma forma que sem qualquer tipo de problemas se fazem emotivos apelos como “Não gozem mais com o povo!”.

É isto que está normalizado. É este tratamento que os leitores têm expectativas de encontrar nas páginas dos jornais, logo, o estranho seria o jornal demonstrar uma certa distância, e ser imparcial na cobertura da informação que diz respeito à selecção. Neste contexto há mais uma manchete que interessa observar. Na antevisão de um jogo amigável frente à selecção

⁴¹⁷ *A Bola*, 6 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Despedida eufórica na partida da selecção”, e o subtítulo: “No hotel, na estação de serviço, no Parque Eduardo VII, no aeroporto, milhares e milhares de pessoas desejaram sorte para o Mundial”.

⁴¹⁸ *A Bola*, 7 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Magaliesburg pintada de verde e vermelho”, e os subtítulos: “Milhares de pessoas entre o aeroporto e o centro de estágio”, e “Treino com lotação esgotada e muita gente não conseguiu entrar”.

⁴¹⁹ *A Bola*, 15 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Navegadores [cognome adoptado pela selecção presente no Mundial 2010] à descoberta da África Mundial”.

⁴²⁰ *A Bola*, 22 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sete golos no caminho para os ‘oitavos’ ”.

⁴²¹ *A Bola*, 8 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Ordem para vencer rumo ao Euro-2012 na estreia de Paulo Bento”.

⁴²² *A Bola*, 9 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o subtítulo: “Selecção entusiasmante na estreia perfeita de Paulo Bento”

⁴²³ *A Bola*, 18 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Campeão do mundo humilhado em noite histórica”.

⁴²⁴ *A Bola*, 16 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Navegadores ainda não encontraram o rumo”.

⁴²⁵ *A Bola*, 30 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Jogadores inconsoláveis e algumas críticas a Queiroz”.

espanhola, campeã europeia e mundial, em título, a manchete do jornal foi: “ ‘Bienvenidos’ (Mas vamos ganhar aos campeões do mundo!) ”.

Este tipo de tratamento não deixa dúvidas, quanto à parcialidade do jornal, no entanto, a ideia do jornal, nestes casos, é reflectir a opinião dos leitores. Quando joga a selecção, a ideia é que todo o país está em causa, há um sentimento de unidade nacional, que raras vezes será conseguido de outra forma. Como defende João Nuno Coelho: “a enorme popularidade e visibilidade dos jornais desportivos – muito superior à de qualquer outro ‘objecto’ escrito em Portugal – apenas faz aumentar a importância destes processos sociais. São fenómenos como o discurso nacionalista nos jornais desportivos que contribuem para que nunca esqueçamos a nação, a identidade nacional”.

Em termos de “personalizações”, foram cinco as pessoas que surgiram como cara da selecção. Dois treinadores, Paulo Bento e Carlos Queiroz, e três jogadores, Nani, Carlos Martins e Cristiano Ronaldo. De todos eles, apenas Cristiano Ronaldo surgiu em mais do que uma manchete, neste caso, em cinco.

Apesar disto, e tendo em conta o contexto histórico de ligação entre este jornal e a equipa nacional, há uma manchete que destoa do que seria expectável. No dia 4 de Março, foi possível ler na capa do jornal *A Bola*: “Portugal vence mas não convence”. Nada de mais. Contudo, esta não era a manchete do jornal, era apenas uma chamada de capa que surgiu imediatamente abaixo do nome do jornal. O que não será tão normal quanto isso é o tema que foi destacado na manchete, onde se lia “Cardozo: dois golos na catedral”⁴²⁶, referente a um jogo da selecção nacional de futebol... paraguaia.

É certo, que o jogo da selecção portuguesa era particular, logo, de menor interesse. Mas o da congénere paraguaia também o era, e só tinha um pequeno elo de ligação ao nosso país. Ainda assim, foi esse pequeno elo que o jornal preferiu destacar, ao invés da vitória da equipa nacional. Esta opção só pode ser vista de um ponto de vista economicista, que sustente que o facto de na manchete figurar uma figura do Benfica, tornará o jornal mais interessante, logo, mais susceptível de ser comprado.

A resposta à pergunta que é deixada no início deste capítulo poderia ser, tendo em conta este exemplo, um rotundo não. Podia ser: o jornal *A Bola*, não considera todos os interesses do futebol nacional, secundários, relativamente à selecção. Contudo, apenas este exemplo destoa dessa ideia. Por norma, quando jogou a selecção, a atenção do jornal foi focada nela, nos seus feitos e nas suas derrotas.

A selecção nacional no jornal *Record*:

⁴²⁶ *A Bola*, 4 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Paraguaio do Benfica brilhou em Bilbao”.

O jornal *Record* foi mais comedido no número de manchetes dedicadas à selecção nacional de futebol, com um total de 18, sendo que, neste caso a equipa nacional surge em quinze manchetes como sujeito da acção, e apenas por três vezes é feita a “personalização”. Mais uma vez o tom positivo mantém-se o mais habitual nestas manchetes, surgindo, sete vezes.

Repete-se também a emotividade das manchetes, principalmente, como vimos anteriormente, nas de tom positivo: “Assim está melhor”⁴²⁷, “Todos com Feeling”⁴²⁸, “África Nossa”⁴²⁹, “Foi à King”⁴³⁰, “E tudo o Bento virou”⁴³¹, “Assim até dá gosto”⁴³², e “Grande Faena”⁴³³; e também nas de tom negativo: “Fomos colhidos”⁴³⁴, “Andam a gozar connosco”⁴³⁵, “Mais barracas não!”⁴³⁶, ou “A barraca continua”⁴³⁷.

De resto, à semelhança do que vimos acontecer no jornal *A Bola*, também no *Record* se faz o emprego da primeira pessoa do plural, tanto nas manchetes, como nos antetítulos, ou subtítulos. Além disso, os incentivos, como: “Vamos lá Portugal!”⁴³⁸, ou “Venham de lá os espanhóis”⁴³⁹, não escandalizam, porque se referem à equipa que representa a nação.

Em termos de personalizações, as três figuras da selecção que surgiram em destaque na manchete foram os jogadores Cristiano Ronaldo e Deco, e o seleccionador Carlos Queiroz.

A selecção nacional no jornal *O Jogo*:

⁴²⁷ *Record*, 2 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Bis de Raul Meireles e goloço de Nani”

⁴²⁸ *Record*, 6 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Mais de 100 mil no adeus aos Navegadores”.

⁴²⁹ *Record*, 7 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Luocura no 1º dia da selecção no país do Mundial”, e com os subtítulos: “2 mil viram o treino” e “3 mil ficaram à porta”.

⁴³⁰ *Record*, 22 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Goleada histórica tira norte à Coreia”.

⁴³¹ *Record*, 9 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Seleção regressa às vitórias e volta a entusiasmar os portugueses”.

⁴³² *Record*, 13 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Vitória, bom futebol e grandes golos na era Bento”.

⁴³³ *Record*, 18 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Goleada histórica merecia o fantástico golo de Ronaldo”.

⁴³⁴ *Record*, 30 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Ronaldo nas tábuas... ganhou ‘el toro’ ”.

⁴³⁵ *Record*, 4 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Caso Queiroz desce ao relvado: já nem o Chipre vencemos”.

⁴³⁶ *Record*, 7 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “É preciso limpar a ‘porcaria’ do jogo com o Chipre”

⁴³⁷ *Record*, 8 de Setembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Novo insucesso nasce numa asneira de Eduardo”, e o subtítulo: “Cinco pontos perdidos em dois jogos e a selecção faz marcha-atrás no apuramento”.

⁴³⁸ *Record*, 15 de Junho de 2010, p.1.

⁴³⁹ *Record*, 26 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Seleção enfrenta a ‘fúria’ terça-feira na cidade do Cabo”.

Em termos de número de manchetes dedicadas à selecção nacional o jornal *O Jogo* situou-se entre os seus dois concorrentes, dando destaque à “equipa de todos nós” em 20 edições. Este jornal distingue-se dos seus concorrentes na questão das personalizações, uma vez que na maioria das manchetes em que surge a selecção nacional, é um jogador, ou um treinador que a representa.

E foram sete as figuras que surgiram como cara da informação relativa à selecção, ao longo do período em análise. Dois treinadores – Carlos Queiroz e Paulo Bento (2) –; e cinco jogadores: Pepe, Cristiano Ronaldo (4), Raul Meireles, Danny e Deco.

Nas manchetes em que a selecção surgiu sem que se recorresse a uma personalidade ligada a ela, voltou a dominar o tom positivo, com títulos como: “Do outro mundo”⁴⁴⁰, “Prontos para el papão”⁴⁴¹, “Eles querem”⁴⁴², e “Olé”⁴⁴³. No que se refere às manchetes de tom negativo, os títulos voltaram a surgir com a emotividade que também caracterizou este tipo de manchetes nos outros jornais, como podemos perceber em: “...E ninguém vai preso!”⁴⁴⁴; e “Basta de broncas!”⁴⁴⁵

Nas manchetes dedicadas pelo jornal *O Jogo* à selecção nacional, é possível perceber um maior distanciamento, ou uma maior imparcialidade, pelo menos aparente, quando comparado com os seus concorrentes. Por exemplo, o recurso à primeira pessoa do plural, de forma clara, só é feito uma vez, na manchete em que se lê: “Temos o Ás de trunfo”⁴⁴⁶. De resto, grande parte dos títulos mantém uma sobriedade que faz transparecer, o referido maior distanciamento.

⁴⁴⁰ *O Jogo*, 22 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Selecção quase garante o apuramento e espanta o mundo”.

⁴⁴¹ *O Jogo*, 26 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Brasil soube a oportunidade perdida, mas Espanha é já na terça-feira”.

⁴⁴² *O Jogo*, 9 de Outubro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Selecção volta a sonhar”.

⁴⁴³ *O Jogo*, 18 de Novembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Exibição de gala da selecção”.

⁴⁴⁴ *O Jogo*, 4 de Setembro de 2010, p.1.

⁴⁴⁵ *O Jogo*, 8 de Setembro de 2010, p.1.

⁴⁴⁶ *O Jogo*, 29 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Não é na selecção espanhola que joga o segundo melhor do mundo”.

O mercado de transferências nos jornais desportivos:

O tema do mercado de transferências é importante, na medida em, muitas das críticas apontadas aos jornais desportivos se prendem com questões relacionadas com este tema. Ou seja, este é um dos pontos em que a concorrência entre os jornais se faz sentir de forma mais clara. Isto acontece porque os jornais, na tentativa de serem os primeiros a dar a contratação de um jogador, por parte de um clube, muitas vezes, acabam por publicar notícias (neste caso nomes de jogadores/treinadores), que carecem de confirmação.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu descreve esta questão concorrencial da seguinte forma: “Para ser o primeiro a ver alguma coisa, o jornalista está mais ou menos disposto a tudo e, como os jornalistas se copiam mutuamente, ao tentarem todos eles ultrapassar os outros, para fazerem primeiro que os outros, ou para fazerem de modo diferente dos outros, acabam por fazer todos a mesma coisa.”⁴⁴⁷ Neste caso específico do jornalismo desportivo, o que acontece, ou o que parece acontecer, é que os jornais, muitas vezes, para dar uma notícia em primeira mão, antecipam-se ao fim das negociações, e acabam por anunciar muitas contratações que nunca se chegam a confirmar.

Temos de ter em conta, nesta análise, que este tipo de manchete é sempre muito apelativa para os adeptos, que querem estar sempre atentos aos jogadores que podem vir a jogar na sua equipa, e que, por isso, muitas vezes acabam por comprar os jornais, que trazem notícias sobre possíveis reforços. É recorrente os jornais jogarem com esta maior predisposição dos leitores, em aceder a este tipo de informação, ainda que o façam de uma forma um pouco defensiva. Isto é, muitas vezes, não anunciam que o clube vai comprar, preferindo dar a entender que haverá interesse do clube x no jogador y.

Mas importa perceber melhor a problemática, aqui, em causa. Ao longo de um ano, no que diz respeito a equipas portuguesas, há certos períodos, em que as equipas podem contratar, ou vender jogadores, de forma a tornar mais forte a sua capacidade desportiva e económica. Na verdade, em qualquer altura do ano, uma equipa pode decidir comprar um jogador, o que acontece é que apenas, na chamada “abertura de mercado”, os jogadores contratados podem passar a fazer parte efectiva da equipa.

A “abertura de mercado” acontece, no futebol português, no início do mês de Junho, durando até ao último dia do mês de Agosto. Em Janeiro, há a chamada “reabertura de mercado”, que permite às equipas dar alguns retoques nos seus plantéis, até ao final do mês. Ou seja, durante quatro meses do ano as equipas podem verificar entradas, ou saídas de jogadores. Contudo, o que acontece é que, como há liberdade das equipas contratarem em qualquer altura, os jornais são “obrigados” a estar sempre de sobreaviso, para não perderem para um concorrente, a possibilidade de dar uma notícia em primeira

⁴⁴⁷ (Bourdieu, 1997), cit. In (Traquina, 2002: 197)

mão. Em relação aos treinadores, em qualquer altura do ano, uma equipa pode decidir trocar de treinador, não estando, assim, limitada a um período específico.

Mas passemos a verificar o que aconteceu, neste aspecto, no período em análise.

O mercado de transferências nas manchetes do jornal *A Bola*:

Antes de passar à análise do que foi o comportamento do jornal *A Bola* neste tema, importa atentar no que disse o seu director sobre isso, para depois perceber se a opinião que manifestou nas páginas do seu jornal, estão de acordo com aquilo que diz defender. De referir, que esta opinião, não foi encontrada no período em análise, contudo, não deixa de ser válida, uma vez que o director do jornal se mantém no cargo.

Assim, no dia 4 de Junho de 2011, numa página de opinião, Vítor Serpa, director do jornal *A Bola*, desde 1992, escreveu um artigo com o título “Chovem jogadores”⁴⁴⁸, em que defendia a sua opinião, da seguinte forma: “Estamos no defeso e chovem, por aí, nomes de jogadores. São às dezenas, entre os que supostamente estariam para entrar e os que supostamente estariam para sair. Há duas maneiras de lidar com isto: publicar todos os nomes na absoluta indiferença da verdade, esperando que o leitor se resigne em tanto sonho falhado e esqueça quem o enganou, ou ter veleidade de apenas avançar com hipóteses com fundamento e mudar esse tempo de dilúvio para algumas boas abertas. Levar as pessoas ao engano é, de facto, muito feio, mas há quem diga que pode compensar. O leitor também acha?”⁴⁴⁹.

Tendo presente esta opinião, passemos a analisar os factos. No jornal *A Bola*, 59 manchetes, ao longo do ano de 2010, foram dedicadas a este tema, sendo que, todos os meses houve notícias desta categoria de análise. E se, no que diz respeito ao mercado de treinadores, as duas manchetes que foram dedicadas a esse tipo de transferência, se vieram a confirmar: “Paulo Sérgio vai treinar o Sporting”⁴⁵⁰, e “Paulo Bento é o favorito para suceder a Queiroz”⁴⁵¹, já no que diz respeito aos jogadores, a situação é bem distinta.

Em termos de entradas de jogadores nos clubes, entre aquelas que foram dadas como certas, e as que nunca se vieram, efectivamente, a confirmar, foram lançados 32 nomes de jogadores. Alguns deles mereceram mais do que uma manchete, outros apenas surgiram por uma vez.

⁴⁴⁸ *A Bola*, 4 de Junho de 2011, p.47.

⁴⁴⁹ *Ibidem*

⁴⁵⁰ *A Bola*, 20 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Contrato de dois anos”, e os subtítulos: “Técnico de 42 anos troca Guimarães por Alvalade no final da época”, e “Tem sete épocas de experiência no banco”.

⁴⁵¹ *A Bola*, 8 de Setembro de 2010, p.1.

Mas vejamos o caso dos jogadores que foram associados ao Sporting: no total foram 16⁴⁵² os atletas que, segundo o jornal, teriam possibilidades de reforçar a equipa, como mostram manchetes como: “Manuel Fernandes mais perto do Leão”⁴⁵³, “Sporting avança por central croata”⁴⁵⁴, “Acordo total por Petrovic”⁴⁵⁵. Contudo, desses 16 nomes, apenas cinco se confirmaram.⁴⁵⁶

Já em relação ao Benfica, o clube que surgiu em maior número de manchetes desta temática, foram menos os nomes de jogadores que surgiram nas manchetes (15)⁴⁵⁷, o que aconteceu é que alguns deles se mantiveram em destaque ao longo de mais tempo. Destes jogadores, mais uma vez, grande parte deles⁴⁵⁸, não se tornou jogador do clube, não confirmando manchetes como: “Marco Amelia é a aposta do Benfica”⁴⁵⁹, “Cada vez mais Wesley”⁴⁶⁰, ou “Hleb por horas”⁴⁶¹.

No que diz respeito ao F.C. Porto, as três manchetes dedicadas ao clube, nesta categoria de mercado confirmaram-se, sendo que uma delas serviu para informar que uma transferência não se iria fazer, quando surgiu a manchete: “Roeu a corda”⁴⁶². Em relação às saídas de jogadores que surgiram nas manchetes do jornal, todas se confirmaram.

O facto de tantos nomes que fizeram manchete n’ *A Bola*, não se terem vindo a confirmar, não quer dizer que o jornal tenha, simplesmente, atirado nomes para o ar, até porque, muitas das vezes, foram colocadas fontes em discurso directo a confirmar “negociações”, ou “conversas”, o que pode sugerir que as negociações depois falharam. Contudo, não deixa de ser verdade que o jornal, para dar uma informação mais precisa aos seus leitores, talvez devesse

⁴⁵² Os jogadores foram: Ricardo Quaresma, Manuel Fernandes, Tiago, Duda, Domagoj Vida, Diego Souza, Petrovic, Maniche, Evaldo, Nilson, Torsiglieri, Valdés, Giovanni dos Santos, Pavlyuchenko, Zapater, e Jardel.

⁴⁵³ *A Bola*, 26 de Janeiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Sporting volta à carga pelo médio”.

⁴⁵⁴ *A Bola*, 28 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Costinha esteve em Zagreb a observar Domagoj Vida”.

⁴⁵⁵ *A Bola*, 20 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Só faltam as garantias bancárias”, e os subtítulos: “Sporting deverá pagar 3 milhões ao Partizan”, e “Jogador assinará contrato de três épocas”.

⁴⁵⁶ Os cinco jogadores que surgiram em manchetes do jornal *A Bola*, com possibilidades de reforçar a equipa do Sporting, e que se vieram a confirmar foram: Maniche, Evaldo, Torsigliéri, Valdés e Zapater.

⁴⁵⁷ Os jogadores que fizeram manchete no jornal *A Bola*, como possíveis reforços do Benfica foram: Gaitán, Marco Amelia, Roberto, Leto, Jara, Rodrigo, Wesley, Maylson, Salvio, Hleb, Enzo Perez, Jucilei, Kléber, José Luis Fernandez e Dedé.

⁴⁵⁸ Jogadores que surgiram na manchete do jornal *A Bola*, como possíveis reforços do Benfica, e que se confirmaram, como tal foram: Gaitán, Roberto, Jara, Rodrigo, Salvio, Enzo Perez, e José Luis Fernandez.

⁴⁵⁹ *A Bola*, 8 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Guarda-redes internacional italiano”, e os subtítulos: “Está definida a grande prioridade dos encarnados para a baliza”, “Joga no Génova tem 28 anos e foi campeão do Mundo em 2006”, “Pode chegar à Luz a custo zero”.

⁴⁶⁰ *A Bola*, 10 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Benfica com esperança de fechar negócio até à próxima semana”.

⁴⁶¹ *A Bola*, 28 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Benfica tem negócio quase fechado”.

⁴⁶² *A Bola*, 1 de Fevereiro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Kléber chegou, viu e não assinou...”, e o subtítulo: “Ponta-de-lança brasileiro fez exigências de última hora que o FC Porto não aceitou”.

rever um pouco esta questão. Esta minha opinião vem no seguimento do que foi dito pelo director do jornal, na citação com que iniciei a análise desta temática no jornal.

O gráfico seguinte é relativo à divisão das notícias sobre o mercado de transferências pelos clubes representados na manchete com esse tema:

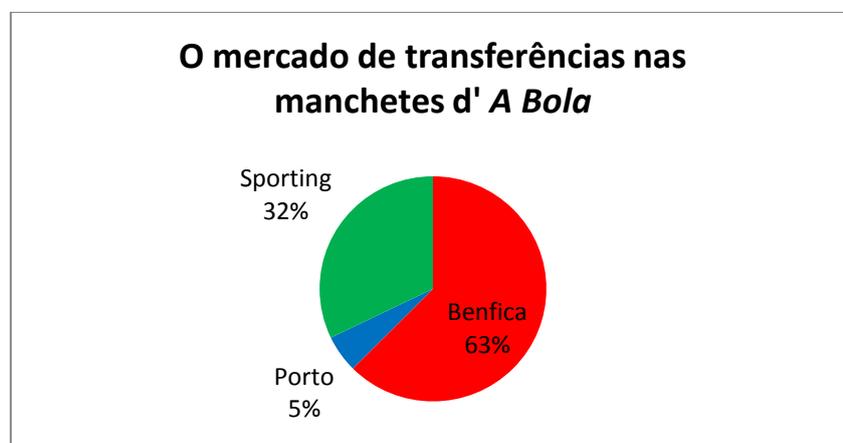


Gráfico 10

O mercado de transferências nas manchetes do jornal *Record*:

O jornal *Record* foi o que dedicou maior número de manchetes ao tema do mercado, num total de 94 edições, entre entradas e saídas de jogadores e treinadores. No seguimento desse dado, foi também, o jornal que lançou mais nomes de jogadores, que poderiam, segundo o mesmo, vir a reforçar equipas nacionais.

O clube que viu mais jogadores serem-lhe associados foi o Benfica, num total de 25 nomes⁴⁶³ de possíveis reforços. Desses, apenas seis⁴⁶⁴ se vieram a confirmar. Da lista de jogadores que surgiram na manchete do jornal *Record*, e que não se vieram a confirmar como reforços do Benfica, há dois casos particulares. Garay, actualmente é jogador do clube, porém, isso apenas aconteceu cerca de um ano depois da notícia do jornal.

Para além da questão do tempo que passou entre as manchetes, e a efectivação da transferência, a forma como o jogador chegou ao clube, não foi aquela que foi referida no jornal. Se não, vejamos. A manchete “Benfica aceita Garay”⁴⁶⁵ surgiu com o antetítulo: “Real Madrid quer incluí-lo no negócio Di Maria”⁴⁶⁶. Este dado, não se veio a verificar, pois na transferência do jogador Di Maria, para o clube espanhol Real Madrid, não houve jogadores envolvidos.

O outro caso particular está relacionado com o jogador Funes Mori, que segundo se leu na manchete do jornal: “ «Gostava muito de jogar com Aimar e

⁴⁶³ Os jogadores que surgiram nas manchetes do jornal como possíveis reforços do Benfica foram: Jara, Job, Romero, De Gea, Eduardo, Huntelaar, Simão, Garay, Roberto, Tardelli, Rodrigo, James Rodriguez, Ben Arfa, Fernandinho, Alípio, Traoré, Wendel, Maylson, Reyes, Targino, Bruno Teles, Funes Mori, Elias, Danny e José Luis Fernandez.

⁴⁶⁴ Os jogadores que surgiram nas manchetes do jornal como possíveis reforços do Benfica, e que depois se confirmaram foram: Jara, Roberto, Rodrigo, Alípio, Salvio e José Luis Fernandez.

⁴⁶⁵ *Record*, 3 de Junho de 2010, p.1.

⁴⁶⁶ *Ibidem*

Saviola»⁴⁶⁷, que surgiu com o antetítulo: “Funes Mori assume admiração pelo Benfica”⁴⁶⁸, numa altura em que foi noticiado o interesse do clube no jogador. Este foi o único caso, em que o jornal, mais tarde, veio a desvendar o seu final, numa outra manchete em que noticiou: “Benfica desiste de Funes Mori”⁴⁶⁹.

O Sporting foi o segundo clube mais representado neste tipo de manchetes, e viu serem-lhe associados 23 jogadores⁴⁷⁰, que muitas vezes resultaram em manchetes que não foram confirmadas, como, por exemplo: “Larsson na mira do Leão”⁴⁷¹, “Sporting avança para Drenthe”⁴⁷², ou “Sporting ataca Nilson e Nuno Assis”⁴⁷³. Dos 23 nomes lançados pelo jornal, apenas nove se vieram a confirmar⁴⁷⁴.

No que diz respeito a transferências de treinadores, das manchetes que o jornal dedicou a esse tema, apenas não se confirmou a seguinte: “Villas-Boas vai ser o treinador do Sporting”⁴⁷⁵.

Relativamente a saídas de jogadores, também não se verificaram todas as que foram perspectivadas pelo jornal, em manchetes, como: “Vukcevic sai do Sporting”⁴⁷⁶, ou “Martins pode sair em Janeiro”⁴⁷⁷.

Já em relação ao F.C. Porto, as duas manchetes relacionadas com o mercado de transferências que lhe são dedicadas, confirmar-se-iam.

Mais uma vez, o facto de haver inúmeras manchetes com informações que depois, por uma razão, ou outra, acabam por não se confirmar, não permite que se diga com toda a certeza que o jornal o faz propositadamente, e que lança nomes sem qualquer tipo de confirmação por parte de fontes.

Contudo, na minha opinião o tipo de títulos utilizado pelo jornal *Record*, no tratamento deste tipo de informação, é um pouco criticável, do ponto de vista informativo. Atentemos nas seguintes manchetes, “Mc Gregor na lista do

⁴⁶⁷ *Record*, 21 de Novembro de 2010, p.1.

⁴⁶⁸ *Ibidem*

⁴⁶⁹ *Record*, 29 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Vieira recusa entrar em loucuras”.

⁴⁷⁰ Os jogadores que foram associados ao Sporting nas manchetes do *Record* foram: Pedro Mendes, Sílvio, Nilson, Nuno Assis, Alan, Maniche, Petrovic, Hugo Viana, Chicão, Evaldo, Larsson, Mc. Gregor, Valdés, Torsigliéri, Salomão, Fábio Aurélio, Drenthe, Manuel Fernandes, Zapater, Corradi, Tales, Hildbrand e Hugo Almeida.

⁴⁷¹ *Record*, 4 de Junho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Internacional sueco custa 1 milhão de euros”.

⁴⁷² *Record*, 9 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Esquerdino do Real Madrid é o novo alvo dos leões”

⁴⁷³ *Record*, 1 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Paulo Sérgio quer continuar a contar com o guarda-redes e o médio”.

⁴⁷⁴ Os jogadores que foram associados ao Sporting nas manchetes do *Record*, e que se confirmaram como reforços foram: Pedro Mendes, Maniche, Evaldo, Valdés, Torsigliéri, Salomão, Zapater, Tales, Hildbrand.

⁴⁷⁵ *Record*, 6 de Março de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Bettencourt já tem sucessor para Carvalhal”, e o subtítulo: “Leões antecipam-se ao FC Porto com contrato por objectivos”.

⁴⁷⁶ *Record*, 16 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Montenegrino sem espaço em Alvalade”.

⁴⁷⁷ *Record*, 23 de Dezembro de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Opções de Jesus desagradam ao médio”, e os subtítulos: “Jogador não é considerado imprescindível na Luz”, e “Tottenham é um dos interessados”.

leão”⁴⁷⁸, “Fábio Aurélio na mira do leão”⁴⁷⁹, “Benfica vira-se para Fernandinho”⁴⁸⁰. Este tipo de manchete é muito pouco informativa, isto é, há que definir o que é “ser alvo”, “estar na mira”, ou “virar-se para...”, sob pena de não ser perceptível o que é especulação, ou o que se baseia em dados concretos. No fundo o que o jornal faz é jogar “ao ataque”, no que diz respeito ao avançar de nomes, não deixando, contudo de se defender, porque não pode ser atacado por estar a dar informações falsas. No fundo o jornal não está a dar informações, apenas está a dar conta de “um possível interesse” que é pouco palpável, logo, difícil de aferir a veracidade, ou as possíveis fontes, aproximando-se, neste caso, da especulação.

Em seguida apresenta-se um gráfico onde é possível verificar a percentagem de cada clube, no que diz respeito às manchetes sobre este tema, no jornal *Record*:

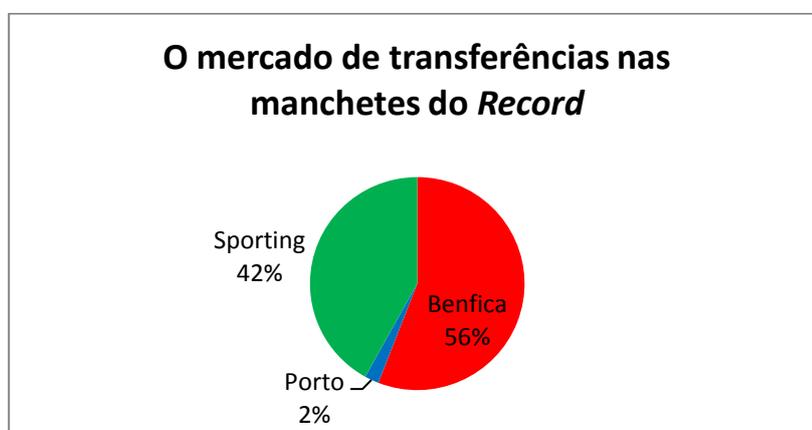


Gráfico 11

O mercado de transferências nas manchetes do jornal *O Jogo*:

O jornal *O Jogo* é aquele que menos destaque dá ao mercado de transferências, tendo feito, no período em análise, apenas 35 manchetes sobre o tema. É, também, o único que não teve exemplos de manchetes relativas a transferências, todos os meses do ano de 2010 – em Fevereiro e em Dezembro não há exemplos. Não deixa, contudo, de ser passível de uma análise curiosa.

Este jornal, das 35 manchetes em que destaca temas relacionados com o mercado de transferências, 30 são relativas ao F.C. Porto. E sobre este clube, dos 11 nomes divulgados pelo jornal, apenas um não se veio a confirmar, pelo que é público que o negócio esteve quase fechado, contudo, o jogador, optou por não assinar o contrato.

⁴⁷⁸ *Record*, 14 de Junho de 2010, p.1.

⁴⁷⁹ *Record*, 6 de Julho de 2010, p.1.

⁴⁸⁰ *Record*, 10 de Agosto de 2010, p.1.

No fundo o que acontece é que este jornal joga muito à defesa. Contrariamente ao que acontece com os outros jornais, *O Jogo*, não lança muitos nomes de jogadores sem estarem confirmados. Mesmo na manchete que dedicou ao futebolista Kléber, o tal que não se confirmou a transferência, o jornal “jogou” de uma forma defensiva, fazendo a seguinte manchete: “Kléber gladiador para o Dragão”⁴⁸¹, informando, depois no antetítulo: “Avançado do Cruzeiro está a ser ‘fechado’ em Belo Horizonte”. De facto, as negociações aconteceram, e o jogador deslocou-se, depois, ao Porto para assinar contrato, como foi tornado público. Logo, o jornal não errou, nem mesmo na manchete em que não acertou.

Este facto pode ter duas leituras: ou o jornal tem editorialmente decidido que apenas dá informações relativas a transferências quando tem a certeza de que o negócio vai, de facto, realizar-se; ou então o jornal mostra aqui, mais uma vez, uma óptima relação com o F.C. Porto, que lhe permite saber dos negócios que o clube efectua, sem margem de erro, não dando, por isso, azo a especulações.

Mas se atentarmos nas manchetes sobre mercado, que não são relativas ao F.C. Porto percebemos que, por duas vezes, o jornal não segue a mesma política. Ou seja, as manchetes: “Sporting aponta a Aguiar”⁴⁸² e “Veloso facilita Drenthe”⁴⁸³, enquadram-se melhor no tipo de política adoptada pelos outros dois diários, do que aquela que, tendo em conta o que se verifica em relação ao F.C. Porto, seria de esperar d’ *O Jogo*.

Relativamente às restantes três manchetes destaque para a única, no universo de análise dos três jornais, que não é relativa aos chamados “três grandes”: “Manchester compra Bebé ao Guimarães por 10 milhões”⁴⁸⁴. De referir, ainda, que o Benfica, clube mais representado neste tipo de notícias nos outros dois periódicos, neste apenas surge na manchete: “Real ataca Di Maria”⁴⁸⁵.

Para possibilitar uma melhor compreensão sobre a distribuição, pelos clubes, de notícias relativas ao mercado de transferências, apresenta-se um gráfico com os dados até aqui apontados:

⁴⁸¹ *O Jogo*, 29 de Janeiro de 2010, p.1.

⁴⁸² *O Jogo*, 27 de Abril de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Passe pertence ao Dínamo de Moscovo e licitação começa nos três milhões”.

⁴⁸³ *O Jogo*, 10 de Julho de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Interesse de Mourinho no português pode viabilizar empréstimo do holandês”.

⁴⁸⁴ *O Jogo*, 12 de Agosto de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Real Madrid também o queria e há três meses jogava na II Divisão”.

⁴⁸⁵ *O Jogo*, 5 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Negócio não está fechado mas pode fazer-se por 34 milhões”.

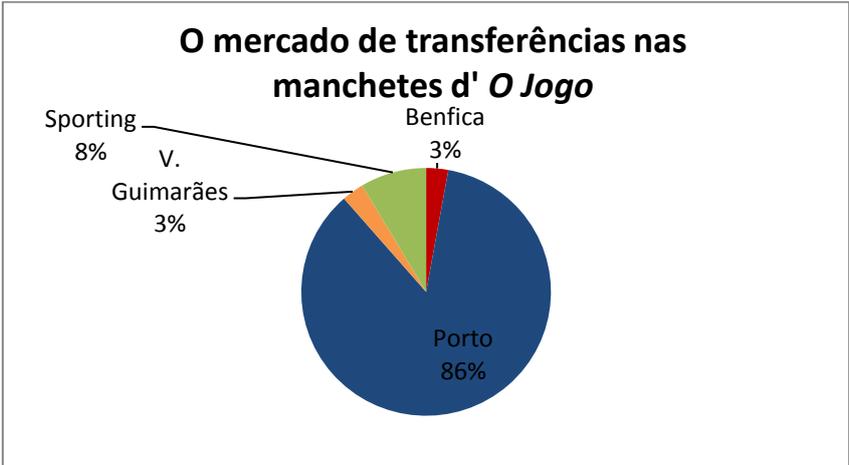


Gráfico 12

Chamadas de capa nos jornais desportivos

Depois de feita a análise às manchetes dos três diários desportivos podemos concluir que os “três grandes” dominam, de forma muito clara, o destaque maior da capa de um jornal. E como será em relação às chamadas de capa? Haverá espaço na primeira página para outros clubes? Quais serão os temas que, não merecendo da parte do jornal o destaque principal, ainda assim, ficam na montra, que é a capa? O futebol continuará a merecer todos os destaques, ou outras modalidades serão chamadas para fazer parte daquilo a que se chama jornal desportivo?

São estas, algumas das perguntas que espero conseguir responder com a análise que se segue.

Chamadas de capa no jornal *A Bola*

No jornal *A Bola*, ao longo das 363 edições do ano 2010, identifiquei 3404 chamadas de capa, o que dá uma média de cerca de 9 chamadas por edição.

O futebol domina, igualmente, este aspecto de forma destacada. E mais uma vez se repete, também, a prevalência de notícias sobre os “três grandes”, que entre si contabilizam mais de 55% das chamadas de capa do jornal, ao longo do período em análise. A diferença, neste aspecto, relativamente ao que acontece nas manchetes, é que o clube mais representado nas chamadas é o Sporting (689), e não o Benfica (679). A diferença é muito pequena, ainda assim, este é o primeiro aspecto no jornal em causa, que o Benfica não domina. Já o F.C. Porto (539) mantém a sua terceira posição.

O facto de o ano de 2010 ter sido um período de grande fulgor, e de grande sucesso, por parte do Sp. Braga levou a que, na minha análise tudo o que se refere a este clube tenha sido analisado da mesma forma, que analisei os “três grandes”. Esta opção não foi tomada apenas com base na minha opinião, mas também no facto de os jornais desportivos dedicarem uma muito maior atenção a este clube, do que aos outros, excluindo, obviamente, os três já referidos. Assim, o Sp. Braga (200) foi a terceira entidade com maior número de chamadas de capa neste jornal.

Só depois deste clube surge a selecção nacional (179) que, ainda assim, se tivermos em conta que não está reunida durante todo o ano, mas apenas em alguns períodos, podemos afirmar que foi alvo de uma análise bastante exaustiva.

O item que se segue, no número de chamadas que mereceu, é o que defini como “pessoa individual” (172). Contudo, nesta categoria, como foi explicado na metodologia, não estão incluídas, ao contrário do que sucede nas manchetes, as chamadas de capa em que foram feitas “personalizações” de figuras ligadas aos clubes portugueses. Ou seja, aqui prevalece o que já foi definido neste trabalho como a notoriedade pessoal. Mas passo, em seguida, a

demonstrar quais as personalidades que mais vezes surgiram em chamadas de capa do jornal, pois penso que tornará mais fácil a compreensão.

Ao todo, foram 40 as personalidades que surgiram nesta categoria. A grande maioria delas, apenas surgiu uma vez. Depois, no pólo contrário surgem duas individualidades que em conjunto representam mais de 60% destas chamadas: José Mourinho (68) e Cristiano Ronaldo (36). Depois destas figuras incontornáveis do futebol português, as pessoas que surgiram mais vezes em chamadas de capa foram Carlos Queiroz (8 chamadas, depois de ter abandonado o cargo de seleccionador nacional), Simão (5) e Nani (5).

As figuras do futebol português a actuar no estrangeiro, por uma questão de “proximidade” em termos culturais, foram as pessoas que mais vezes surgiram neste “espaço”, o que se justifica pelo interesse que os portugueses têm, em saber mais sobre quem, no estrangeiro, eleva o seu nome, e também o do país.

Logo depois surge um item curioso. O tema Mundial 2010 (125), para além de surgir em grande destaque, no número de chamadas de capa, sobretudo tendo em conta que é um evento com uma duração inferior a um mês, foi o tema com maior número de chamadas de capa num só mês (101). Isto deve-se ao facto de o jornal *A Bola* ter feito a cobertura total do evento, anunciando todos os jogos que se realizavam cada dia, e divulgando os resultados no dia seguinte.

Só depois de todos estes temas surge o conjunto das equipas que não foram alvo de uma análise mais pormenorizada, “os outros clubes”. No total, estas equipas surgiram 109 vezes. O jornal deu, pelo menos uma chamada de capa a cada uma das 18 equipas que disputaram o principal campeonato de futebol português, trazendo, ainda, à primeira página dois clubes que, não tendo disputado o principal escalão do futebol, se destacaram por outros motivos. Em seguida fica um gráfico que mostra todas estas equipas que tiveram direito a chamadas de capa, bem como o número de vezes que isso aconteceu:

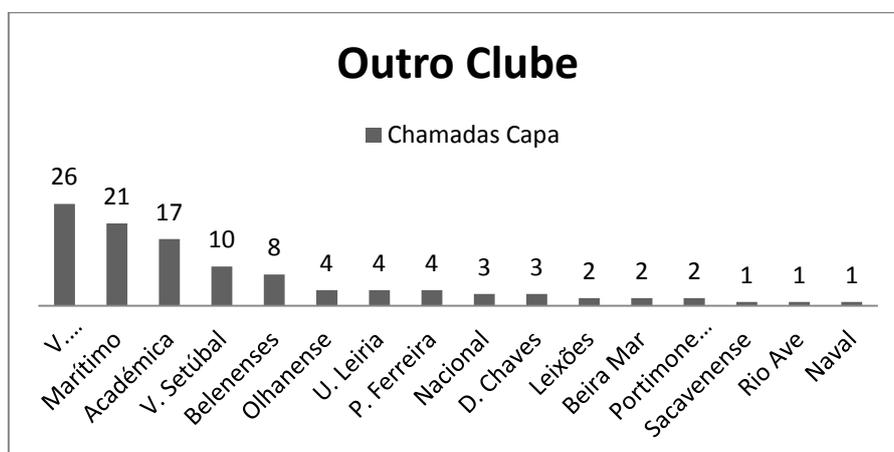


Gráfico 13

Nesta contagem não estão incluídas chamadas de capa que podendo incluir alguns destes clubes, surgiram apenas na forma de resultado, sem nenhuma consideração sobre o jogo, por exemplo, “Académica 1-0 U. Leiria”. Esta situação, de apenas constar o resultado ocorreu 98 vezes ao longo do ano de 2010.

Nestes espaços na primeira página também houve lugar a considerações à arbitragem, tema sempre polémico. Contudo, o jornal não o fez muito recorrentemente, pelo que, apenas surgiram 10 exemplos dessa situação.

No que diz respeito às modalidades, estas voltaram a merecer muito pouca atenção por parte do jornal, só figurando em 49 chamadas de capa, ao longo de todo o ano. A estas devem ser acrescentadas mais 15, referentes a provas que são, por norma, seguidas com interesse por parte do público em Portugal, e que por isso têm o seu nome implantado, digamos assim, como são o Estoril Open (4), a Volta a Portugal (8), a Volta a França (2) e o Dakar (1).

O gráfico que se segue é referente à representação das modalidades nas chamadas de capa:

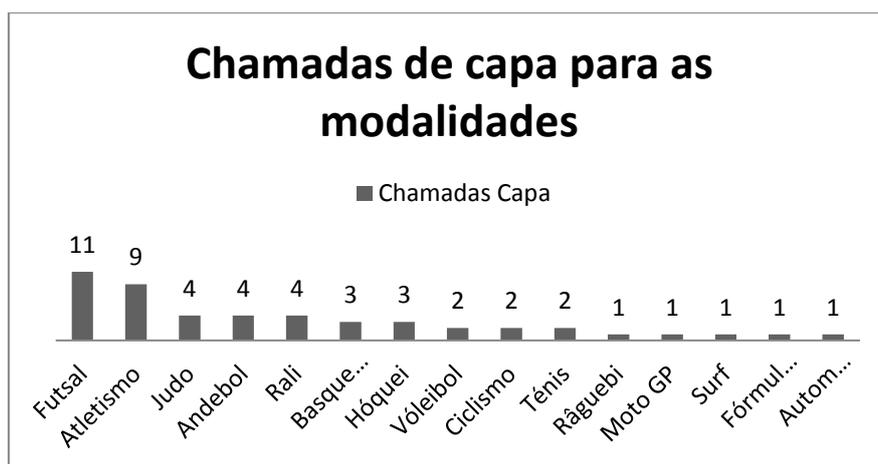


Gráfico 14

Géneros jornalísticos nas chamadas de capa do jornal *A Bola*

Nas manchetes do jornal, para além da entrevista, não se descortinaram outros géneros jornalísticos. Já no que diz respeito às chamadas de capa, a situação é ligeiramente diferente.

O género que surgiu com maior frequência foi a opinião (244), que depois dos “três grandes” foi o item que surgiu em maior número de chamadas de capa. Este facto fica a dever-se às inúmeras colunas semanais de opinião, que o jornal tem e que, por norma, são anunciadas na capa, com uma citação do colunista. As opiniões que mais vezes foram anunciadas na capa do jornal foram a de Leonor Pinhão (52), Eduardo Barroso (49), Rui Moreira (48), Miguel Sousa Tavares (47), e Ernesto Ferreira da Silva (36).

Estes colunistas são declarados adeptos de um dos “três grandes”. E no jornal, por norma, aproveitam a sua coluna de opinião para defender, e enaltecer os feitos do clube que apoiam, emitindo, muitas vezes, opiniões contra os clubes rivais. Na minha opinião esta opção do jornal, em trazer citações dos colunistas para a capa tem vários propósitos. Desde logo, todos são figuras conhecidas, logo, emprestam algum do seu protagonismo ao jornal. Depois servem para chamar a atenção dos leitores, uma vez que, inúmeras vezes os temas debatidos pelos colunistas transitam de uma semana para a outra, e isso mantém os leitores ligados, como se, se tratasse de uma novela. E chamam a atenção não só dos adeptos dos clubes que os colunistas apoiam, mas também dos simpatizantes dos outros clubes. Os primeiros, obviamente, por se poderem reverem na opinião do colunista. Dos segundos, por uma questão de ser contra a sua opinião, logo, dar a possibilidade de “embirrar”, ou seja, discordar.

Contudo, há ainda mais uma razão, que quanto a mim, pode levar o jornal a tomar esta opção. Trata-se do facto de, ao ter colunistas dos três clubes o jornal mostra-se equilibrado, no que à opinião diz respeito. Já vimos que no que respeita a visibilidade que dá a cada clube isso não acontece. Contudo, assim o jornal mostra um certo ecletismo, neste aspecto que é a opinião.

Fora desta contagem ficaram as colunas de opinião dos humoristas Ricardo Araújo Pereira e José Diogo Quintela, “Chama Imensa” (36) e “A minha fé” (36), respectivamente. Estas, por terem um cariz mais humorístico, e serem como que uma rubrica do jornal, com direito a título próprio, foram contadas à parte.

Depois da opinião, o género que maior destaque teve nas chamadas de capa do jornal foi a entrevista (31). Maioritariamente, os entrevistados foram pessoas ligadas ao futebol, contudo também houve entrevistas a figuras fora do desporto, como, Artur Santos Silva, ex-secretário de Estado do Tesouro, Tony Carreira, músico, ou Carlos do Carmo, fadista. De outras modalidades que não o futebol, apenas o campeão olímpico do triplo salto, Néilson Évora, e o recordista de vitórias da Volta a Portugal em Bicicleta, David Blanco, figuraram entre os entrevistados.

De resto, apenas notei mais um género jornalístico na capa do jornal. Uma investigação com o título: “Falsos contratos para a Nigéria enganam treinadores portugueses”⁴⁸⁶.

Chamadas de capa no jornal *Record*

Ao longo de 2010 identifiquei, no jornal *Record*, 3759 chamadas de capa, o que dá uma média ligeiramente superior a 10 chamadas por edição. Ao contrário do que acontece com o jornal *A Bola*, as chamadas de capa relativas

⁴⁸⁶ *A Bola*, 2 de Março de 2010, p.1.

aos “três grandes”, neste jornal, não chegam a 50% do número total, apesar de andarem muito próximo.

O que também difere do outro jornal já analisado é que, aqui, o Benfica e o Sporting mantêm as posições daquilo que acontece nas manchetes. Ou seja o Benfica (689) é o clube com mais chamadas de capa, e o Sporting (669) o segundo. Também o F.C. Porto (497) mantém o terceiro lugar.

O Sp. Braga surgiu em 245 chamadas de capa, precisamente o mesmo número alcançado com a soma de todos os restantes 18 clubes que figuraram na capa. O jornal *Record*, apesar de no total dar destaque a mais dois clubes do que o jornal *A Bola*, a verdade é que deixou de fora uma das equipas que competiu durante o ano de 2010, no principal escalão do futebol português, o F.C. Paços de Ferreira. Já o tema da arbitragem (15), apesar de surgir com maior frequência, do que aquilo que acontece no jornal *A Bola*, ainda assim, fica bem longe do que se verifica n’ *O Jogo*, como veremos mais adiante, nesta análise.

No próximo gráfico constam as equipas que figuraram na capa, e o número de vezes que isso aconteceu. Mais uma vez, ficam de fora as chamadas de capa em que apenas constavam resultados (150), que subiu consideravelmente, quando comparado com o anterior jornal.

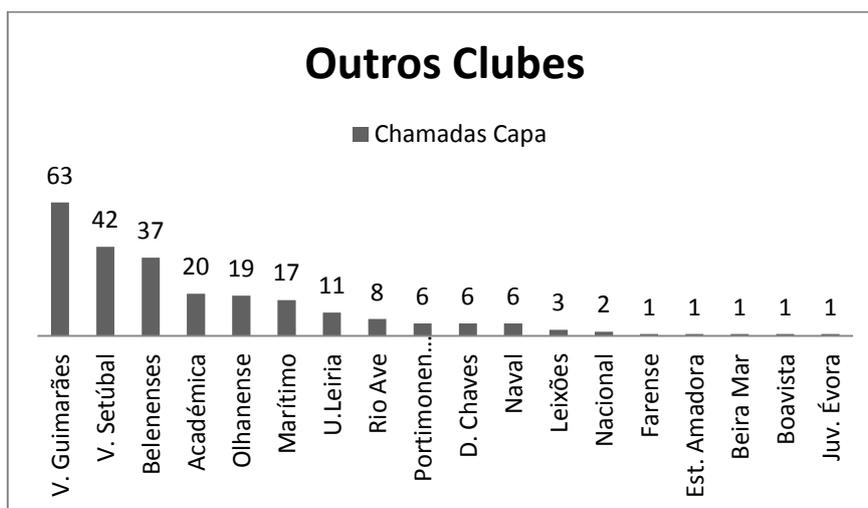


Gráfico 15

Contudo, à frente destes clubes, em termos de número de chamadas de capa, aparece a categoria “pessoa individual” (380). Aqui estabelece-se uma grande diferença para com o jornal anteriormente analisado. No caso do *Record* foram 102 as pessoas incluídas nesta categoria. O que se repete é o tipo de personalidades, sobretudo futebolistas, ou outras pessoas ligadas a esse desporto. José Mourinho (114) e Cristiano Ronaldo (68) voltam a destacar-se de todos os outros. Depois, Nani (16), Carlos Queiroz (14) e Simão (12) são as personalidades que surgiram mais vezes, seguidas da primeira

figura internacional nesta contagem, Messi (9), e com o mesmo número de chamadas de capa, o treinador português Jesualdo Ferreira.

Ainda em temas ligados ao futebol, a selecção nacional surgiu em 153 chamadas de capa, o Mundial 2010 (68), diminuiu o número de manchetes relativamente ao jornal anteriormente analisado, enquanto o número de manchetes dedicadas ao futebol internacional (66), aumentou.

As chamadas de capa relativas às modalidades (75) também aumentaram, de forma significativa, tal como o acompanhamento às competições de prestígio nacional, ou internacional, como: Estoril Open (11), Volta a Portugal (9), Volta a França (11) e Dakar (4).

Para perceber melhor a atenção dada pelo jornal às modalidades, atente-se no seguinte gráfico:

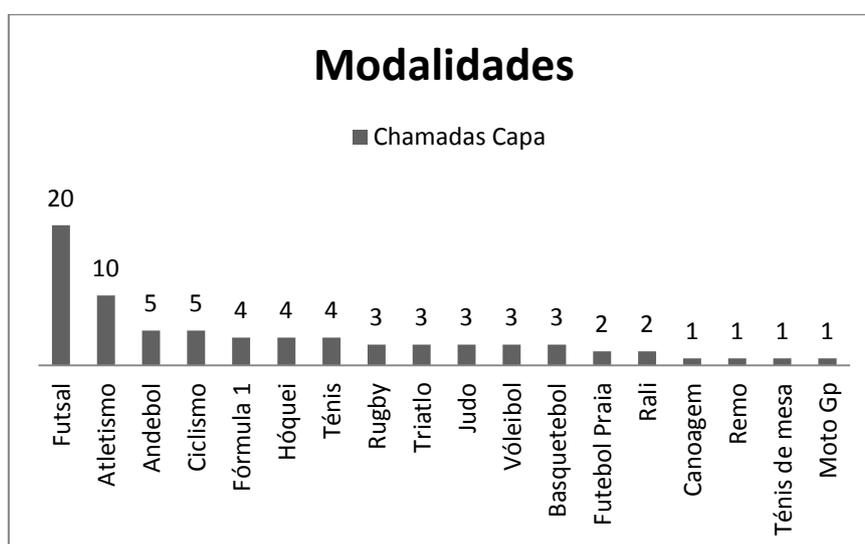


Gráfico 16

Géneros jornalísticos nas chamadas de capa do jornal *Record*

Em termos de géneros jornalísticos, o género privilegiado para figurar nas chamadas de capa voltou a ser a opinião (211). O jornal teve 12 colunistas que foram repetindo as participações ao longo do ano, e quatro (Eusébio, Carlos Daniel, Franz Beckenbauer e António Oliveira) que apenas por uma vez – enquanto se disputava o campeonato do mundo de futebol – escreveram a sua opinião no jornal, ou pelo menos, apenas por uma vez tiveram direito a uma chamada de capa.

De resto os colunistas que tiveram direito a um maior número de destaques na capa foram Octávio Ribeiro (33), José A. Saraiva (32), Daniel Oliveira (31), Miguel Góis, e Domingos Amaral, ambos com 29.

Repetindo o que já aconteceu com o jornal *A Bola*, o segundo género com maior número de aparições na capa do jornal foi a entrevista (51). Este género, mais uma vez foi utilizado para dar a palavra, sobretudo, a figuras ligadas ao futebol, contudo, a Basquetebolista portuguesa Ticha Penicheiro, o motociclista espanhol Jorge Lorenzo, o jogador de futsal Ricardinho, bem como

o treinador da mesma modalidade, Orlando Duarte, também surgiram como entrevistados do jornal.

Para além disso, destaque para o número de presidentes de clubes chamados “pequenos”, que foram entrevistados: Carlos Pereira (Marítimo), João Almeida (Belenenses), Fernando Rocha (Portimonense), Rui Alves (Nacional), Fernando Oliveira (V. Setúbal) e Emílio Macedo (V. Guimarães), bem como Pinto Brasil, candidato à presidência do V. Guimarães, e Pimenta Machado, ex-presidente do clube vimaranense, e ainda António Regala vice-presidente do Beira Mar.

Para além da opinião e da entrevista, apenas encontrei referência a mais um género jornalístico: a reportagem (2). No dia 20 de Maio surgiu uma reportagem sobre o futebolista Óscar Cardozo, onde se lia: “Paraguaio festeja o 27º aniversário com o *Record*”⁴⁸⁷. Já em Novembro, e novamente com o separador de “reportagem” surgiu o título “Pais obrigados a pagar para libertar filhos”⁴⁸⁸, uma reportagem sobre “Desporto juvenil”.

Chamadas de capa no jornal *O Jogo*

O jornal *O Jogo* é aquele que teve o maior número de chamadas de capa, durante o período em análise, num total de 4308, o que equivale a uma média de quase 12 chamadas por capa. Para além disso, no mesmo período, este jornal teve quase mais 1000 (!) chamadas de capa do que *A Bola*, e mais de 500 de diferença para o *Record*. Ou seja, o jornal *O Jogo* tenta dar mais informação logo na capa, mostrando uma maior diversidade de temas, ficando, assim, com maior probabilidade de agarrar um leque mais vasto de leitores.

Mas isto também tem inconvenientes. Informação a mais na capa, por vezes torna-a mais confusa. O facto de este jornal não ter uma organização tão definida como os seus concorrentes, no que diz respeito à capa, pode fazer com que ela não facilite a obtenção de informação. A verdade é que este jornal para ter mais informação na capa, torna os destaques mais pequenos, logo, as letras também diminuem de tamanho, e o que às vezes pode ser uma vantagem, noutras torna-se uma desvantagem. Na análise deste jornal, o facto de este ter um maior número de chamadas de capa do que os seus concorrentes, estará sempre presente, contudo, não influenciará a minha análise, que será, à semelhança do que aconteceu nos outros dois periódicos, sobretudo, quantitativa.

Deixando de parte esta questão mais organizacional, passemos à análise das chamadas de capa. Como não podia deixar de ser, o futebol volta a assumir a principal fatia destes destaques. À semelhança do que acontece no jornal *Record*, as chamadas de capa dos “três grandes” (Benfica 761, Sporting 671 e F.C. Porto 691) correspondem a pouco mais de 49%, contudo, se lhes

⁴⁸⁷ *Record*, 20 de Maio de 2010, p.1.

⁴⁸⁸ *Record*, 13 de Novembro de 2010, p.1.

acrescentarmos os destaques do Braga (438) já obtemos mais de 59% por cento do total.

Neste jornal, os outros clubes (395) tiveram uma representatividade bastante assinalável, principalmente, se tivermos em conta o que acontece nos outros diários. Foram 19 os clubes com, pelo menos, um destaque na primeira página, ao longo do ano 2010. Neste lote estão incluídas as 18 equipas que disputaram o principal campeonato de futebol português, sendo que, as que têm o menor número de chamadas, ainda, assim, foram colocadas seis vezes na capa do jornal. A título de curiosidade, referir ainda que, só as chamadas de capa relativas ao V. Guimarães (199), o clube mais representado nesta categoria, é superior ao total de chamadas de capa para outros clubes, no jornal *A Bola*. Já os destaques de capa em que apenas constam resultados (104), logo, que têm um baixo nível de informação, situa-se entre o que sucede nos outros dois periódicos.

Para tornar mais clara a compreensão das equipas que figuraram na capa, bem como o número de vezes que tal aconteceu, podemos observar o gráfico seguinte:

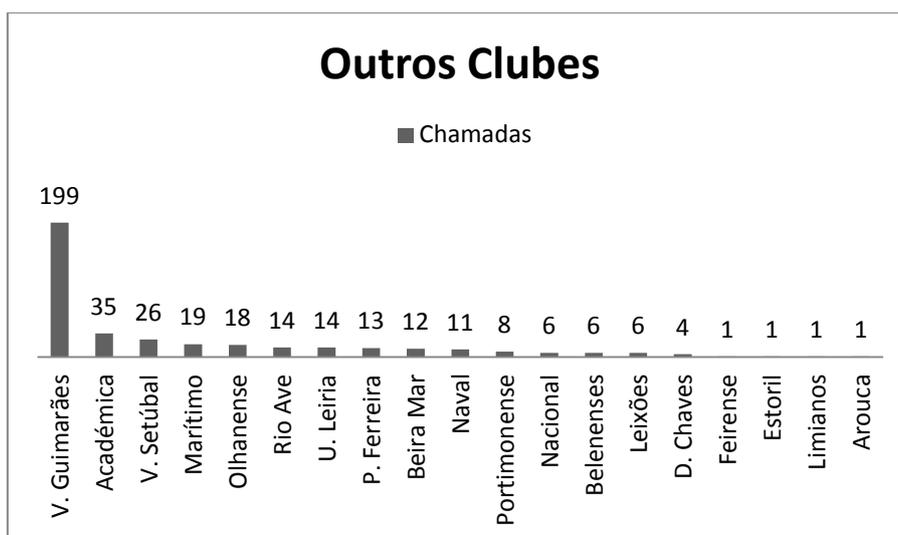


Gráfico 17

Em seguida surge o que defini como pessoa individual (314), com muito maior representatividade do que acontece n' *A Bola*, ainda assim, não chegando aos números apresentados no *Record*. De resto, no que diz respeito, às figuras que surgem nesta categoria, mantém-se a predominância do treinador José Mourinho (111), e do futebolista Cristiano Ronaldo (53), que juntos, representam mais de 52% deste tipo de chamada de capa. Também Carlos Queiroz (14) mantém grande presença nesta contagem, sendo a terceira figura com mais presenças. A grande surpresa, no meu entender, é a quarta figura com mais chamadas de capa no jornal, o golfista norte-americano Tiger Woods (7).

Em seguida, com números mais modestos, ainda assim, com maior presença do que nos outros dois jornais, surge a selecção nacional (186). O Mundial de futebol (50) é que tem menor presença neste jornal do que nos anteriores.

Este foi o jornal que maior destaque deu à arbitragem (28) nas chamadas de capa. Para além das referidas chamadas, há que acrescentar ainda uma rubrica, que consiste na análise de especialistas de arbitragem, que fazem a observação de lances polémicos, principalmente nos jogos que envolvem as equipas mais cotadas. Esta rubrica, com lugar frequente na capa do jornal chama-se “Tribunal O Jogo”, e teve direito a surgir 21 vezes na capa do jornal. Somados estes dois números, vemos que a arbitragem teve, neste jornal mais do triplo da atenção que mereceu no *Record*, e quase cinco vezes mais do que aquilo que sucedeu n’ *A Bola*.

Outra rubrica que, por norma, surgiu associada aos jogos das equipas mais bem cotadas do campeonato foi a “Análise JVP” (55), que consiste na leitura dos jogos feita pelo ex-internacional português João Vieira Pinto. De notar ainda, que neste jornal, surgiu por duas vezes na capa uma chamada relativa aos campeonatos não profissionais, de futebol.

Mas no que não diz respeito ao futebol, o jornal *O Jogo* também se destacou dos demais, no número de chamadas de capa que dedicou às outras modalidades (176), bem como ao número de modalidades (22) a que deu atenção na sua capa. À semelhança do que acontece nos restantes jornais, este número não contabiliza os destaques dados às grandes competições, como: Volta Portugal (15,) Estoril Open (7), Dakar (7), Red Bull Air Race (3), e Volta a França (2). De notar ainda, mais uma curiosidade: o golfe (15), modalidade que nos outros jornais não merece qualquer chamada de capa, neste surge, juntamente com o basquetebol, no terceiro lugar das modalidades com mais chamadas de capa. Para verificar estes dados, pode ser consultado o gráfico que se segue:

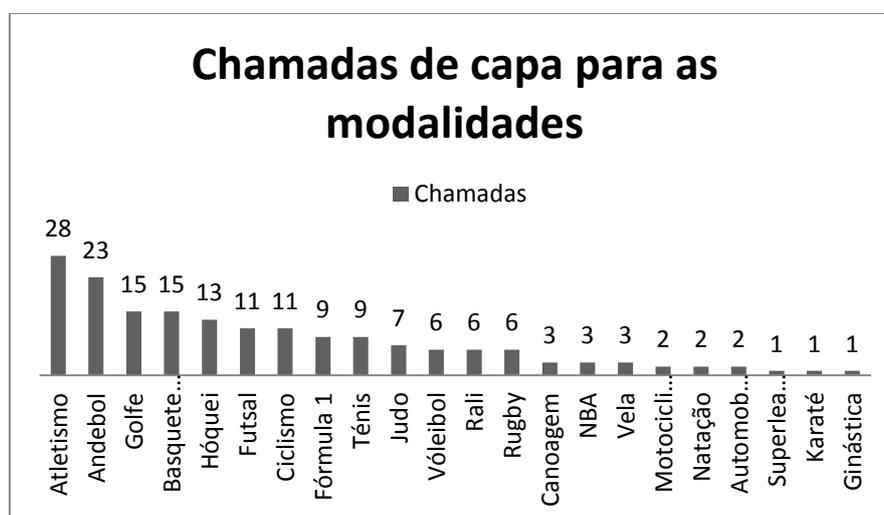


Gráfico 18

Géneros jornalísticos nas chamadas de capa do jornal *O Jogo*

Aqui está mais um aspecto em que este jornal se revelou mais completo do que os seus concorrentes. Apesar de não trazer na capa nenhum destaque para colunas de opinião, que nos concorrentes é o género que tem maior presença, a variedade de géneros é maior do que acontece nos restantes jornais.

Neste, o género que surgiu com maior frequência nas chamadas de capa foi a entrevista (39). O ponto em comum com os outros jornais está relacionado com o tipo de entrevistados, que são, sobretudo, figuras ligadas ao futebol. A destoar dessa realidade temos, por exemplo, a atleta Jessica Augusto, a basquetebolista Ticha Penicheiro, o, múltiplas vezes, campeão de Rali Sébastien Loeb, e o motociclista Valentino Rossi.

Depois da entrevista, o género que foi anunciado na capa mais vezes foi a reportagem (10). E neste género, o jornal deu atenção a outras modalidades, que não o futebol. Desde logo, uma das reportagens foi anunciada como: “O Natal espanhol nas modalidades do Dragão”⁴⁸⁹, depois houve ainda “C.A.L.E. : o fenómeno de Leça da Palmeira”⁴⁹⁰, sobre um clube de andebol; “Oporto Golf Club: o mais antigo da Península”⁴⁹¹, e ainda “O miúdo de 12 anos que pôs o Hóquei na TV”⁴⁹². Depois três reportagens deram destaque a clubes de escalões secundários do futebol português (D. Chaves, Limianos e Arouca), uma realçou a curiosidade da “História do sócio que aprovou as contas sozinho”⁴⁹³, sobre o clube Naval 1º de Maio, e com o título: “O militar que não tinha mais nada para fazer”⁴⁹⁴, e uma outra anunciava que “A família-futebol tem Gama no nome”⁴⁹⁵.

As restantes mantêm o futebol como tema principal, como se pode perceber nos títulos: “Uma empresa para mimar craques da bola”⁴⁹⁶, e “O mercado francês rendido ao Dragão”⁴⁹⁷.

Para além destes géneros, na capa do jornal ainda surgiram referências a sondagens (5), e inquéritos (5), tal como a quatro perfis, dois dos quais, anunciados na mesma chamada de capa, onde se lia: “Perfil dos líderes – Pinto da Costa vs António Salvador”⁴⁹⁸, outro sobre, o então novo administrador financeiro da S.A.D. do F.C. Porto: “Angelino Ferreira: a palavra e os números”⁴⁹⁹, e por fim, “Paulo Bento em ‘privado’ ”⁵⁰⁰.

⁴⁸⁹ *O Jogo*, 25 de Dezembro de 2010, p.1.

⁴⁹⁰ *O Jogo*, 20 de Janeiro de 2010, p.1.

⁴⁹¹ *O Jogo*, 3 de Março de 2010, p.1.

⁴⁹² *O Jogo*, 13 de Março de 2010, p.1.

⁴⁹³ *O Jogo*, 27 de Maio de 2010, p.1.

⁴⁹⁴ *Ibidem*

⁴⁹⁵ *O Jogo*, 27 de Dezembro de 2010, p.1.

⁴⁹⁶ *O Jogo*, 24 de Dezembro de 2010, p.1.

⁴⁹⁷ *O Jogo*, 14 de Junho de 2010, p.1.

⁴⁹⁸ *O Jogo*, 21 de Fevereiro de 2010, p.1.

⁴⁹⁹ *O Jogo*, 5 de Fevereiro de 2010, p.1.

⁵⁰⁰ *O Jogo*, 21 de Setembro de 2010, p.1.

Títulos falsos, ou divorciados⁵⁰¹?

Este tema dos títulos falsos pode ser visto de duas perspectivas bastante distintas. Se atentarmos na ideia de notícia para Abraham Moles, esta deve ser entendida como “a narrativa de um acontecimento, de uma parcela da vida individual ou colectiva, de algo verdadeiro ou falso, provado ou não, um rumor” (Martinez, 2002), conceito este que entende ou engloba, ao contrário de Martinez Albertos (2002), por exemplo, a ideia de falsidade no texto jornalístico, suscitando uma pertinente discussão em torno da verdade como elemento intrínseco ou constitutivo do texto jornalístico. Em A. Moles o que é determinante é o momento da publicação, ou seja o conteúdo do texto publicado, independentemente da sua confirmada veracidade. Nessa linha de pensamento podemos, então, estender tal conceito à titulação, no sentido de que esta, especialmente nos títulos informativos/indicativos, reflecte o essencial do que está contido na notícia. Ou seja, para o autor, não existem títulos, ou notícias falsos.

A outra perspectiva, talvez a mais consensual, é defendida por diversos autores. Se não vejamos: “Basta folhear qualquer jornal, em qualquer dia, para tropeçar num festival de divórcios entre títulos e notícias. (...) O descasamento, por incompatibilidade de gêneros, entre títulos e lides é tão frequente que deixa de ser um erro para forjar uma técnica de conferir impacto, sensacionalizar fatos banais, e assim atrair a atenção do público. Há, ainda, razoável dose de incompetência na preparação das pequenas frases que devem ser tão fiéis às notícias quanto estas aos factos.”⁵⁰²

Esta temática é um pouco controversa. O que é certo é que ao longo do período em análise, deparei-me com títulos, tanto nas manchetes, como nas chamadas de capa, que não se confirmaram. Talvez fosse importante perceber se estes títulos são falsos, ou se apenas estão divorciados da notícia que veiculam. Contudo, não será fácil perceber esta última situação, uma vez que este trabalho se centra apenas na informação veiculada na capa, logo, não é possível perceber se a notícia no interior do jornal confirma o título, ou se ressalva uma possibilidade de a realidade não ser, de forma precisa, aquela que é transmitida no título. Quando na capa estiver informação que permita chegar a essa conclusão, tal será alvo de análise.

Mas importa perceber qual a definição de título falso, no âmbito deste estudo. Será, então, considerado título falso aquele que estiver, na sua globalidade, de acordo com a notícia, mas que esta não corresponda à verdade do que se veio depois a confirmar.

⁵⁰¹ “Títulos se divorciam das notícias e mentem para atrair atenção do leitor”, cit. In (Alves, 2003: 39).

⁵⁰² Denúncia do Instituto Gutenberg (Janeiro/Fevereiro 1997), do Brasil, com o título: “Títulos se divorciam das notícias e mentem para atrair atenção do leitor”, cit. In Alves, 2003.

Títulos falsos no jornal *Record*

O jornal *Record* foi o diário que mais “erros” trouxe na sua capa, num total de 13 títulos. Em comum a todos eles, a temática: mercado de transferências. Como vimos no capítulo dedicado a esse tema, o limite entre uma negociação bem sucedida, e um negócio que não se efectua, à última da hora, é muito ténue. E os jornais, como também foi possível perceber, para estarem um passo à frente dos seus concorrentes por vezes arriscam, e antecipam notícias que depois acabam por não se confirmar.

Dos treze títulos falsos encontrados no jornal *Record*, há um que difere de todos os outros. No dia 25 de Agosto surgiu na manchete do jornal o título, “Maylson a caminho do Benfica”⁵⁰³, com o antetítulo “Vieira aceita pedido de Jorge Jesus”, adiantando ainda, num subtítulo, a informação “Médio brasileiro do Grémio custa 2,5 milhões, tem 21 anos e vem substituir Ramires”. Este título não se veio a confirmar. O que difere deste para os restantes casos é que o jornal trouxe, no dia seguinte, o desmentido numa chamada de capa em que se lia, “Vieira nega Maylson ao treinador”⁵⁰⁴, ou seja, esta informação negava directamente aquela que tinha sido lançada no antetítulo da manchete do dia anterior.

O Benfica foi, aliás, o clube que surgiu mais vezes nos títulos falsos do jornal. Para além do caso anterior, houve mais cinco. Mas começemos pelos que figuram no destaque principal da primeira página, assumindo, por isso, maior gravidade. A manchete “Benfica aceita Garay”⁵⁰⁵, com o antetítulo “Real Madrid quer incluí-lo no negócio Garay”, também não se confirmou. O “negócio Di Maria” efectuou-se realmente, mas o clube não aceitou jogadores no negócio, que se fez só com o pagamento do valor exigido pelo clube. Por outro lado, na manchete “Traoré e Salvio no Benfica”⁵⁰⁶, apenas se confirmou o segundo jogador, nunca se tendo certificado a informação veiculada no subtítulo: “Lateral esquerdo do Arsenal tem 20 anos custa 4 milhões e assina por 5 anos”.

Fora das manchetes surgiram ainda mais três títulos falsos relativos ao Benfica: “Acordo total pelo lateral Marcos Alonso”⁵⁰⁷, “Hleb diz sim ao Benfica”⁵⁰⁸ e “Funes Mori a caminho do Benfica – vem por ano e meio e custa 8 milhões”⁵⁰⁹. Este último, apesar de toda a informação divulgada na chamada de capa, cerca de um mês mais tarde, o jornal afirmaria: “Benfica desiste de

⁵⁰³ *Record*, 25 de Agosto de 2010, p.1.

⁵⁰⁴ *Record*, 26 de Agosto de 2010, p.1.

⁵⁰⁵ *Record*, 3 de Junho de 2010, p.1.

⁵⁰⁶ *Record*, 18 de Agosto de 2010, p.1.

⁵⁰⁷ *Record*, 10 de Junho de 2010, p.1 – nunca se confirmou o acordo.

⁵⁰⁸ *Record*, 28 de Agosto de 2010, p.1 – houve acordo entre o Benfica e o Barcelona, detentor do passe do jogador, contudo, este recusou a proposta.

⁵⁰⁹ *Record*, 18 de Novembro de 2010, p.1.

Funes Mori⁵¹⁰, ou seja, este é um dos exemplos em que o jornal se antecipou, e publicou uma informação não correspondente à verdade.

Depois do Benfica, o clube que mais vezes surgiu associado a títulos falsos foi o Sporting (4). Dois desses títulos surgiram em manchetes: “Villas-Boas vai ser o treinador do Sporting”⁵¹¹, mais um caso em que viria a tornar-se público que houve negociações, mas que essas nunca chegaram ao nível de certeza apresentado aqui pelo jornal; e “Viana escolhe o Sporting”⁵¹², com o antetítulo, “Recusa duas propostas de Espanha e regressa pela 3ª vez a Alvalade”. O caso deste título é um daqueles que pode ser apelidado de “divorciado”. Isto é, a informação dada no antetítulo, não está de acordo com a que é dada nos subtítulos, “Secretário-técnico do Valência - «Estamos a negociar»”, e “Acordo só depende de os leões reduzirem massa salarial”. O jogador acabaria por rumar ao Sp. Braga.

Um outro título que encaixa neste género surgiu numa chamada de capa em que se lia: “Vukcevic a caminho do Espanyol”⁵¹³, contudo, o antetítulo deixava a dúvida se o jogador seria “negociado” pelo “caminho”: “Avançado montenegrino do Sporting está a ser negociado”. O que é certo é que o jogador acabou por ficar no clube.

Por fim, no que diz respeito ao Sporting leu-se numa outra chamada de capa “Costinha cede Ricardo Batista ao V. Setúbal. Adrien e Wilson Eduardo também na calha”⁵¹⁴. Contudo, o guarda-redes Ricardo Batista seria cedido ao... Olhanense. Já Adrien e Wilson Eduardo, apesar de também estarem “na calha”, não calhou, nenhum deles ao clube de Setúbal, indo os jogadores para a Grécia, e o Beira Mar, respectivamente.

Em relação ao F.C. Porto, o jornal *Record* só publicou um título falso: “Raul Meireles a caminho do Chelsea”⁵¹⁵. Neste caso o jornal acertou no país em que ia jogar o antigo jogador do F.C. Porto, tendo falhado o clube, uma vez que o jogador assinou pelo Liverpool. Também por uma vez o jornal falhou um título sobre o Sp. Braga, quando noticiou: “Carlão está a caminho”⁵¹⁶, ou então o jogador perdeu-se da rota. Por fim, o jornal noticiou “Carvalho sucede a Vidigal”, sobre uma mudança do treinador da U. Leiria, que viria a ser Pedro Caixinha, e não Carlos Carvalho.

Títulos falsos no jornal *A Bola*

O jornal *A Bola* publicou menos um título falso do que o diário anteriormente analisado. No caso deste periódico, os títulos que se revelaram

⁵¹⁰ *Record*, 29 de Dezembro de 2010, p.1.

⁵¹¹ *Record*, 6 de Março de 2010, p.1.

⁵¹² *Record*, 19 de Junho de 2010, p.1.

⁵¹³ *Record*, 28 de Maio de 2010, p.1.

⁵¹⁴ *Record*, 29 de Maio de 2010, p.1.

⁵¹⁵ *Record*, 4 de Julho de 2010, p.1.

⁵¹⁶ *Record*, 16 de Maio de 2010, p.1.

falsos não foram só na temática de mercado, embora essa volte a dominar, mas também no que diz respeito a renovações de jogadores.

Os clubes em que o jornal se mostrou menos assertivo foram o Sporting e o F.C. Porto, com quatro títulos falsos sobre cada um. Neste último todos os erros aconteceram em notícias sobre transferências de jogadores, e surgiram sempre em chamadas de capa.

Duas delas foram sobre o mesmo jogador: “Kléber faz pré-época”⁵¹⁷, mais um caso em que a certeza do título se divorcia, da incerteza do subtítulo “Avançado está na Madeira mas deve ser chamado para estágio em Marienfeld”; sobre o mesmo jogador o jornal viria a escrever: “Kléber garantido – Avançado do Marítimo vai mesmo ser Dragão, Orlando Sá e Candeias fazem percurso inverso”⁵¹⁸. Este caso é muito particular. O jogador em causa estava emprestado ao Marítimo pelo clube brasileiro Atlético Mineiro. Realmente, o F.C. Porto garantiu o concurso do jogador, contudo, a consumação do negócio só se fez em 2011. Não é de colocar de parte a hipótese de o acordo ter sido conseguido na altura em que *A Bola* o publicou, contudo, um anterior contrato entre o clube brasileiro e o Marítimo não permitiu que o jogador fosse para o F.C. Porto. O que não se veio a confirmar, de todo, foi o “percurso inverso” dos outros dois jogadores que acabaram por reforçar o Nacional... principal “rival” do Marítimo.

As restantes chamadas de capa com informação incorrecta sobre o F.C. Porto foram: “Rodriguez vai ser dragão – central de 26 anos, já estará na apresentação da equipa, depois de amanhã”⁵¹⁹ – o jogador manteve-se no Sp. Braga –; e “Gustavo Lazaretti a caminho do FC Porto”⁵²⁰, mais um caso em que há um divórcio das certezas no título, para as muitas incertezas dos subtítulos: “Pretendido pelo Sporting, vimaranenses ponderam exercer direito de opção”, e “Vinda do empresário do jogador a Portugal deixou acordo quase selado com os dragões”.

Em relação ao Sporting, apenas um dos quatro títulos falsos surgiu na manchete, quando se leu “Pavlyunchenko a caminho do Sporting”⁵²¹. O erro do jornal foi, aquando do título escolhido para a manchete, não ter tido em conta o subtítulo “Falta apenas o sim do internacional russo”. Os restantes erros são relativos às chamadas de capa: “Izmailov a caminho do Lokomotiv de Moscovo por 6,5 milhões”⁵²² – o jogador manteve-se no clube; “Tiago não renova”⁵²³ – o jogador acabou por renovar o contrato; e “Sporting TV no ar em 2010”⁵²⁴, mais

⁵¹⁷ *A Bola*, 16 de Junho de 2010, p.1.

⁵¹⁸ *A Bola*, 5 de Julho de 2010, p.1.

⁵¹⁹ *A Bola*, 30 de Junho de 2010, p.1.

⁵²⁰ *A Bola*, 7 de Maio de 2010, p.1 – manchete com o antetítulo: “Defesa-central brasileiro do V. Guimarães”.

⁵²¹ *A Bola*, 20 de Julho de 2010, p.1.

⁵²² *A Bola*, 13 de Fevereiro de 2010, p.1.

⁵²³ *A Bola*, 22 de Maio de 2010, p.1.

⁵²⁴ *A Bola*, 9 de Março de 2010, p.1.

uma vez não foi tido em conta o subtítulo “Acordo com operadores quase alcançado”.

Em relação ao Benfica houve três títulos falsos, sendo que, dois deles são sobre o mesmo assunto, logo, o erro é o mesmo mas foi repetido. A primeira vez surgiu na manchete “Quim é para ficar”⁵²⁵, com o erro a surgir no antetítulo “Benfica vai apresentar proposta de renovação”, situação que não aconteceu. Cerca de dois meses mais tarde, o jornal voltou ao assunto numa chamada de capa em que se lia “Renovação de Quim vai avançar”⁵²⁶.

O problema do outro título que se revelou falso foi, à semelhança do que já vimos acontecer no jornal *Record*, *A Bola* ter-se antecipado ao fechar do negócio. Mas este tema ocupou espaço na manchete ao longo de quatro dias. Na primeira vez surgiu numa chamada de capa em que se lia: “Hleb para o meio-campo”⁵²⁷, com o antetítulo “Benfica garante Bielorusso”. Contudo, no dia seguinte, a manchete do jornal já não tinha tantas certezas: “Hleb por horas”⁵²⁸, com o antetítulo “Benfica tem negócio quase fechado”. Ainda assim, para que não restassem dúvidas, “Rui Costa foi buscar Hleb”⁵²⁹, segundo se lia na manchete de dois dias depois. O desfecho, veio no dia seguinte, numa chamada de capa que dizia: “Hleb descartado”⁵³⁰.

O último exemplo de um título falso no jornal *A Bola* foi referente ao Sp. Braga, quando se leu: “Stojkovic é reforço”⁵³¹, com o antetítulo “Sporting empresta jogador e reaviva interesse em Alan”. Esta notícia, apesar da certeza demonstrada pelo jornal, não se viria a confirmar.

Títulos falsos no jornal *O Jogo*

Dos três diários, *O Jogo* foi o que trouxe menos títulos falsos, ao longo do ano de 2010. Estas situações ocorreram cinco vezes neste jornal, mais uma vez, sempre em notícias relativas a transferências, e nunca surgiu um título deste género numa manchete. O único clube que teve mais do que uma vez este género de títulos foi o Benfica, num tema que é repetente, dos outros jornais, pelo que o erro também é recorrente. Num dia surgiu uma chamada de capa onde se lia “Hleb será reforço para Jesus”⁵³², perdendo-se algumas certezas no antetítulo “Iminente a contratação do ala-esquerdo do Barcelona”. Dias depois o jornal voltaria ao tema com o título “Benfica tem tudo certo com Hleb”⁵³³ e o subtítulo “A limar arestas do acordo de empréstimo com o

⁵²⁵ *A Bola*, 16 de Março de 2010, p.1

⁵²⁶ *A Bola*, 13 de Maio de 2010, p.1.

⁵²⁷ *A Bola*, 27 de Agosto de 2010, p.1.

⁵²⁸ *A Bola*, 28 de Agosto de 2010, p.1.

⁵²⁹ *A Bola*, 30 de Agosto de 2010, p.1.

⁵³⁰ *A Bola*, 31 de Agosto de 2010, p.1.

⁵³¹ *A Bola*, 14 de Julho de 2010, p.1.

⁵³² *O Jogo*, 27 de Agosto de 2010, p.1.

⁵³³ *O Jogo*, 29 de Agosto de 2010, p.1.

Barcelona”. Pelo que foi tornado público, neste negócio o que falhou foram as negociações com o jogador.

Outro clube ao qual surgiu associado um título falso foi o Sporting, quando se leu “Inter dá 18 milhões por Veloso”⁵³⁴ – notícia que não se confirmou. Também a notícia “Pereirinha por empréstimo”⁵³⁵, segundo o jornal, para o Sp. Braga, não se confirmou, à semelhança de uma outra que anunciava “Belenenses contratou José Mota”⁵³⁶, quando o treinador contratado pelo clube foi Baltemar Brito.

⁵³⁴ *O Jogo*, 19 de Maio de 2010, p.1.

⁵³⁵ *O Jogo*, 23 de Junho de 2010, p.1.

⁵³⁶ *O Jogo*, 6 de Junho de 2010, p.1.

Crítérios na selecção da informação das capas dos jornais:

Depois de analisadas as capas dos três jornais desportivos, relativas ao ano 2010, a conclusão a que chego é que os critérios de noticiabilidade destes periódicos são uma “adaptação” dos critérios que vários estudiosos já encontraram. Assim, o principal critério de noticiabilidade é o futebol, presente, como vimos, em, muito perto de 100% das manchetes analisadas. Esse é o principal predicado que uma notícia teve de ter, para surgir na manchete dos jornais.

Mas voltemos ao estudiosos, para perceber melhor a adaptação, de que falo. Mauro Wolf defende num dos seus estudos que “os valores notícia derivam de pressupostos implícitos, ou de considerações relativas” (Wolf, 2009: 200), entre as quais encontram-se as “características substantivas das notícias” (*Ibidem*: 200). Segundo o autor, “os critérios substantivos articulam-se, essencialmente, em dois factores: a importância e o interesse da notícia. Afirmar-se que uma notícia é escolhida por ser importante ou interessante, não é suficientemente explícito até se especificarem, posteriormente, os dois valores/notícia” (*Ibidem*: 200-201).

A primeira variável definida pelo autor, para determinar a importância é: “Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, quer no que respeita às instituições governamentais, quer aos outros organismos e hierarquias sociais” (*Ibidem*: 201). Ora, estando a analisar jornais desportivos, tentemos substituir, onde se lê “às instituições governamentais”, por “aos clubes de futebol”, e onde se lê “aos outros organismos e hierarquias sociais”, por “aos outros organismos e hierarquias desportivas”. Ficamos, então com o seguinte enunciado, da variável que determina a importância: Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, quer no que respeita, aos clubes de futebol, quer aos outros organismos e hierarquias desportivas.

Se fizermos este exercício passamos a perceber muito melhor as premissas pelas quais se guiam os jornais desportivos, podendo, então concluir que os chamados “três grandes” são aqueles, cujos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, são os mais importantes, logo, com maior probabilidade de aparecer.

Mas continuemos este exercício. A segunda variável identificada por Mauro Wolf é o “Impacte sobre a nação e sobre o interesse nacional” (*Ibidem*: 202). “Para ser noticiável, o acontecimento deve ser significativo, isto é, «susceptível de ser interpretado no contexto cultural do ouvinte ou do leitor» (Galtung – Ruge, 1965, 117): a sua relevância quanto ao sistema de valores ideológicos e aos interesses do país em questão, determina a importância de um acontecimento” (*Ibidem*: 202). Ora, neste caso, para perceber esta premissa não é necessário substituir palavras. Basta, em vez disso, explicar que o leitor de um jornal desportivo, em Portugal, por norma, interessa-se, por futebol – o chamado “desporto-rei”, e em particular, pelo que acontece no seu

clube. E no nosso país, a norma, é um adepto de futebol ser fã de um dos três maiores clubes.

Assim, os jornais parecem jogar com esse factor, apostando quase todas as fichas em notícias relativas ao futebol desses três clubes, como pudemos perceber pela análise das manchetes e das chamadas de capa dos diários desportivos portugueses. Deixam, contudo, algum espaço ao patriotismo, e dedicam algumas das suas páginas à selecção nacional. Ainda assim, é importante notar que o ano em análise terá uma maior incidência de manchetes relativas à selecção, uma vez que se disputou, em 2010, uma grande competição de selecções, logo, a equipa esteve mais tempo concentrada, efectuou mais jogos, merecendo, por isso, maior atenção por parte dos diários desportivos.

Voltando a Mauro Wolf, outro dos valores notícia importantes é a “proximidade, quer como vizinhança geográfica, quer como afinidade cultural” (*Ibidem*: 203). No caso dos jornais desportivos assume maior importância, a questão da “proximidade cultural”. Essa realidade percebe-se, sobretudo se nos lembrarmos da realidade das chamadas de capa da categoria que defini como “Pessoa individual”. Nessa categoria as pessoas que surgiram em maior número de chamadas de capa foram figuras ligadas ao futebol que, apesar da distância física, mantêm uma grande proximidade cultural. José Mourinho, Cristiano Ronaldo, Nani, Simão, só para dar os nomes de algumas das figuras com maior número de chamadas de capa, são destacados por serem portugueses, que apesar de terem as suas carreiras cimentadas fora do país, despertam grande interesse nos leitores, ávidos por saber dos seus sucessos.

A terceira variável que segundo o autor ajuda a determinar a importância de um acontecimento é a “quantidade de pessoas que o acontecimento (de facto ou potencialmente) envolve” (*Ibidem*: 203). Este pode muito bem ser um argumento para percebermos o destaque dado pelos jornais a cada clube. *A Bola* e o *Record* são jornais cujas principais redacções são em Lisboa. *O Jogo* tem a maioria do seu público no Porto, como mostram as suas tiragens. O que é que isto quer dizer?

Atentemos no seguinte: segundo é sabido, o Benfica é o clube com maior número de simpatizantes no país, seguido de Sporting e do F.C. Porto, respectivamente, em segundo e terceiro lugar. Ora, o que os dois jornais com sede em Lisboa fazem, no fundo, é seguir este critério, dando maior atenção aos clubes que podem ter um maior número de pessoas envolvidas, ou neste caso, interessadas – o Benfica e o Sporting, seguido do F.C. Porto.

A cidade do Porto é, como local de onde é originário o F.C. Porto, e pela lógica, o sítio onde se concentra maior número de adeptos do clube. Uma vez que o jornal *O Jogo* tem a maior parte dos seus leitores nesse distrito, joga também com esse factor, dando a maior parte da atenção a esse clube, que, ainda para mais, tem menor atenção por parte dos outros dois desportivos, o que faz com que este seja um mercado pouco explorado, dando ao jornal mais leitores deste nicho, em particular.

A partir daqui entra em acção o valor notícia do “interesse” que “provoca uma avaliação mais compósita, mais aberta às opiniões subjectivas, menos vinculativas para todos” (*Ibidem*: 205). Mais discutíveis, acrescentaria eu.

“O interesse da história está estreitamente ligado às imagens que os jornalistas têm do público e também ao valor/notícia que Golding e Elliott definem como «capacidade de entretenimento». São interessantes as notícias que procuram dar uma interpretação de um acontecimento baseada no aspecto do «interesse humano», do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção” (*Ibidem*: 205). E os jornais desportivos cumprem esse papel de entretenimento. Apesar de, por vezes puderem ser criticáveis as opções tomadas pelas direcções dos jornais, o que é facto é que as vendas dos jornais desportivos não revelam tendência para descer, o quer dizer que a maioria do público está satisfeita – ou conformada – com o produto que lhe chega diariamente às mãos.

Quero com isto dizer que “não há muita utilidade em fazer um tipo de jornalismo aprofundado e cuidadoso, se a audiência manifesta o seu aborrecimento”⁵³⁷, deixando de comprar o jornal. O mesmo critério poderá ser utilizado pelas direcções dos jornais para se defenderem da pouca atenção que dão às modalidades. Isto é, será que o interesse dos leitores se manteria, se durante dias seguidos não fosse o futebol a figurar na manchete? A resposta parece-me que é não. De facto, apesar de não ter factos em que sustentar esta minha opinião, parece-me que o futebol é que dá vida aos jornais desportivos portugueses. Qualquer outra modalidade teria, por questões sociais, grandes dificuldades para manter tantos leitores fidelizados.

Esta questão faz-nos voltar ao início deste estudo, para lembrar que os jornais desportivos, e o futebol, em Portugal, cresceram juntos. Como dois amigos que se conhecem na infância, e que nunca mais se largam. Podem aparecer outros amigos, mas a amizade principal não se perde, antes pelo contrário, cresce à medida que o tempo passa. Juntam-se amigos que se tornam comuns, mas que não conseguem interferir numa amizade que dura há uma vida. Só que neste caso o futebol e o jornalismo não se chateiam. Ambos cresceram, mas não têm desavenças. E um sem o outro torna-se pouco viável. Além disso não dão mostras de se querem separar. Cimentaram as suas vidas sempre em conjunto, e quem os acompanha diariamente não os concebe um sem o outro, pois não seria, sem qualquer tipo de dúvida, a mesma coisa. E, como diz a sabedoria popular, “em equipa que ganha não se mexe”.

Mudar para alargar horizontes? Talvez, na opinião de quem comanda os jornais, essa questão não se coloque. Seria arriscar. E com a notabilidade que este tipo de jornalismo já atingiu, e mantém, todos os dias, não será de arriscar muito. Por isso, augura-se uma vida próspera a este tipo de jornalismo. Que viva, então. Cá estaremos para o acompanhar, e sempre que possível/necessário, proceder a alguma

⁵³⁷ (Golding – Elliott, 1979), cit. In (Wolf, 2009: 205).

Conclusão

Chegado ao fim desta análise, são muitas as conclusões que podem ser tiradas, com base na leitura e apreciação das capas dos três diários desportivos, onde a ideia de conflito, essa palavra-chave do jornalismo está tão presente (Chaparro, 2001). Desde logo, parece-me clara uma particularidade do jornalismo desportivo português: o principal mundo em que se movimenta não é tanto o da novidade. Diria mesmo, que a rotina tem o lugar de maior destaque dos jornais desportivos. O dia-a-dia dos “três grandes” é mais importante, ou mais noticiável, para os diários desportivos, do que a novidade. Até porque, esta última é mais falível. É um terreno mais movediço, e menos fiável. Mais susceptível a erros, ainda que isso não pareça, muitas vezes, afectar os leitores, que se mantêm fiéis a este tipo de jornalismo. Uma grande novidade que, inúmeras vezes, faz manchetes de jornais é o facto de um jogador novo no clube ter marcado um golo num treino. Arrisco-me a dizer, então, que a novidade, na rotina, é uma realidade muito alternativa, no nosso jornalismo desportivo, principalmente, no trato do futebol.

Só o facto de a rotina ser tão interessante de ser seguida pode justificar que tantas manchetes sejam feitas com base no que se chamam os pseudo-acontecimentos⁵³⁸, ou acontecimentos de rotina que, segundo, Molotch e Lester se distinguem “pelo facto de os *happenings* subjacentes em que presumivelmente se baseiam serem realizações intencionais, e por as pessoas que se encarregam dos *happenings* («os executores») serem idênticas àquelas que os promovem em acontecimentos. Os acontecimentos de rotina são intencionais, pré-planeados, e promovidos pelo próprio organizador. Ao contrário do mito do jornalismo o que ‘acontece’, os acontecimentos de rotina constituem a maior parte dos acontecimentos noticiados” (Traquina, 2002: 206)

Neste caso específico, os pseudo-acontecimentos a que me refiro são as conferências de imprensa. Estes acontecimentos impulsionados pelos clubes, para se auto-promoverem, ou fazerem passar a informação que desejam que seja difundida, são a base para muitas das manchetes que surgem diariamente com frases fortes de treinadores, ou jogadores. O facto de os jornalistas saberem que através destes acontecimentos têm a certeza de que vão conseguir ocupar o espaço destinado às notícias, acomoda-os. Não os faz ir em busca de notícias, e isso torna o jornalismo mais pobre.

Como explica Mauro Wolf, citando Gans “há órgãos de informação rivais que «ainda tentam fazer ‘caixas’⁵³⁹, em prejuízo dos concorrentes; no entanto dado que os *mass media* têm correspondentes, virtualmente, nos mesmos locais, a possibilidade de chegarem com uma notícia primeiro do que aqueles

⁵³⁸ Expressão de Daniel Boorstin, que se refere assim aos acontecimentos que não são espontâneos, são feitos para serem difundidos, têm uma relação ambígua com a realidade, e têm uma lógica auto-profética., isto é, desaparecem ao acontecer.

⁵³⁹ Por lapso na tradução, onde se lê “caixas”, deveria ler-se “cachas”.

que, outrora, ‘fechavam o jornal enquanto estava a imprimir’ diminuiu. Pelo contrário, os *mass media* competem na obtenção de exclusivos, na invenção de novas rubricas e na feitura de pequenas ‘caixas’ sobre os pormenores. Em consequência deste facto, acentuam-se, indubitavelmente, os impulsos para a fragmentação, para centrar a cobertura informativa nas personalidades de elite e para todos os outros factores co-responsáveis pela distorção informativa que pretere uma visão, articulada e global, da realidade social” (Wolf, 2009: 314).

A importância que assumem, nos jornais desportivos, os “clubes de elite”, chamemos-lhes assim, já para não falar no que se poderia chamar “desporto de elite”, eleva qualquer notícia que poderia ser considerada menor, à categoria de merecedora de um destaque na primeira página. E isso, muitas vezes, adultera a informação, relegando para segundo plano informações mais relevantes, ou de maior mérito.

Nesta análise fica, ainda, a certeza de que o futebol é o desporto que alimenta as páginas dos jornais desportivos. Esta é uma realidade que se arrasta há muito tempo, e que surge sistematicamente como uma das principais críticas ao jornalismo desportivo. Se não vejamos: já em 1973, em resposta aos críticos que preferiam chamar “imprensa futebolística” (Pinheiro, 2011: 340) à imprensa desportiva, “o *Mundo Desportivo* reconhecia o seguinte: «Toda a imprensa desportiva em Portugal é, de facto, ‘desportiva’, embora, logicamente, e porque os jornais se fazem para ser lidos (e o futebol ajuda largamente a difundir jornais, caso contrário a própria imprensa diária não teria chegado à conclusão de que lhe é necessário, para captar o público, dar maior desenvolvimento ao desporto e, fundamentalmente, ao futebol), ela tenha de dar ao desporto-rei uma outra dimensão» ” (*Ibidem*: 340).

O crescimento do futebol no nosso país fez-se sustentado no jornalismo desportivo. E a verdade é que, dificilmente, um outro desporto pode conseguir atingir um nível de destaque a nível tão profissional, sem o apoio dos media, na sua promoção. Talvez fosse importante recuperar um pouco do espírito da causa desportiva que esteve na origem do jornalismo desportivo, para que mais desportos possam alcançar maiores sucessos.

Até porque, como nota Joseph Maguire “as fontes tradicionais de receitas, isto é, espectadores e patrocínios, têm perdido importância. As organizações desportivas têm de assegurar a obtenção de suficiente exposição e visibilidade no mercado dos patrocinadores e apoiantes. Isso é assegurado pela cobertura mediática. A posição hegemónica de certos desportos neste complexo media-desporto exige que desportos menos poderosos se adaptem ao estilo e ao formato dos desportos dominantes” (Maguire, 2004: 19).

E o que se disse em relação às modalidades, também serve para fazer a defesa dos clubes mais pequenos, que são alvo de menor atenção. Muitas vezes, ao longo desta análise, me deparei com uma realidade que não deixa de ser preocupante: há clubes que apenas aparecem quando vão jogar com os “três grandes”. Se a lógica imperar sempre, nesses jogos, a possibilidade desses clubes obterem “publicidade” positiva no que se refere ao rendimento

desportivo, é diminuta, logo, esses clubes menos poderosos, aparecem mais vezes com uma fraca imagem, que não os ajuda a crescer.

No fim desta análise sinto-me em posição de afirmar que os critérios de escolha da informação que figura nas manchetes dos jornais são, predominantemente, económicos. As capas são construídas com base no que interessa à maior fatia do público. É isso que justifica um tão grande destaque para os maiores clubes. Já no que diz respeito às chamadas de capa parece haver um maior equilíbrio, ainda que o maior destaque volte a ser para os clubes grandes. Além disso, a insistência em fazer manchetes com possíveis reforços para as equipas, mesmo que, muitas vezes não haja, pelo menos aparentemente, bases sólidas para tais anúncios, parece fazer parte da vertente mais economicista dos jornais.

E neste aspecto, não posso deixar de sublinhar que o jornal *Record*, por tudo o que foi mostrado na sua análise é o jornal mais comercial, chamemos-lhe, assim. É aquele que insiste de forma mais persistente em notícias que parecem ter como principal objectivo vender jornais, como é o melhor exemplo disso, o facto de ser o jornal que dá maior destaque ao mercado de transferências e, conseqüentemente, aquele que mais vezes falha nessa temática. O jornal aposta em temas apelativos para os leitores, mas cuja qualidade da informação é menor. Além disso, é o jornal que menos destaque dá à selecção nacional, preferindo ter um maior número de edições com temas que lhe asseguram um maior número de vendas.

Mas no tornar apelativo é que parece estar o ganho. Só assim se justifica o tipo de títulos que pulula pelas manchetes dos jornais desportivos. Se bem que, para sermos verdadeiros, este é o tipo de títulos a que o habitual leitor está acostumado. E mudar nesse aspecto poderia não ter efeitos positivos. Pessoalmente, não penso que esses títulos sejam prejudiciais. Digo-o porque os leitores de diários desportivos são um público muito especial, que está habituado a saber, por exemplo, quem são “águias”, “leões”, ou “dragões”. Porque já faz parte da sua sabedoria perceber os títulos que são feitos “em códigos”, que mais facilmente do que pode parecer são descodificados.

Prejudiciais são aqueles que foram identificados como os títulos falsos, que em nada contribuem para a credibilidade deste tipo de jornais. E que podendo trazer alguns proveitos no imediato, no que se refere a vendas, num prazo mais alargado pode tornar-se alvo de críticas de um público, cada vez mais exigente, e com maior disponibilidade de fontes de informação.

Voltando à questão referente às técnicas para tornar os jornais mais apelativos, não posso deixar de notar a grande importância que assume, hoje em dia, a técnica da “personalização”, que tem o mérito de tornar a informação mais objectiva, e de mais fácil e rápida aceitação. Neste ponto, as figuras mais presentes, por norma, são os treinadores que têm uma maior exposição pública, o que se reflecte, depois, numa maior exposição a críticas.

Os jornais desportivos portugueses “vestem a camisola”⁵⁴⁰?

A resposta, tal como já tinha sido dada por João Nuno Coelho é afirmativa. Os jornais, mais uns do que outros “vestem a camisola” da selecção nacional, como, penso que ficou, mais uma vez, demonstrado no capítulo que dediquei ao tema. E aí, principalmente quando dedicam manchetes negativas à selecção, sem qualquer pejo de mostrar indignação perante resultados menos conseguidos, podemos perceber melhor do que em qualquer outra situação, o papel que este tipo de imprensa cumpre como actor e testemunha (Bale, 2003). Ao “vestirem a camisola” reagem como o adepto comum, e são actores que demonstram descontentamento, por aquilo que testemunham.

Mas o maior interesse nesta questão será perceber se os jornais vestem a camisola de um clube. Como referi na introdução deste trabalho, a minha intenção não era dar respostas definitivas para esta questão. Contudo, penso estar em posição de fazer algumas considerações sobre o tema.

A análise de um ano de um jornal desportivo, não é suficientemente representativo para poder dar respostas inatacáveis sobre este tema. Se não vejamos o seguinte exemplo. No ano de 2010, o Sp. Braga atingiu resultados desportivos que nunca tinha alcançado antes. Isso fez com que, depois dos “três grandes” tivesse um destaque muito maior do que os outros clubes. Contudo, eu, considerando-me uma pessoa atenta, no que diz respeito ao jornalismo desportivo, arrisco afirmar que este ano não é representativo daquilo que foi o acompanhamento dado ao clube, por exemplo, nos últimos cinco anos. O sucesso tem o dom de dar maior visibilidade, logo, este clube evidenciou-se de uma forma como, talvez, não haja memória.

A exemplo do que sucedeu com o Boavista. Há cerca de dez anos foi campeão nacional, e foi muitas vezes notícia. Actualmente, está praticamente esquecido, pelos jornais desportivos, e, no ano aqui em análise, nas 1090 capas analisadas teve direito a uma chamada de capa.

Quero com isto dizer, que as opções tomadas por um jornal durante um ano, não serão, obrigatoriamente as mesmas que no ano anterior, ou no seguinte. No que não diz respeito aos três clubes grandes do nosso futebol, a representatividade nos jornais depende do rendimento desportivo. Os “três grandes” mantêm sempre grande visibilidade, mesmo que o sucesso não seja o esperado, estando fora desta equação.

Mas voltando à questão do “vestir a camisola”. Do que me foi possível perceber, há claras preferências de determinados jornais em notícias relativas a certos clubes. Mais do que isso, como realcei, há proximidade, por exemplo do jornal *A Bola* ao Benfica, e do jornal *O Jogo* ao F.C. Porto, que se faz notar em alguns pormenores que foram evidenciados, sendo, no meu entender, os exclusivos, os melhores exemplos. Há também reacções dos jornais que se

⁵⁴⁰ Sirvo-me aqui, da expressão utilizada por João Nuno Coelho, no seu artigo: “ «Vestir a camisola» - jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol”.

situam mais próximas de uma típica reacção de um adepto, do que aquilo que seria de esperar por parte dos jornais. Mas isso, podem ser apenas técnicas para, ao se aproximarem dos sentimentos de um adepto, se tornarem mais apelativos. Esta é uma questão que, dificilmente se conseguirá responder de forma definitiva, sem que haja um tomar de posição claro, dos jornais.

Aqui ao lado, na vizinha Espanha, por exemplo, a proximidade de certos jornais a determinado clube é editorialmente assumida, e quem compra o jornal *Marca* não espera encontrar grandes elogios aos feitos do F.C. Barcelona. Da mesma forma, que uma pessoa que compre o *Diario Sport*, não espera deparar-se com palavras de louvor ao Real Madrid. Contudo, o facto de estas proximidades serem admitidas editorialmente, não dá tanto azo a especulação, sendo, contudo, tanto ou mais criticáveis.

Um ponto muito importante deste meu estudo encontra-se no facto de ter conseguido confrontar os directores de dois dos três diários desportivos que tive sob análise. Vítor Serpa, director de *A Bola*, e José Manuel Ribeiro, director de *O Jogo*, deram, com as entrevistas que me concederam, um ponto de vista importantíssimo neste estudo: o ponto de vista dos jornais desportivos. Durante as conversas mantidas com estes directores foi possível falar de vários aspectos da imprensa desportiva, e fica patente a ferocidade da rivalidade existente entre títulos. Infelizmente, e apesar de alguma insistência da minha parte, Alexandre Pais, director do jornal *Record* não mostrou disponibilidade para dar o seu importante contributo para este “direito de resposta”, chamemos-lhe assim.

É, de facto, uma pena que nos diversos contactos mantidos inicialmente com o director, e depois com a secretária de direcção do jornal, o primeiro se tenha mostrado sempre irredutível na sua posição. A maior abertura que mostrou foi para responder, “ele ou um dos outros directores de *Record* a meia dúzia de perguntas colocadas por escrito.” Contudo, essa possibilidade não se colocava, pois uma entrevista que seria feita por *e-mail* não teria, nem de perto nem de longe o mesmo valor, que uma outra que pudesse ser presencial, como as concedidas pelos outros dois directores. Digamos que, para empregar a terminologia jornalística, assumimos para esta matéria uma decisão editorial de que jamais abriríamos mão. Entendemos que só fazia sentido entrevistar os directores dos jornais em causa e foi essa posição que mantivemos, por coerência, equilíbrio e respeito entre todos os intervenientes.

Contudo, no âmbito do presente estudo este não foi o único problema encontrado. De todas as dificuldades com que me deparei, há uma que penso que será importante denunciar: *O Jogo* não traz assinalado em nenhuma parte do jornal se estamos perante a edição Norte, ou a edição Sul. Na maioria das manchetes, esse problema deixa de existir se der para ter as duas edições, para as comparar. Contudo, há dias em que apenas há uma edição, e nesses, não havendo a possibilidade de comparação, nem a informação de que se trata de uma edição única, torna-se complicado fazer uma análise sem falhas.

Esse problema torna-se mais grave se atentarmos na seguinte questão: tal como foi mostrado ao longo deste trabalho, a edição Norte de *O Jogo* é claramente a mais vendida. Contudo, os exemplares deste título são enviados para depósito legal, a partir de Lisboa, e apenas é enviada uma edição – normalmente, a edição Sul. Corre-se, portanto o risco, de se estar a perder, neste momento, aquela que é a edição com maior expressão do jornal.

É importante referir que, nem nas bibliotecas municipais do Porto que fazem depósito legal, está a ser guardada a edição Norte do jornal. Mais tarde, quando for necessário recorrer a este título, o mais certo é ter-se acesso apenas a uma edição que ainda é um pouco marginal, do ponto de vista das vendas do jornal. Isto porque, a forma como solucionei o problema não é eterna. Ou seja, há bibliotecas, nomeadamente, a Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia, que guardam, neste caso durante dois anos, todos os jornais que têm disponíveis nas suas salas de leitura. Contudo, a escassez de espaço que existe neste tipo de bibliotecas apenas permite guardar os jornais durante um período mínimo de um ano, e máximo de cinco, dependendo do título. Isto quer dizer que todos os anos se estão a perder jornais que podem não estar a ser guardados por ninguém, o que, no meu entender é grave.

A acrescentar a este facto, há que alertar, que para se ter acesso a um exemplar do jornal, recorrendo ao Arquivo que fica na sede do mesmo, são cobrados cerca de 30€ por cada primeira página de *O Jogo*, e aproximadamente 5€, no caso de um estudante – que tem um desconto de 50% – por cada página interior do jornal. A soma destas dificuldades chegou a colocar em causa a análise do jornal, contudo, é de enaltecer a disponibilidade demonstrada por alguns responsáveis do jornal, nomeadamente, a do director José Manuel Ribeiro, e da secretária de direcção Carla Ferreirinha. Ainda que não lhes tenha sido possível resolver o problema, mostraram grande abertura para ajudar.

Bibliografia

- Albertos, José Luiz Martinez (2002), *Curso general de redaccion periodística*, Thomson Paraninfo, Madrid
- Alves, Dinis Manuel (2003), *Foi você que pediu um bom título?* Coimbra, Quarteto.
- Balle, Francis (2003), *Os Media*, Campo das Letras.
- Chaparro, Manuel Carlos (2001), *Linguagem dos conflitos*, Minerva Coimbra.
- Coelho, João Nuno (2004), " *Vestir a camisola*" - *jornalismo desportivo e a seleção nacional de futebol. Media e Jornalismo - Media e Desporto* , pp. 27-39, Minerva Coimbra, Coimbra
- Coelho, Paulo Vinicius (2003), *Jornalismo Esportivo*, Editora Contexto, São Paulo.
- Correia, Fernando, & Batista, Carla (2007), *Jornalistas do ofício à profissão - Mudanças no jornalismo português (1956-1968)*, Caminho, Lisboa.
- Figueira, João (2007), *Os jornais como actores políticos - O Diário de Notícias, Expresso e Jornal Novo no Verão Quente de 1975*, Minerva Coimbra, Coimbra.
- Fontcuberta, Mar de (1999), *A notícia*, Editorial notícias.
- Maguire, Joseph (2004), Pontos e questões chave no complexo desporto-media globais. *Media & Jornalismo - Media e Desporto* , pp. 7-26, Minerva Coimbra, Coimbra.
- Pinheiro, Francisco (2011), *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Edições Afrontamento, Porto.
- Szymaniak, Włodzimierz Józef, & Pinto, Mário (2005), *Títulos das Notícias - Recursos retórico-estilísticos, intencionalidade ou acaso?* Minerva Coimbra, Coimbra
- Traquina, Nelson (2002), *Jornalismo*, Quimera.
- Wolf, Mauro (2009), *Teorias da Comunicação* (10ª ed.), Editorial Presença, Lisboa.

- “A Bola”, 2010.

- “O Jogo”, 2010.

- “Record”, 2010.

- www.jornalistas.online.pt/getfile.asp?tb=FICHEIROS&id=647

Anexos